



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

A Travessia do Analógico para o Digital:
As Mudanças no Processo de Produção de Notícias
na TV Paraíba

Luciellen Souza Lima

Orientador: Profa. Dra. Sandra Moura

João Pessoa

Abril / 2015

L732t Lima, Luciellen Souza.

A travessia do analógico para o digital: as mudanças no processo de produção de notícias na TV Paraíba / Luciellen Souza Lima.- João Pessoa, 2015.

99f. : il.

Orientadora: Sandra Moura

Relatório Final (Mestrado) - UFPB/CCTA

1. Jornalismo. 2. Produção jornalística. 3. Telejornalismo.
4. TV Digital. 5. Processo de produção de notícias.

UFPB/BC

CDU: 070(043)



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

**A Travessia do Analógico para o Digital:
As Mudanças no Processo de Produção de Notícias
na TV Paraíba**

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, área de concentração em Produção Jornalística, linha de pesquisa Processos, Práticas e Produtos.

Luciellen Souza Lima

Orientador: Profa. Dra. Sandra Moura

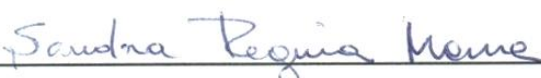
João Pessoa

Abril / 2015



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Comunicação, Turismo e Artes
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

O Relatório Final de **Luciellen Souza Lima**, intitulado “A Travessia do Analógico para o Digital: As Mudanças no Processo de Produção de Notícias na TV Paraíba”, foi aprovado pela banca examinadora.



Profa. Dra. Sandra Moura (Orientadora - UFPB)



Prof. Dr. Valdecir Becker (UFPB)



Profa. Dra. Livia Cirne de Azevedo Pereira (UEPB)

Aos meus anjos da guarda de carne e osso que foram essenciais nesta etapa da minha vida: Heliton, Lucia e Raul.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar. Ele me deu o impulso para iniciar, a persistência para permanecer e a força necessária para concluir.

Agradeço imensamente aos meus pais, Lucia e Heliton, que me ensinaram que sempre haverá algo a aprender na vida e a busca pelo conhecimento é um dos caminhos indispensáveis para o crescimento profissional e pessoal. Além deles, meus irmãos (Luciana, Helton, Élid, Héllisson, Lisane e Felipe), toda minha família e a querida Lourdes (minha segunda mãe) foram grandes incentivadores. O apoio e a torcida dessas pessoas queridas foram primordial.

Ao meu marido, colega de profissão e companheiro de mestrado Raul Ramalho, que trilhou comigo, lado a lado, desde a decisão de fazer o processo seletivo até a publicação de artigos, idas a eventos, construção do trabalho final e conclusão. Foi um processo compartilhado e por isso foi mais leve. O carinho esteve presente em cada momento e tudo ficou mais fácil.

Meu muito obrigada a todos os professores que fizeram parte da minha formação no mestrado. Me ajudaram não só na formação acadêmica, mas também na lapidação do meu lado profissional. Agradeço à minha orientadora Sandra Moura e aos componentes da banca, Livia Cirne e Valdecir Becker. Cada um trouxe contribuições importantes para o meu trabalho.

Agradeço aos meus colegas da turma do mestrado que, além de enriquecerem as discussões em sala de aula com suas experiências práticas, compartilharam cada momento de dúvida, angústia e alegria. Dentre os colegas de turma destaco Rackel Cardoso e Gloriquele Mendes, que dividiram muito mais que os quilômetros da BR 230 entre Campina Grande e João Pessoa. A colaboração mútua foram a chave encontrada por nós para minimizar os percalços.

Eu não poderia deixar de agradecer aos colegas da TV Paraíba que contribuíram com meu trabalho, tanto os jornalistas quanto os companheiros da técnica. A colaboração de todos foi essencial. Em especial, agradeço a Carlos Siqueira, que deixou as portas abertas para que a minha pesquisa fosse realizada na emissora e esteve presente em todos os momentos, e aos colegas de profissão e amigos Isis Coelho e Rafael Melo por estarem sempre à disposição e terem facilitado o andamento do meu trabalho.

Sei que muitas outras pessoas contribuíram para o meu percurso no mestrado. A lista seria imensa. Mas, mesmo sem citar os nomes, deixo o meu agradecimento a todas as pessoas que me ajudaram com pequenas atitudes e/ou torceram (e torcem) por mim de forma sincera.

Registro aqui a minha gratidão e a imensa vontade de poder retribuir a cada um e à vida tudo o que recebi. Muito obrigada!

RESUMO EM PORTUGUÊS

Há alguns anos vem acontecendo uma digitalização intensa na televisão brasileira impulsionada, sobretudo, pela implantação da TV digital no Brasil. Desde o início das transmissões digitais no país, em 2007, as emissoras passaram a se preocupar com a substituição dos equipamentos analógicos que ainda fazem parte do processo de produção de notícias e de transmissão pelos digitais. Essa travessia de uma tecnologia para outra traz modificações técnicas nas rotinas produtivas e inúmeras possibilidades de transformação na forma como as notícias serão passadas. Em meio a esse cenário os produtores de conteúdo jornalístico tateiam em uma transição cheia de incertezas. A pesquisa deste trabalho teve como base a experiência vivida na TV Paraíba, emissora afiliada à Rede Globo, na cidade de Campina Grande, Paraíba, que concluiu o processo de digitalização total em 2013. O foco foram as modificações no processo de produção de notícias causadas pela aposentadoria gradativa do analógico. Transformamos esse estudo em uma série de reportagens para televisão de modo que este texto escrito corresponde ao relatório final do produto. As gravações acompanharam a travessia do analógico para o digital na TV Paraíba incluindo expectativas, dificuldades encontradas, modificações nas rotinas e a postura dos jornalistas perante as novas ferramentas. Para isso misturamos técnicas jornalísticas e científicas, numa experiência construtiva. Este relatório final descreve todo o caminho trilhado para a construção da série de reportagens, além de trazer um estudo acadêmico/ bibliográfico sobre o tema.

Palavras-chave: Telejornalismo. TV digital. Processo de produção de notícias.

ABSTRACT

For a few years now it has been taking place a an intense digitalization on Brazilian television, stimulated mainly by the implantation of digital TV in Brazil. Since the beginning of digital transmission in the country in 2007, TV stations began to worry about replacing analogical equipment, still part of the news production process and transmission, for the digital type. This shift from one technology to another brings technical changes to production routines and numerous possibilities of transformation in the way the news will be delivered. Amidst this scenario, producers of journalistic content grope in a transition full of uncertainties. This research was based on the experience at TV Paraíba, TV station affiliated to Rede Globo, in the city of Campina Grande, Paraíba, which completed its full digitization process in 2013. The study focuses on the changes in news production process caused by the gradual retirement of analogical technologies. We transform this study into a series of news reports for television so that this written text corresponds to the final report of the product. The recordings accompanied the shift from analogical to digital at TV Paraíba, including expectations, difficulties encountered, changes in routines and the attitude of journalists towards the new tools. In order for that to be accomplished, we combined journalistic and scientific techniques in a constructive experience. This final report describes the path taken to build the series of news reports, besides bringing an academic / bibliographic study on the theme.

Keywords: TV Journalism. Digital TV. News production process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A TV DIGITAL NO BRASIL	16
1.1 A implantação	16
1.2 A características TV digital brasileira.....	18
1.2.1 Melhor qualidade de imagem e som	18
1.2.2 Multiprogramação.....	19
1.2.3 Convergência.....	20
1.2.4 Mobilidade	20
1.2.5 Interatividade	20
2 A TELEVISÃO EM TRANSFORMAÇÃO.....	23
2.1 O prenúncio de uma nova TV e o telejornalismo.....	23
2.2 Processo de digitalização da TV x Processo de produção de notícias.....	28
3 O CASO DA TV PARAÍBA	39
3.1 A segunda emissora de TV a chegar à Campina Grande	39
3.2 TV Paraíba: do analógico ao digital	41
4 DA IDEIA AO PRODUTO FINAL	57
4.1 A série de reportagens	57
4.2 A construção do produto	59
4.2.1 Definição dos roteiros	60
4.2.2 Produção e reportagem	61
4.2.3 Os textos.....	64
4.2.4 Edição e finalização	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICES.....	77
APÊNDICE A - Primeiros roteiros.....	77
APÊNDICE B - Roteiros definitivos.....	79
APÊNDICE C - Decupagem do primeiro dia de gravação.....	81
APÊNDICE D - Textos das reportagens (<i>offs</i>).....	84

INTRODUÇÃO

Você conhece alguém que não tenha televisão em casa? Dificilmente você vai responder que conhece, pois ela está em quase todos os lares. Os números do IBGE¹ comprovam: os aparelhos de TV estão em 95,1% dos domicílios brasileiros.

Desde que chegou ao Brasil, em 1950, a televisão foi ganhando espaço nos lares e na vida das pessoas. Passou de um bem de elite para popular. Deixou de ser um objeto de socialização familiar exclusivo da sala de estar para se fazer presente também na cozinha, nos quartos e em outros cômodos. Fora das casas invadiu consultórios, oficinas, estabelecimentos comerciais e diversos outros lugares onde pode ser ligado para atrair a atenção de pelo menos um telespectador. O aparelho passou a ter preços bem acessíveis. Se popularizou e se tornou a mídia de maior penetração no país.

A atração pelo meio televisivo na vida das pessoas muito se deve à própria linguagem audiovisual. A ciência mostra que em condições normais 75% da percepção humana é visual. Em seguida vem a percepção auditiva, com 20%, e as outras somam juntas 5% da capacidade humana de perceber o mundo (BRASIL, 2005). Assim, a linguagem audiovisual por si só já é capaz de atrair uma atenção considerável.

Mas, para perdurar, a TV desenvolveu um modo de agir acompanhando a rotina das pessoas. As emissoras criaram uma sequência de programas organizados de forma a se adequar com cada hora do dia e da noite. A programação é exibida em fluxo constante, chamado de emissão *broadcasting*, caracterizada pela construção de uma experiência unificada, transmitindo a mesma informação para receptores simultâneos (CIRNE, 2014). As peculiaridades desse sistema fizeram o ato de ver TV virar um hábito, que perdura ao longo de décadas (FECHINE, 2014). A televisão passou a fazer parte de forma maciça do dia a dia das pessoas, se tornando um ação rotineira preponderante, em detrimento de muitas outras (GIOVANNINI, 1987). Assim, a TV assumiu a condição de único meio de acesso às notícias e ao entretenimento para uma boa parcela da população (REZENDE, 2000, p. 23).

Dentre os programas criados para compor a programação, os jornalísticos estiveram presentes desde o início da TV no Brasil. Por conseguirem atrair grande atenção do público, as emissoras investem nos telejornais e os encaixam em espaços privilegiados da programação. Dentre os fatores que causam esse prestígio todo perante o público podemos destacar o fato de

¹ Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

eles estarem associados a características como credibilidade, imediatismo, autenticidade do real no discurso do enunciador, elaboração de um caráter de identidade nacional ou local e forte capacidade de influenciar a opinião pública (CIRNE, 2014).

Fazer um telejornal não é uma atividade simples. É extremamente coletiva e operacionalizada em várias etapas. Jornalistas se unem a técnicos para transformar o que consideram os principais acontecimentos do dia em produtos audiovisuais, organizados numa sequência e apresentados para a população ficar “bem informada”. Em todo o processo sempre existiu a utilização de uma série de equipamentos que, ao longo dos anos, foram sendo modernizados. Um telejornal é construído por meio do emprego de técnicas e tecnologias, para a interpretação dos fatos do cotidiano (CABRAL, 2008).

Por ser tão dependente dos equipamentos, na medida em que a tecnologia vai modificando as máquinas, as rotinas de trabalho vão sendo transformadas e o telejornalismo vai adquirindo novas características. Porém, as discussões aqui apresentadas são feitas a partir da compreensão de que a tecnologia não é a única responsável pelas mudanças no fazer jornalístico, mas uma grande provocadora (CABRAL et al., 2012).

Não há dúvida de que a constante modernização dos equipamentos tem influenciado no telejornalismo. Isso não é nenhuma grande novidade. Não é algo pensado hoje, embora o assunto continue atraindo, e muito, a atenção dos pesquisadores da atualidade. Maciel (1995), por exemplo, há duas décadas escreveu que “a penetração das tecnologias de ponta, principalmente a informática, tem possibilitado uma melhoria na qualidade da informação produzida e uma maior rapidez na divulgação das notícias” (p. 95). E há dois anos Cabral, Vizeu e Rocha (2013) observaram: “O avanço tecnológico não apenas condiciona as mudanças nas rotinas produtivas dos jornalistas, mas também interfere nas características do produto (a notícia) como resultado de um processo mais amplo de produção de sentidos” (p. 156-157).

Num rápido apanhado histórico encontramos inúmeros exemplos de como a modernização dos equipamentos foi transformando a rotina dos profissionais e as características do telejornalismo. Em alguns momentos as mudanças foram sutis, em outros foram tão significativas que se fala em revolução do fazer jornalístico.

O *videotape*², por exemplo, chegou ao Brasil por volta de 1960, e deu mais flexibilidade à produção. As máquinas de *videotape* tinham dois metros de altura, e as fitas, enormes, mediam duas polegadas de largura (BISTANE; BACELLAR, 2005). Depois do preto e branco, a transmissão em cores passou a parecer mais real, reproduzindo as imagens da mesma forma

² Fita de material plástico coberta por partículas magnéticas usada para o registro analógico de imagem e som.

como são captadas pelo olhar humano (BARBOSA; RIBEIRO, 2005). Já a utilização do *teleprompter*³ pelos apresentadores, que possibilita a leitura do texto sem desviar o olhar da câmera, conseguiu passar a ideia de intimidade com os telespectadores, conquistando atenção e credibilidade (BARBOSA; RIBEIRO, 2005; MACIEL, 1995).

Até os anos 80, as redações viviam num mundo densamente analógico. As máquinas de escrever povoavam as mesas e faziam da datilografia a trilha sonora predominante do cotidiano jornalístico. Depois da internet e do celular, a facilidade para a obtenção de informações aumentou, só que a exigência pela rapidez da divulgação das notícias também aumentou. A instantaneidade foi ainda influenciada pela possibilidade das entradas ao vivo de lugares diferentes da cidade.

É notório que o avanço da tecnologia traz impactos consideráveis nas rotinas jornalísticas e cada vez mais associa ao próprio conceito de notícia um sentido de velocidade e de atualização contínua (PICCININ, 2009, p. 155). Antes, a atualização dos equipamentos era um processo mais lento e acontecia sobretudo nas empresas. Para o público as opções de equipamentos mais modernos tinham preços pouco acessíveis, por isso não causavam tantos impactos sociais.

Porém, o cenário mudou muito em pouco mais de duas décadas. O advento da tecnologia digital barateou os custos, facilitou o manuseio e equipamentos de ponta passaram a chegar nas mãos de consumidores comuns com muita facilidade. Gravar vídeos em formato digital e divulgar para milhares de pessoas já fazem parte do cotidiano da população em geral, não sendo mais privilégios das emissoras de TV. Atualmente os avanços tecnológicos são tão frequentes e o acesso aos aparelhos é tão fácil que os rumos da comunicação se tornam cada vez mais incertos em uma realidade em constante e veloz mutação.

A internet abriu as portas para a produção dos usuários e a popularização dos dispositivos móveis passaram a ameaçar a hegemonia televisiva. Embora essa supremacia ainda continue, a realidade está mudando. Pesquisas mostram que muitos espectadores estão desligando a televisão e se tornando usuários da internet. Dessa forma, a preponderância da TV nos lares vai depender dos rumos tomados desde já (TAVARES, 2012).

Não apenas fora, mas dentro das emissoras de TV a utilização da tecnologia digital também já é algo corriqueiro, a exemplo do uso de computadores na redação. Porém, em boa parte das empresas, há etapas do processo de produção de notícias que ainda têm como base a tecnologia analógica. A fita magnética, contemporânea dos videocassetes, que já não têm mais

³ Equipamento acoplado às câmeras que exibe o texto a ser lido pelo telespectador.

utilidade nas casas das pessoas, ainda é usada na produção de telejornais. A base da captação de imagens, edição de vídeos, comando do processo de exibição dos telejornais e transmissão do sinal ainda é analógica, em várias empresas, sobretudo nas emissoras menores. É uma realidade híbrida, na qual a base da produção é analógica e o digital também se faz presente contribuindo em várias etapas.

Embora as grandes emissoras, com possíveis raras exceções, já tenham digitalizado por completo a produção de notícias nos últimos anos, as pequenas migram aos poucos. Trocar toda a maquinaria analógica existente pela digital aparenta ser um simples processo de modernização. Mas não é tão simples assim. Na verdade é algo complexo que mexe não só com o lado financeiro da empresa, por requerer investimentos altos, mas modifica toda uma rotina de trabalho, com etapas bem definidas e detalhadas, de jornalistas e técnicos. É um processo de transição delicado. Não dá pra dormir analógico e acordar digital. Imagine ter que mudar a forma de fazer algo depois de décadas fazendo do mesmo jeito. Essa transição é o foco deste trabalho, o qual iremos detalhar um pouco mais a frente.

É natural essa modernização de equipamentos por parte das empresas produtoras de conteúdo para televisão. Mais dia, menos dia, todas as emissoras digitalizarão a produção por completo. Até porque uma tecnologia obsoleta não se sustenta por muito tempo. Os equipamentos quebram, as peças deixam de ser fabricadas e o conserto fica cada vez mais difícil. Porém, há um fato que reconhecemos ser o grande impulsionador para que essa digitalização venha acontecendo de maneira mais intensa no Brasil nos últimos anos: a TV digital.

O Brasil instituiu o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T). O desenvolvimento desse sistema teve como referência o padrão japonês, o *Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial* (ISDB-T). Em 2007 foram iniciadas as transmissões terrestres⁴ em formato digital e o governo estabeleceu o desligamento da transmissão analógica após um período de transição. Neste período as emissoras devem se adequar à nova tecnologia e os usuários também, já que é preciso comprar um aparelho de TV com receptor do sinal digital ou um conversor para ser acoplado ao televisor analógico.

O Ministério das Comunicações já fez e refez várias vezes o cronograma do desligamento do sistema de transmissão analógica no Brasil. Até o fechamento do nosso texto, o último foi publicado no Diário Oficial da União do dia 10 de julho de 2014. A portaria número

⁴ A transmissão terrestre acontece pelo ar através de ondas de radiofrequência. É o tipo de transmissão utilizada pela TV aberta, gratuita, no Brasil.

481 diz que o “cronograma de transição da transmissão analógica dos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), terá início em 2015 e encerramento até 31 de dezembro de 2018” (BRASIL, 2014a, p. 64). Na prática, temos até 2018 para que todas as emissoras de televisão que funcionam no modo de transmissão terrestre no Brasil passem a transmitir a programação em formato digital. Independente de novas mudanças ou não nesse cronograma, o fato é que as emissoras precisam se adequar.

A TV digital instituída no Brasil tem cinco principais características: alta definição de imagem e som, interatividade, multiprogramação, mobilidade e convergência. Alguns autores tratam a TV digital como um novo meio, diferente da televisão a que estamos acostumados. Seria um meio híbrido, que carrega características tanto da TV quanto da internet, mas não se reduziria apenas à soma das duas tecnologias (SANTOS; CAPPARELLI, 2001).

Por enquanto, a alta definição de imagem e de som é a característica mais evidente e quem possui um aparelho de TV mais moderno já está desfrutando, uma vez que parte das emissoras já estão transmitindo a programação em formato digital. A qualidade da recepção pode, inclusive, superar a resolução oferecida pelo cinema (CIRNE, 2012). Porém, outras características como a interatividade e a multiprogramação ainda estão rodeadas de indefinições e ninguém sabe ao certo o rumo que vão tomar.

Entretanto, independente das características inerentes à nova tecnologia implantada no país, a própria digitalização total da produção de notícias, impulsionada pela TV digital, é como se fosse a primeira fase das grandes mudanças esperadas. Essa digitalização atual tem o potencial de transformar práticas já cristalizadas nas redações das emissoras, incluindo todas as etapas da produção dos telejornais (SANTOS, 2009). Produzir conteúdo jornalístico da melhor forma, reorganizando a rotina e aproveitando as ferramentas oferecidas pela tecnologia digital é a mais atual missão dos jornalistas de TV.

Diante disso, este estudo tem como foco o processo de digitalização total da produção de notícias e transmissão de sinal, que acontece nas emissoras, impulsionado pela implantação da TV digital no Brasil, e os impactos provocados na rotina jornalística. Dessa forma, trabalhamos com a seguinte problemática: como essa fase atual da digitalização das emissoras modifica o trabalho dos jornalistas no processo de produção de notícias na TV aberta? A ideia é responder a esse questionamento com base na experiência vivida pelos jornalistas da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo em Campina Grande, Paraíba.

O processo de digitalização total da TV Paraíba começou em 2011 e foi concluído quase que completamente em 2013. A emissora é o objeto de observação desta pesquisa,

exemplificando um processo que vem acontecendo em todo o país, de forma semelhante, diferenciado pelas peculiaridades locais e condições financeiras de cada empresa de comunicação.

Trabalhamos com a hipótese de que a digitalização do processo de produção de notícias e da transmissão do sinal na TV Paraíba traria inúmeras modificações na rotina dos jornalistas, sobretudo nas questões operacionais e técnicas (adaptação do fazer). Porém, as mudanças seriam mais tímidas na questão criativa, que lida com a elaboração do conteúdo partindo da percepção de como tirar melhor proveito das capacidades dos novos equipamentos, buscando formas diferentes de fazer (transformação do fazer).

Este projeto tem como objetivo principal a elaboração de uma série de reportagens para televisão, registrando em linguagem audiovisual a substituição dos equipamentos analógicos que faziam parte da produção de notícias na TV Paraíba por digitais e o impacto desse processo na rotina dos jornalistas da emissora. Este material escrito entra como parte complementar ao produto e instrumento essencial do projeto, contendo todas as informações da pesquisa, o passo-a-passo da construção do produto e a ampliação do tema através do diálogo com diversos autores da área.

Tivemos como norte os seguintes objetivos específicos, dentro do universo da TV Paraíba: 1) identificar as mudanças técnicas causadas pela digitalização completa do processo de produção de notícias e transmissão de sinal, impulsionada pela implantação da TV digital no Brasil; 2) observar como se deu o processo de transição e as dificuldades encontradas com a utilização dos novos equipamentos; 3) verificar as principais mudanças técnicas e criativas que ocorreram na rotina dos jornalistas após a digitalização.

Para transformar esses objetivos específicos na série de reportagens, de 2013 a 2015 gravamos imagens e entrevistas na TV Paraíba. Acompanhamos e registramos a rotina dos profissionais envolvidos com a produção de notícias em momentos diferentes do processo de digitalização da emissora. Gravamos também com pesquisadores das áreas de telejornalismo e tecnologia. Para isso utilizamos uma câmera fotográfica que também tem a função de câmera de vídeo e um tripé. Atuamos como produtor, repórter, cinegrafista e editor de texto, tendo como desafio agir como um profissional multifuncional⁵, uma das tendências apontadas para a era digital. A única função terceirizada foi a de edição de imagens.

⁵ Trazemos uma discussão sobre o assunto em outro capítulo deste trabalho.

O produto foi concebido por meio da utilização de um misto de técnicas de reportagem para TV com metodologias científicas, das quais podemos destacar: pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevistas não estruturadas.

A importância do produto final deste trabalho pode ser vista por vários ângulos. Em primeiro lugar o material serve como arquivo, em texto e vídeo, de parte da história da TV de Campina Grande e da Paraíba. Além disso, fica à disposição para servir de instrumento pedagógico para alunos de comunicação e para contribuir com pesquisas posteriores sobre o assunto.

Um outro ponto importante é a possibilidade do material ser assistido e compreendido pelo público em geral, independente do nível de escolaridade. A televisão ainda é a mídia de maior penetração no país, com capacidade de influenciar a opinião pública e mobilizar a vida de milhares de pessoas. O telejornalismo ainda é a principal fonte de informação da maioria dos brasileiros. Então, podemos deduzir que o assunto tratado interessa a qualquer pessoa que assista à TV, nos motivando a produzir algo mais acessível que uma dissertação, já que o Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por ser um mestrado profissional, permite isso.

O produto contribui com a formação cultural do público, na medida em que passa a entender com maior profundidade como é feito um telejornal e qual a influência da tecnologia no trabalho dos profissionais que o produzem. Temos a compreensão de que a informação é a base para a formação de um público mais crítico e mais consciente da realidade e do seu papel. Para isso, a série de reportagens será disponibilizada na internet.

Por fim, o produto contribui com o trabalho dos próprios jornalistas de TV. Por meio dela fica mais fácil entender as transformações tecnológicas pelas quais a televisão passa atualmente e a influência desse processo no trabalho deles, que, corriqueiramente, não refletem sobre a própria prática.

É importante manter um diálogo enriquecedor com todos os envolvidos com o “mundo da televisão”, incluindo o público, os profissionais e os pesquisadores. É como parte desse debate que está a contribuição deste trabalho. Longe de tentar buscar soluções, visamos incitar a reflexão, contribuindo com os rumos da televisão.

Este relatório final é dividido em seis partes, incluindo esta introdução. Logo após, no primeiro capítulo, intitulado “A TV digital no Brasil”, trazemos um breve relato histórico de como se deu o desenvolvimento do SBTVD-T, as definições e alguns pontos ainda incertos. Em seguida discorreremos acerca das cinco principais características da nova tecnologia no país:

melhor qualidade de imagem e som, multiprogramação, convergência, mobilidade e interatividade.

No segundo capítulo, com o título “A televisão em transformação”, trazemos um apanhado de reflexões recentes de pesquisadores com relação a situação atual da televisão no Brasil, influenciada pelo avanço tecnológico, e sobre as transformações que estão acontecendo no telejornalismo. E ainda fazemos uma discussão acerca das mudanças na rotina dos jornalistas na produção de notícias causadas pela digitalização total do processo, impulsionada pela implantação da TV digital no país.

O terceiro capítulo, que traz o título “O caso da TV Paraíba”, é dividido em duas partes. A primeira é formada por um breve relato histórico da TV Paraíba. Na segunda está o detalhamento de todas as informações consideradas importantes colhidas durante as etapas de produção do produto. É o relato escrito de como foi o processo de digitalização total da emissora e os impactos na rotina jornalística.

O quarto capítulo é destinado ao detalhamento de todos os caminhos percorridos até a finalização da série de reportagens, passando pela descrição da ideia, definição dos roteiros, produção, reportagem, elaboração dos textos, edição e finalização.

Em seguida vem a parte intitulada “Considerações finais”. Obviamente não finalizamos nenhuma discussão aqui apresentada, visto que as modificações na produção de notícias para TV causadas pelo processo de digitalização total continuam acontecendo e não há definições exatas quanto ao futuro. Apenas utilizamos o espaço para “amarrar” alguns raciocínios acerca do assunto da série, da realidade da TV Paraíba dentro do tema discutido e trazer algumas impressões vindas ao longo da realização do projeto como um todo.

Os apêndices foram dedicados, sobretudo, ao material produzido no decorrer da produção da série de reportagens, para demonstrar de forma mais palpável como foi o decorrer do percurso até a finalização.

1 A TV DIGITAL NO BRASIL

1.1 A implantação

As primeiras discussões sobre TV digital no Brasil aconteceram em 1994 (MONTEZ; BECKER, 2005). Inicialmente os debates giraram em torno do padrão que seria adotado: o americano, o europeu ou o japonês. Quando falamos em padrão, estamos nos referindo ao conjunto de definições técnicas necessárias para a correta implementação do sistema, dependendo do modelo definido (CANNITO, 2010). Já o modelo diz respeito ao uso social que a tecnologia vai proporcionar. “Trata-se do uso que a sociedade poderá fazer da tecnologia disponível e dos objetivos gerais das políticas públicas e culturais para esse setor” (CANNITO, 2010, p. 90).

Em 26 de novembro de 2003 foi instituído o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T) através do Decreto Presidencial 4.901. A partir daí as atenções se voltaram para o desenvolvimento de um sistema nacional de televisão digital. De acordo com Cannito (2010, p. 90), sistema digital “é o conjunto de toda infraestrutura e de atores: concessionárias, redes, produtoras, empresas de serviço, ONGs, indústrias de conteúdo e de eletroeletrônicos”.

No dia 29 de junho de 2006, o governo assinou o decreto que estabeleceu as diretrizes para a digitalização da TV brasileira de transmissão terrestre. O documento definiu o padrão japonês, *Integrated Services Digital Broadcasting Terrestrial* (ISDB-T), como base do SBTVD-T e determinou que se incorporassem inovações tecnológicas locais. O resultado foi um sistema híbrido, com elementos do padrão japonês e novidades criadas por pesquisadores brasileiros. “Entre outras conquistas, o país aperfeiçoou o padrão de modulação e desenvolveu um *middleware*⁶ nacional (o Ginga), compatível com o padrão japonês, além de criar aplicativos inéditos e um projeto de *set top box*⁷ de baixo custo” (CANNITO, 2010, p. 96). No ano seguinte, em 2 de dezembro, foi realizada a inauguração da TV digital no país. “Na ocasião, as principais redes de TV da cidade lançaram suas transmissões digitais, mesclando conteúdos em alta definição com outros em definição padrão” (SCORALICK, 2013, p. 8).

⁶ *Middleware* é um programa que faz a mediação entre o sistema operacional e as aplicações. O *middleware* da TV digital brasileira é chamado de Ginga, que padroniza as respostas dos receptores aos comandos e dá suporte à interatividade.

⁷ Conversor digital para TV analógica.

O Ministério das Comunicações passou a publicar cronogramas para o desligamento gradativo do sinal analógico no Brasil. Mas já adiou diversas vezes o início desse desligamento. O último cronograma (até o fechamento deste texto) foi divulgado em julho de 2014 (BRASIL, 2014a). De acordo com o documento, em 29 de novembro de 2015 acontecerá um desligamento piloto na cidade de Rio Verde, Goiás. Em 2016, a partir do dia 3 de abril, o *switch off*⁸ está previsto para acontecer em cidades na região do Distrito Federal, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Rio de Janeiro. E até 25 de novembro de 2018 o processo será concluído em todo o país.

Segundo o governo, a condição para o desligamento do sinal analógico é que “pelo menos, noventa e três por cento dos domicílios do município que acessem o serviço livre, aberto e gratuito por transmissão terrestre, estejam aptos à recepção da televisão digital terrestre” (BRASIL, 2014a, p. 64). Para isso, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ficou incumbida de distribuir *set-top-boxes* às famílias cadastradas no Programa Bolsa Família do governo federal. Os receptores devem dispor obrigatoriamente de controle remoto, interface USB e capacidade de executar aplicações interativas.

Pesquisadores destacam que nas negociações para definir os pormenores da TV digital no Brasil o governo não dialogou com todos os setores interessados, sendo acusado de privilegiar as empresas de radiodifusão. “O que deveria contemplar interesses regulatórios, industriais, da radiodifusão e dos consumidores não aconteceu. A pressão pela introdução da TVD⁹ foi dominada, essencialmente, numa dimensão: na das redes abertas de TV” (CIRNE, 2014, p. 89).

Além da falta de diálogo e como resultado disso, por enquanto não houve discussões mais aprofundadas sobre vários aspectos, a exemplo dos conteúdos interativos, da multiprogramação, dos modelos de negócio, do canal de retorno para viabilizar uma interatividade plena e da regulamentação. Talvez por consequência, até agora não foram difundidas para a população “inovações suficientemente atrativas, que não estejam restritas à imagem e ao som. Salvo alguns poucos testes, sem expressividade e com alcance bastante circunscrito a determinadas regiões” (CIRNE, 2014, 90).

A TV digital terrestre está sendo considerada uma das maiores revoluções, se não a maior, na televisão brasileira. Mas boa parte desse terreno ainda é uma incógnita. Sendo assim,

⁸ Expressão em inglês utilizada no Brasil para se referir ao desligamento da transmissão terrestre analógica no país.

⁹ TV digital.

“pesquisadores e profissionais são obrigados a tatear os caminhos e experimentar as possibilidades de ação num mundo quase desconhecido” (CANNITO, 2010, p. 134).

No Brasil a TV digital em si não é algo novo. Segundo Montez e Becker (2005), a definição de TV digital é simples, apenas a transmissão digital do sinal. Isso já está presente nas TVs (pagas) a cabo, por satélite e por *Internet Protocol TV*¹⁰ (IPTV) (CANNITO, 2010). Algumas, além de vários canais e imagem e som em alta definição, disponibilizam ferramentas como a possibilidade de gravar a programação e um guia de canais.

A novidade mesmo está na transmissão terrestre do sinal digital. É feita pelo ar por meio de uma sequência de bits (MONTEZ; BECKER, 2005). O bit faz parte da linguagem binária (0 e 1), comum a todos os meios digitais. A vantagem é que o digital permite a compactação de informações, de forma que muito mais dados podem ser transmitidos (CANNITO, 2010). Essa compactação permite o uso mais eficiente do espectro eletromagnético¹¹.

O sistema desenvolvido no Brasil para a TV digital é considerado bastante flexível (LEMOS, 2010). A tecnologia oferece suporte para programação com alta definição de imagem e som, multiprogramação, interatividade, convergência e transmissão para dispositivos móveis, sendo essas cinco as principais características do SBTVD-T. A seguir discorreremos sobre cada uma delas.

1.2 A características TV digital brasileira

1.2.1 Melhor qualidade de imagem e som

Dentre as características da TV digital a mais perceptível, até agora, é a alta definição da imagem e som. A resolução da imagem na nova tecnologia significa um aperfeiçoamento de até seis vezes, se comparado com a TV analógica. “A televisão projeta uma imagem ponto por ponto. Os pontos compõem as linhas que constituem a imagem. A resolução descreve a quantidade de linhas que o aparelho pode mostrar” (CANNITO, 2010, p. 141). Para entender melhor o avanço técnico da imagem é preciso fazer uma comparação com o sistema analógico.

Nos atuais sistemas analógicos, em função das perdas, a definição nos aparelhos receptores (TVs e videocassetes) atinge, na prática, somente 330 linhas horizontais, ou seja, ocorre uma perda de quase 50%. Isso impacta

¹⁰ Envia o conteúdo utilizando a internet, porém com uma infraestrutura paralela, para garantir velocidade e qualidade ao serviço.

¹¹ É o intervalo completo de todas as frequências da radiação eletromagnética, que vai desde as ondas de rádio até os raios gama.

diretamente na qualidade da imagem que vemos na TV. Digitalmente, a imagem é muito mais imune a interferências e ruídos, ficando livre dos 'chuviscos' e 'fantasmas' tão comuns na TV analógica. Na transmissão digital, os sinais de som e imagem são representados por uma sequência de *bits*, e não mais por uma onda eletromagnética análoga ao sinal televisivo (MONTEZ; BECKER, 2005, p. 38-39).

A resolução mais alta disponível atualmente é da TV *Full HD*¹² (1920 x 1080 pixels). São imagens com mais detalhes e enquadramento maior. Dessa forma, programas gravados e transmitidos em alta definição têm formato de tela 16:9 (relação entre largura e altura da tela), enquanto que na transmissão analógica o formato é 4:3. Isso faz com que a TV digital permita ver mais áreas de uma cena (FRANÇA, 2009).

Já o áudio, que antes tinha um (mono) ou dois canais (estéreo), na TV digital são seis, que correspondem a: “Dois frontais, um central, dois traseiros e um de efeito *subwoofer*, quer dizer, de baixa frequência, para reforçar os sons vindos de trás, proporcionando uma maior sensação de envolvimento com o que é veiculado” (CIRNE, 2014, 80).

1.2.2 Multiprogramação

A multiprogramação caracteriza-se pela transmissão simultânea de múltiplos conteúdos em um canal só, permitida pela compactação de áudio, vídeo, dados e *software*¹³ da tecnologia digital (CARDOSO, 2010). Após testes realizados em 2013, foi observado que o sistema implantado no Brasil permite que um canal, com faixa de frequência de 6MHz, seja dividido em até cinco, dependendo da qualidade de imagem escolhida (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2014).

A multiprogramação chama a atenção tanto pelas novas possibilidades de utilização do canal, quanto pela polêmica em torno do assunto. Na legislação atual apenas emissoras de TV educativas vinculadas ao governo e entidades da administração pública direta e indireta podem fazer uso da multiprogramação. É proibido o uso desse recurso por quaisquer outras emissoras (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2014).

A proibição causa incertezas com relação à futura utilização da multiprogramação e restringe mudanças mais significativas para o usuário da TV digital. Porém, existe ainda a expectativa de modificação na legislação. “Algumas emissoras lutam por seu direito a multiprogramação, enquanto outras simplesmente ‘engavetaram’ o assunto, em um jogo de

¹² *Full HD* é a sigla para a expressão em inglês *Full High Definition*, que significa em português Alta Definição Total.

¹³ Programa de computador.

poder e garantias de manutenção de lucro que está apenas começando e promete novos entraves” (CARDOSO, 2010, p. 12).

1.2.3 Convergência

A convergência se refere à integração do aparelho de TV com outras mídias com a mesma linguagem, como a internet, trazendo uma série de novas funções para o televisor.

Jenkins (2009) não vê a convergência apenas como uma questão tecnológica. Além dos equipamentos permitirem essa integração entre diversas mídias, segundo o autor, para que a convergência aconteça, de fato, é necessária a ação humana, incluindo produtores de conteúdo e usuários.

Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros (JENKINS, 2009, p. 29).

1.2.4 Mobilidade

De acordo com Silva, F. (2008, p. 146), o conceito de mobilidade pode ser entendido como a “possibilidade de deslocamento físico e virtual pelo espaço urbano e pelo ciberespaço a partir do uso de tecnologias móveis digitais e de conexões sem fio”.

Na prática, é a capacidade de levar o sinal de TV para aparelhos como *tablets*, *smartphones*, celulares e *notebook*, parados ou em movimento. Assim a programação da TV aberta pode estar nos carros particulares, no transporte coletivo ou simplesmente no bolso (FINGER, 2013). “O problema está em identificar se os conteúdos originalmente produzidos para a recepção em casa e em telas maiores também são eficientes para informar o público nômade (FINGER, 2013, p. 125).

1.2.5 Interatividade

Segundo Montez e Becker (2005, p. 79), para entender o que é interatividade na TV é necessário primeiro diferenciar o conceito de interação: “A interação pode ocorrer diretamente

entre dois ou mais entes atuantes, ao contrário da interatividade, que é necessariamente intermediada por um meio eletrônico (usualmente um computador)”.

A TV digital não cria o contato dos produtores de conteúdo com o público, ela otimiza o processo. Cannito (2010, p. 144) lembra que há muito tempo “a televisão procura a interação com o público: o envio de cartas aos programas, por exemplo, é uma das tradições mais antigas entre telespectadores. Hoje, tais mensagens são mandadas por SMS ou internet”. Redes sociais, e-mails, sites e outras ferramentas da internet estão sendo cada vez mais utilizadas.

O exemplo desse uso pode ser visto nos programas de televisão que solicitam a opinião do telespectador, através do telefone, celular ou internet. Ele é convidado a enviar respostas sobre o que é veiculado, a enviar fotos e vídeos, fazendo a co-produção de imagens [...]. Cenas flagradas pelo cidadão comum passaram a fazer parte dos telejornais (SCORALICK, 2013, p. 1).

Mas a TV digital interativa tem o potencial de ampliar e muito essas possibilidades. Entretanto, as emissoras ainda buscam definir um modelo de negócio que viabilize o lucro dentro dessa nova ferramenta de interatividade.

O receptor de TV digital, ao sintonizar o canal, recebe um sinal de controle que indica que tem uma aplicação interativa junto com o áudio e o vídeo no canal de TV. A aplicação é então carregada na memória e entra em execução aparecendo na nossa tela. [...] Se o conjunto de *software* associado ao audiovisual não aumentar a audiência em relação ao programa audiovisual, ele não faz sentido na lógica do negócio de televisão. Então a interatividade tem que ser explorada de uma forma que vai prender a atenção das pessoas. [...] Agora o que exatamente vai ser explorado vai depender da criatividade e da definição dos produtos que virão (LEMOS, 2010, p. 27).

Para viabilizar a interação na TV digital é preciso que todos os receptores entendam os mesmos comandos (LEMOS, 2010). Por isso foi necessária a padronização da linguagem desses comandos por meio do Ginga, o *middleware* criado para o SBTVD-T.

Silva (2009) ressalta que, no caso da TV, os telespectadores fazem parte de um público que era considerado apenas receptor do conteúdo e que agora começa a exigir mais participação. O espectador, ao ter a possibilidade de interagir, passa a ser considerado usuário, por poder fazer escolhas. E para que as respostas do espectador/usuário chegue à emissora de TV utilizando as ferramentas da TV digital se faz necessário um canal de retorno.

Para que haja canal de retorno são necessárias a associação a outra tecnologia e uma empresa de telecomunicações intermediando essa comunicação. [...] Sem a existência de um canal de retorno, a interatividade fica restrita a uma navegação do espectador pela área que a emissora lhe transmite. Ele pode, por exemplo, escolher câmeras de vídeo. Pode conseguir informações extras, gravar e assim por diante. Mas não consegue se comunicar diretamente com a emissora. É o canal de retorno que tornará a interatividade plena (CANNITO, 2010, p. 92).

É fácil deduzir que, se o governo não disponibilizar uma forma gratuita de canal de retorno ou não facilitar que as pessoas de baixa renda tenham acesso, muita gente vai ter uma TV digital interativa restrita.

Isso leva a crer que a interatividade também não será homogênea, devendo ser personalizada segundo as necessidades do telespectador e respeitando as limitações da tecnologia escolhida para levar a resposta do usuário final. Vários níveis de interatividade deverão conviver nos mesmos programas ou nas mesmas emissoras, para evitar a perda de telespectadores (KULEZSA, 2010, p. 110).

Com canal de retorno e capacidade de acesso à internet, para Montez e Becker (2005, p. 58), a TV digital interativa é uma nova mídia, pois quebra duas características essenciais da nossa TV analógica: a unidirecionalidade e a passividade do telespectador.

É importante ressaltar, porém, que “a interatividade da televisão nunca será igual à da internet. A televisão é uma mídia que permite – e promove – a recepção coletiva, enquanto o computador é de uso pessoal” (CANNITO, 2010, p. 28). Compartilhando desse pensamento, Lemos (2010, p. 30) vem afirmar que mesmo existindo a convergência de mídias, a internet não pode ser confundida com a televisão: “Internet é um serviço pelo qual as pessoas vão buscar informações específicas. No caso da TV, as informações são colocadas no canal broadcast e são enviadas para todos”.

Embora exista a possibilidade de grandes mudanças com a utilização da interatividade, até agora as emissoras não investiram de forma significativa nessa ferramenta. Quase nenhum modelo foi desenvolvido (CIRNE, 2014). Então, para tentar garantir pelo menos a presença do Ginga nos aparelhos de TV novos, o Governo Federal exigiu que, “a partir de 2013, os fabricantes embarcassem o Ginga em, no mínimo, 75% dos televisores. A iniciativa gerou novas perspectivas para o desenvolvimento da televisão digital no Brasil” (CIRNE, 2014, p. 90).

2 A TELEVISÃO EM TRANSFORMAÇÃO

2.1 O prenúncio de uma nova TV e o telejornalismo

A crescente popularização da internet tem abalado o mundo televisivo. Gradativamente, usuários desligam a TV para dedicarem mais horas do dia à *web*. Acessar a internet em frente ao aparelho de televisão ligado também é um comportamento que está se tornando recorrente. A convivência com as novas mídias, que inclui a rede mundial de computadores acessada por dispositivos portáteis e para várias finalidades, tem modificado o perfil do público da TV e tirado o sono dos produtores de conteúdo para televisão. Será que a internet vai tirar a hegemonia da televisão? Ou, mais ainda, será que as novas mídias vão decretar o fim dela?

Essas perguntas não são simples de responder e são discutidas num momento de transição entre tecnologias dentro das emissoras. Os produtores de conteúdo, que já convivem com modificações internas com a atual digitalização da produção e a chegada da TV digital, também têm as rotinas influenciadas pelas transformações externas ao ambiente físico específico das emissoras. Os fatores internos e externos dialogam e se complementam, tornando a realidade cada vez mais complexa e de difícil definição.

Os profissionais de televisão e do audiovisual em geral vivem um momento de estupefação, desafio e necessidade de riscos em direção a alguma coisa que ainda não se sabe bem o que poderá vir a ser. Vamos viver um período de muita experimentação de novos modelos de televisão, onde alguns vingarão e outros provavelmente fracassarão. Tudo indica que estamos vivendo o fim de um modelo de televisão e o surgimento de experiências ainda não muito nítidas, mas suficientemente expressivas para demandar pesquisa e análise (MACHADO; VÉLEZ, 2014, p. 56).

Neste tópico fazemos um apanhado das ideias de pesquisadores que fazem reflexões e tentam prever qual será o futuro da televisão, o que nos ajuda a entender as atuais transformações nas rotinas dos jornalistas de TV causadas pela digitalização das emissoras, mas em constante intercâmbio com outros fatores relacionados às mídias digitais.

Embora a penetração da internet na vida das pessoas seja cada vez maior, a hegemonia ainda é da televisão. Essa afirmação tem como base a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República, que levanta dados sobre como os brasileiros se informam (BRASIL, 2014b).

Segundo a pesquisa, 95% das pessoas entrevistadas afirmaram assistir à televisão. Desses, 73% assistem diariamente. Em média os brasileiros passam 4h31 por dia expostos ao

aparelho de TV, durante a semana, e 4h14 nos fins de semana. Na pesquisa do ano passado esses números eram 3h29 e 3h32, respectivamente. 72% possuem acesso à TV aberta (BRASIL, 2014b).

Já com relação à internet, 48% dos entrevistados afirmaram fazer uso. 37% das pessoas utilizam todos os dias, um número maior que o da pesquisa de 2014, que era 26%. Os usuários ficam conectados, em média, 4h59, durante a semana, e 4h24 nos fins de semana. No ano passado esses números eram 3h39 e 3h43, respectivamente (BRASIL, 2014b).

A pesquisa detectou ainda, dentre outros fatores, que 66% das pessoas entrevistadas utilizam celulares como forma de acesso à internet, 92% dos internautas estão conectados por meio de redes sociais e 12% usa a internet em frente ao aparelho de TV (BRASIL, 2014b).

A descrição dos dados acima atesta a tendência de mudança do perfil da audiência. As transformações da televisão e a influência de outras mídias é algo que vem acontecendo de forma gradativa há mais de uma década.

[...] estamos vivendo uma fase de transição na comunicação eletrônica de massa. Tínhamos (temos) um modelo de televisão, ainda predominante, que é a televisão massiva; passamos por uma transição, caracterizada pela televisão por assinatura e as novas linguagens dos mídias; e nos aproximamos de um outro tipo de televisão, que pode ser chamada interativa (SANTOS; CAPPARELLI, 2001, p. 275).

A convergência das mídias é um dos fatores apontados como responsável pelas mudanças. É um fenômeno mundial que vem ganhando força nos últimos anos. A TV digital, que traz consigo essa característica, apenas tem a capacidade de potencializar essa convergência, ao passo que traz a integração de mídias a partir do próprio aparelho. “A TV tende a incorporar cada vez mais funções técnicas do computador e, simultaneamente, integrar-se com outras telas e outros dispositivos, também adicionando características ao ato de produzir e de assistir à televisão” (CIRNE, 2014, p. 29).

Jenkins (2009) afirma que a convergência de mídias é mais que uma mudança tecnológica. Ela “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009, p. 43). A tecnologia dá as condições, mas se não houver ações que viabilizem, a convergência não acontece.

[...] a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. [...] Estamos num importante momento de transição, no qual as antigas regras

estão abertas a mudanças e as empresas talvez sejam obrigadas a renegociar sua relação com os consumidores (JENKINS, 2009, p. 325).

Em se tratando da televisão, existe um receio das emissoras com relação à convergência. Entretanto, devido à atual situação midiática e às exigências dos usuários, não há como permanecer indiferente por muito tempo sem perder público. Os produtores de conteúdo vão aos poucos desenvolvendo práticas convergentes, porém é como se eles estivessem pisando em ovos devido aos riscos que visualizam.

Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. [...] Por um lado, convergência representa uma oportunidade de expansão aos conglomerados das mídias, já que o conteúdo bem-sucedido num setor pode se espalhar por outras plataformas. Por outro lado, a convergência representa um risco, já que a maioria dessas empresas teme uma fragmentação ou uma erosão em seus mercados. Cada vez que deslocam um espectador, digamos, da televisão para a internet, há o risco de ele não voltar mais (JENKINS, 2009, p. 47).

Jenkins (2009) não crê no fim da televisão, mas numa nova fase composta por novas formas de acesso. É preciso entender e se adequar ao novo cenário midiático. “Produtores que não conseguirem fazer as pazes com a nova cultura participativa enfrentarão uma clientela declinante e a diminuição dos lucros” (JENKINS, 2009, p. 53). Para o autor, a cultura da convergência ainda não é vivida de forma plena e intensa como é prevista, mas está sendo moldada hoje.

Nem todo o público atual da TV tem essa sede por participar mais, interagir e influenciar no conteúdo. Muitos preferem mesmo a posição tradicional e passiva perante a TV. Estes são indiferentes à ofertas de vídeos sob demanda, por exemplo, um mercado crescente que possibilita ao usuário “quebrar” o fluxo da programação da televisão e assistir aos conteúdos que quiser no horário desejado. A geração jovem, principalmente, demonstra a construção de um novo perfil de usuário. Machado e Vélez (2014) chamam esses novos usuários de interatores. Eles estariam “forçando mudanças cada vez mais radicais em direção a modelos de conteúdos que possam ser buscados a qualquer momento, em qualquer lugar, fruídos da maneira como cada um quiser e abertos à intervenção ativa dos participantes” (MACHADO; VÉLEZ, 2014, p. 55).

É por isso que muitos pesquisadores acreditam haver uma crise da programação. Seria um provável fim do modelo de emissão *broadcasting* (CABRAL, el. al., 2012). Porém, há quem entenda que a lógica da programação atual deve permanecer, pelo menos em parte, pelo fato de assistir à televisão do modo como conhecemos ser um hábito muito atrelado à rotina dos brasileiros. “Em estreita articulação com o cotidiano, a programação espelha-se na organização

do dia a dia ao mesmo tempo em que reforça os seus padrões de organização. Funciona como espécie de ‘relógio’ social capaz de pautar as práticas domésticas dos telespectadores” (FECHINE, 2014, p. 124).

A perpetuação desse hábito, segundo Fachine (2014), contribui para a construção e difusão de valores, sentimentos de pertencimento e de identidades. Mas, a autora também acredita em mudanças no conteúdo televisivo e na forma de produzir. Segundo ela, a tendência é a produção de conteúdos em outras mídias que complementem aquilo que for apresentado na televisão. “A aposta na centralidade da grade na nossa experiência com a TV é também o que orienta o desenvolvimento dos chamados conteúdos de ‘segunda tela’ sincronizados com a programação” (FECHINE, 2014, p. 129).

Já Cirne (2014) chama atenção para *appficação* que, segundo ela, representa uma tendência influenciada pela popularização das tecnologias móveis.

Appficação não é uma expressão muito difundida na Comunicação. Na realidade, o termo é uma “tradução” de *Appfication*, um neologismo criado pelo mercado, por profissionais que trabalham com novas tecnologias da informação e comunicação. De maneira geral, *appficação* designa um fenômeno caracterizado pelo crescente desenvolvimento e consumo de aplicativos interativos (*apps*) para e em diferentes plataformas eletrônicas. Esses aplicativos são miniprogramas (*softwares*) que executam serviços específicos para determinados sistemas operacionais e que começaram a ser mais precisamente difundidos com o avanço da *web* móvel (*web mobile*) (CIRNE, 2014, p. 52, grifos do autor).

Com a *appficação* os conteúdo se espalham por múltiplas telas apresentando uma proposta mais compatível com a miniaturização dos aparelhos. Os aplicativos trazem outras formas de explorar a grade de programação e “também modificam a experiência do espectador, a partir do momento em que ele passa a ter acesso aos conteúdos audiovisuais em diferentes telas e também pode, por elas, interagir” (CIRNE, 2014, p. 63). Segundo Cirne (2014), essas transformações podem ser vistas como um ensaio para a proposta da interatividade que pode ser acionada por intermédio de aplicativos enviados pela própria transmissão televisiva.

Finger (2013) acredita que as novas relações entre audiência e mídia modificam, de forma significativa, os conteúdos, as linguagens e os formatos dos conteúdos televisivos. Segundo ele, a TV está longe do fim e neste período de transição, enquanto algumas tecnologias ainda estão sendo implantadas, existe a necessidade de projetar novos modos de atuação. “Apesar do crescimento vertiginoso das chamadas novas mídias, a televisão vem demonstrando que tem o poder de adaptar-se e, talvez, ser a mídia âncora na era da convergência (FINGER, 2013, 113).

Direcionando o olhar para o telejornalismo há mudanças perceptíveis influenciadas pelo cenário midiático que descrevemos. Existe um interesse em desenvolver estratégias para que a internet seja uma aliada, prolongando, por meio dela, o envolvimento com a televisão (CIRNE, 2014). A ideia é usar a internet para reforçar o interesse do usuário pelo conteúdo informativo televisivo e não desviá-lo para a *web*, um caminho que pode ser sem volta. Por enquanto, tem dado certo. Prova disso é o fato de os telejornais continuarem mantendo uma audiência considerável. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 constatou que 79% dos entrevistados assistem à televisão para se informar (BRASIL, 2014b).

Os telejornais mantêm características que priorizam a lógica de serem assistidos num horário específico. São mais perecíveis, com data de validade mais curta em relação a outras atrações ofertadas na grade (SANTOS, 2012, p. 162). O investimento num maior número de participações de repórteres ao vivo, no lugar do acontecimento, reforça essa ideia.

Entretanto, a internet tem sido largamente usada para expor o conteúdo já exibido na TV, dando opção aos que querem rever alguma reportagem, aos que não assistiram ao jornal ao vivo ou ainda aos que preferem apenas assistir às matérias que interessam, na hora que desejarem. É como se o telejornal permanecesse no ar depois da despedida do apresentador na televisão.

Além dos vídeos do próprio telejornal, a internet traz outras ferramentas para dar mais opções ao usuário e manter um relacionamento com o noticiário em outras telas.

É possível rever uma notícia, ampliar conhecimentos sobre determinado fato, dar opinião e por fim, contribuir com novas informações, outras pautas e até a produção “caseira” de vídeos. O que significa dizer que já houve uma alteração nos conteúdos dos telejornais, com novos modos de atuação [...] mas é preciso pensar em outros cenários, principalmente, quando os canais de interatividade estiverem disponíveis na TV Digital (FINGER, 2013, p. 116).

A participação dos telespectadores ajudam a ampliar os “olhos” do telejornalismo, já que nem sempre uma equipe de reportagem está no lugar e na hora exatos de um acontecimento noticiável. “Ao fornecer imagens de fatos do dia com flagrantes do cotidiano para os jornalistas, os telespectadores passaram a ser considerados como preciosos parceiros colaborativos para a feitura das notícias” (CABRAL; VIZEU; ROCHA, 2013, p. 157). Os jornalistas incentivam e os telespectadores contribuem cada vez mais com “o envio de imagens para uso nos telejornais, graças à popularização dos equipamentos digitais, como celulares equipados com câmeras fotográfica e de vídeo, cuja portabilidade e mobilidade ajudam a definir esse cenário inovador” (CABRAL, 2009, p. 176). Essa aproximação dos usuários com os profissionais que constroem

os telejornais seria o começo de um processo mais amplo e intenso viabilizado pela TV digital em implantação.

2.2 Processo de digitalização da TV x Processo de produção de notícias

Neste período de transição entre a TV analógica e a TV digital no Brasil as emissoras que já estão com o sinal digital no ar não abandonaram por completo a tecnologia anterior. Operam com os dois formatos de transmissão, em canais diferentes. Uma situação que continuará até o desligamento total da TV analógica no país, previsto para 2018, segundo o último cronograma divulgado pelo Ministério das Comunicação (até o fechamento deste texto) (BRASIL, 2014a).

Dentro do *hall* das emissoras no país as realidades são mistas. Algumas já digitalizaram todo o processo de produção de notícias e a transmissão do sinal. Outras apenas a transmissão e ainda lidam com a tecnologia analógica em algumas fases da produção jornalística. Algumas ainda não iniciaram essa fase da digitalização total. Podemos considerar que é uma realidade híbrida, meio analógica, meio digital.

Temos observado que a atual substituição dos equipamentos analógicos pelos digitais, que acontece em todo o país, está sendo impulsionada pela implantação da TV digital. Embora a modernização de equipamentos seja natural dentro das emissoras, o processo atual é mais intenso.

A tecnologia digital não é algo novo para as emissoras, pois já faz parte de algumas fases da produção de notícias há algum tempo. Porém, o processo de digitalização que vem acontecendo nos últimos anos não deixa de ser cauteloso. Primeiro, porque envolve investimentos financeiros altos, embora o custo da tecnologia tenha ficado mais acessível nos últimos anos. Segundo, porque lida com mudanças dentro de um processo de produção altamente sistematizado, com etapas bem definidas.

Vê-se que as mudanças que se impõem ao jornalismo vão trazendo novos modos e práticas, juntamente com novos desafios próprios de uma realidade mutante e dinâmica. E como a mudança não se dá num abandono do antigo para a instauração do novo, é justamente a convivência entre ambas plataformas tecnológicas que tem servido, sobretudo, para que as rotinas jornalísticas possam ir gradativamente gerando acomodações nesse misto entre o padrão analógico e o digital (PICCININ, 2009, p. 168).

No presente tópico do texto nos detemos à rotina de produção de notícias para televisão, o alvo principal deste projeto. Primeiro descreveremos as etapas do trabalho. Em seguida

veremos como a atual substituição de equipamentos analógicos pelos digitais estão modificando a rotina jornalística, segundo relato de alguns autores. E ainda qual o potencial de mudança com a implementação de novas ferramentas trazidas pela TV digital.

A produção de um telejornal segue todo um processo minuciosamente pré-estabelecido. O aparato técnico envolvido torna as rotinas de produção jornalística nas emissoras de televisão mais contundentes que em outros meios de comunicação (SANTOS, 2009). Tudo precisa ser seguido com atenção aos detalhes, cada um com sua função definida dentro da linha de montagem. A equipe necessita repetir diariamente as mesmas regras, pois todos os dias novos telejornais, com novas notícias, precisam ser produzidos, de acordo com os fatos considerados mais importantes do dia.

A presença dos *deadlines*¹⁴ nas redações faz com que as rotinas produtivas sejam necessárias, a fim de que se possa garantir a presença das matérias programadas para irem ao ar em determinada edição do telejornal. Sendo assim, toda a produção de notícias deve seguir um esquema rígido previamente montado para que seja possível haver tempo suficiente para a perfeita finalização do material que irá ser veiculado (SANTOS; FAUSTO NETO, 2013, p. 107).

Na ponta inicial da linha de montagem de um telejornal estão os produtores. Eles são responsáveis por apurar o que está acontecendo, ou o que aconteceu poucas horas atrás, que tenha alguma relevância jornalística¹⁵, passar tudo para os editores e decidir com eles o que deve ser transformado em notícia. Buscam informações, apuram, checam e dão toda a base para o desenrolar do processo. Em seguida os produtores fazem a pauta. Nela estão contidas as principais informações sobre o assunto da matéria¹⁶ a ser produzida, os horários marcados com os entrevistados, os lugares que devem ser visitados e como o processo deve ser encaminhado. A pauta é entregue ao repórter, e o trabalho, a partir daí, segue com a equipe de reportagem, tendo sempre o suporte da produção para o que for necessário.

Numa equipe de reportagem o trabalho é feito, rotineiramente, pelo repórter, o repórter cinematográfico ou cinegrafista e o iluminador ou auxiliar. “Um depende diretamente da participação do outro, a fim de se obter o melhor em termos de resultados” (SANTOS, 2012, p. 105-106). Por isso, antes mesmo de chegar ao local de gravação, o repórter conversa com o

¹⁴ Numa tradução literal, *deadline* é a “linha da morte”. É “uma linha imaginária, um limite de tempo para fazer da edição da matéria e do fechamento do jornal, operações seguras” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 25)

¹⁵ Essa relevância jornalística dos fatos segue alguns critérios denominados pelas teorias do jornalismo como “critérios de noticiabilidade”, que vão desde questões objetivas como a capacidade do fato de atingir um grande número de pessoas e causar comoção social, até questões subjetivas, como a linha editorial de cada empresa. Não vamos nos detalhar mais a respeito dos critérios de noticiabilidade para não nos distanciarmos do foco deste trabalho.

¹⁶ Neste trabalho, “matéria” é a notícia transformada em formato audiovisual de modo adequado para o telejornalismo.

cinematógrafo sobre a pauta (FACHEL, 2011). Interagir sobre o encaminhamento da matéria com quem vai captar as imagens é fundamental para que haja sintonia entre o texto do repórter e as imagens capturadas (BISTANE; BACELLAR, 2005).

Fora da redação, “o primeiro passo do jornalista é aproximar-se dos envolvidos com o fato e conversar. Perguntar e colher de todas as fontes¹⁷ o maior número de dados possíveis para entendimento e configuração da reportagem” (VILLELA, 2008, p. 147). A partir daí, todo um trabalho físico e intelectual vai se desenrolando. Concentração é um elemento essencial. Além disso, inteligência, discernimento e sensatez são características de um bom repórter que independem da tecnologia dos equipamentos que estão sendo usados.

Quanto mais concentrado e diligente é o jornalista, maior sua capacidade de compreender a natureza, situação ou condição de coisas e pessoas num determinado momento [...] A sagacidade é o que proporciona o discernimento para avaliar – dentro de critérios sensatos de comparação, julgamento, escolha e definição – os elementos adequados para a realização da reportagem (VILLELA, 2008, p. 148).

Embora o repórter precise colher as informações, a prioridade na rua é sempre da imagem (FACHEL, 2011). O trabalho do repórter deve ajudar a dar espaço aos “olhos” da câmera, porque, se perder um momento chave, não dá para recuperar o que poderia ter rendido um bom conteúdo imagético. Em televisão uma imagem pode garantir a inserção de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinematógrafo não tivesse no lugar certo, na hora certa. Imagem é informação, mas deve ser bem contextualizada pelo texto. “A função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do jornalista de TV para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do vídeo” (BRASIL, 2005, p. 8).

O cinematógrafo vai em busca das imagens principais, sempre atento ao desenrolar dos acontecimentos para não perder nada importante. Já o repórter, além de estar atento a isso, deve desenvolver uma visão diferenciada, olhar para onde ninguém está olhando (FACHEL, 2011). É nos detalhes que pode estar o diferencial.

A todo momento é preciso pensar em como o fato vai ser contado. “O noticiário é essencialmente narração, sua ação é a de contar histórias e o sentido dessa narração é afirmar a realidade interpretada e midiaticizada” (CABRAL, 2012, p. 145). Aos poucos o quebra-cabeças vai sendo montado. “Algumas peças se encaixam melhor na passagem¹⁸ do repórter, outras, nos

¹⁷ Fontes são todas as pessoas capazes de fornecer algum tipo de informação para compor a matéria.

¹⁸ Passagem é o momento em que o repórter aparece no vídeo olhando diretamente para a câmera e passando algumas informações.

trechos selecionados das entrevistas, e as restantes compõem o *off*¹⁹, que será coberto por imagens” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 23). O repórter precisa escrever um texto com precisão e síntese. “Uma coisa é ouvir uma história; outra, é entender o suficiente para contá-la, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 13). A forma como se conta a história também influencia na qualidade da reportagem.

É hora de unir texto e imagem, o que não é uma tarefa fácil, pois “o texto deve estar 'casado' com a imagem. A palavra complementa, esclarece a informação visual, mas não deve ser uma mera descrição” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 14). Escrever de forma criativa, tendo o cuidado de não descrever a imagem, é um desafio diário que deve ser feito com agilidade, pois existe o *deadline*. Se ele não for respeitado, o material pode não chegar na redação a tempo de ser editado²⁰ e entrar no jornal.

No geral, as principais atribuições de uma equipe de reportagem são: colher informações na rua, gravar imagens, entrevistar, observar, anotar, gravar passagem, ficar atento ao áudio capturado pela câmera, pensar em imagens de arquivo²¹ que podem ser usadas (se necessário), fazer o *off* e gravar a narração, sugerir recursos da computação gráfica²² que possam enriquecer a matéria, mandar o material gravado e o texto do repórter para a emissora ou levar pessoalmente, gravar audiotape²³ quando necessário e fazer as participações ao vivo no telejornal.

O tipo de transmissão mais comum para as entradas ao vivo na tecnologia analógica é a micro-ondas. São ondas eletromagnéticas que viajam pelo ar em linha reta. Elas não atravessam bem os objetos que encontram pelo caminho. Por isso, para uma transmissão segura, sem falhas ou chiados, a antena que envia o sinal deve estar alinhada com a antena que recebe, na emissora, sem obstáculos pela frente como casas ou árvores. Em caso de obstáculos, a saída é rebater o sinal com uma antena no meio do caminho ou um satélite. A estrutura fica instalada em um veículo especialmente montado para isso, com um mastro, uma antena e vários equipamentos dentro. É a chamada uma unidade móvel de jornalismo.

¹⁹ *Off* é o texto escrito pelo repórter para ser gravado. É a narração que dá sentido às imagens em sequência numa matéria.

²⁰ Discorremos com mais detalhes sobre a fase de edição um pouco mais adiante.

²¹ Imagens de arquivo são imagens do acervo da emissora composto pelo material audiovisual gravado ao longo dos anos.

²² Detalhamos estes recursos um pouco mais adiante.

²³ Áudio gravado por telefone de um local de onde, no momento, não se consegue enviar imagens a tempo do noticiário seguinte.

O problema é que, devido aos obstáculos, as entradas ao vivo não conseguem ser feitas com facilidade de qualquer lugar da cidade, principalmente se o relevo for muito acidentado. Nem toda emissora tem condições de utilizar um satélite ou uma outra antena para rebater o sinal. Além disso, a unidade de jornalismo móvel é suficientemente grande para inviabilizar operações rápidas ou deslocamentos em cima da hora. Leva um tempo para o veículo chegar até o local, instalar a antena, subir o mastro, alinhar o sinal, plugar os cabos e testar o vídeo e o áudio. Não podemos falar em agilidade.

Na redação, as imagens e o texto gravados pela equipe de reportagem chegam às mãos do editor de texto, jornalista que, em resumo, revisa o material feito pela equipe de reportagem, decide os trechos das entrevistas que vão ser colocados nas matérias, escreve o texto que vai ser lido pelo apresentador, orienta o editor de imagens²⁴ no processo de montagem²⁵ das matérias, comanda a parte jornalística da exibição do telejornal e é responsável pelas principais decisões. Cada jornal tem um ou mais editores de texto e, não raro, o apresentador também faz o papel de editor, como é o caso de Willian Bonner, no Jornal Nacional da Rede Globo.

Sendo a tecnologia utilizada analógica, o editor de texto leva a fita com as gravações para a ilha de edição²⁶ linear. Neste tipo de edição, para encontrar e selecionar as imagens que serão usadas é preciso rebobinar a fita para a frente e para trás (CROCOMO; LAGE, 2001).

No caso da ilha de edição linear, esta se chama assim, justamente, porque cada “pedaço” da matéria – da fita nesse caso – precisa ser montado a partir de uma ordem ou sucessão, um após o outro, numa estrutura nitidamente verticalizada e por isso pouco ágil. Esse trabalho na ilha de edição é feito em cada matéria, pelo montador, sob as orientações do editor (PICCININ, 2009, p. 163).

O *off* do repórter serve de roteiro para o editor de texto, que, por sua vez, tem a liberdade de mudar o que achar necessário. É na edição de imagens que o trabalho da equipe de reportagens se transforma em uma matéria pronta para ser exibida.

A edição de um telejornal é compreendida como o processo de construção de uma história audiovisual, após a execução do planejamento da matéria (pauta) e a apuração dos fatos (produção e reportagem) [...] Esse processo é carregado de sentidos e implica em escolhas, em cortes e emendas, em uma narrativa fragmentada, no uso de bom senso, em efeitos de sentidos, mas principalmente, na manipulação (moldagem) e exploração das imagens para tornar a narrativa imagética (CABRAL, 2009, p. 179).

Esse é o momento de explorar da melhor maneira as imagens que foram gravadas pela equipe de reportagens, da utilização de imagens de arquivo (se for necessário, de acordo com o

²⁴ Profissional especializado na técnica de edição de imagens. Neste trabalho é sinônimo de montador.

²⁵ Montagem, neste trabalho, é sinônimo de edição de imagens.

²⁶ Espaço com equipamentos específicos para a edição de imagens.

assunto tratado) ou da criação de imagens artificiais. Tem ainda a opção de utilizar as imagens enviadas por telespectadores, uma ação cada vez mais recorrente.

Para a criação de imagens artificiais, geralmente são utilizadas as ferramentas da computação gráfica. Mesmo as emissoras que lidam com a edição de imagens analógica, há pelo menos um computador destinado à edição digital. Os editores de imagens ou de arte “usam tecnologias digitais (*hardwares*²⁷ e *softwares*) para modificar ou criar as imagens e assim, representar o acontecimento, reelaborar, simular com base nas informações reais apuradas na reportagem” (CABRAL, 2008, p. 9). Após a elaboração no computador, o que foi criado é passado para a fita e encaixado na matéria, um processo que acarreta perda na qualidade do vídeo e do áudio.

Esse mesmo computador é utilizado também na finalização de matérias especiais ou quando se pretende dar um acabamento melhor ao VT²⁸. O custo benefício dessa operação sempre é avaliado porque, se as imagens são gravadas em fitas, elas são passadas para o computador (processo que leva o mesmo tempo de gravação) e a matéria finalizada é passada de volta para uma fita, para poder ser exibida no processo analógico. O gasto de tempo dessa operação tem que ser levado em conta, assim como a perda de qualidade da imagem e do som.

O trabalho com a edição analógica ainda tem um outro ponto interessante a ser destacado: “Os editores narram que ficam angustiados em alguns momentos de montagem da matéria, pois quando têm que reeditar, cortar um trecho da matéria já editada, perdem tempo e qualidade copiando novamente o material em outra fita” (CABRAL, 2009, p. 189). Não há como modificar algo no meio da matéria sem fazer uma nova cópia.

No momento da exibição do telejornal todas as fitas contendo os VTs que vão compor o noticiário são numeradas e colocadas na ordem que vão ser exibidas. Essa ordem pode mudar no meio do telejornal a comando do editor de texto. Um profissional (pode ser um editor de imagens ou um supervisor técnico) é disponibilizado especificamente para inserir as fitas, uma a uma, na máquina, que é semelhante a um videocassete em tamanho maior, e apertar o *play* no momento exato da exibição. O diretor de TV, que faz o controle de tudo o que vai aparecer na tela por meio de uma mesa de comando²⁹ cheia de botões e dispositivos, trabalha em sintonia

²⁷ Parte física de um computador, equipamentos.

²⁸ VT é uma abreviatura da palavra *videotape*. Neste trabalho VT é sinônimo de matéria. “Pode ser, por exemplo, uma entrevista gravada, uma notícia (relato mais breve e objetivo, com uma duração de tempo menor) ou uma reportagem (relato mais complexo e com mais regras de codificação, utilizando mais tempo, visando a um detalhamento e a um processo de investigação maior do tema) (CABRAL, 2008, p. 108).

²⁹ “A partir da mesa é possível escolher as câmeras de estúdio, de externa (para entradas ao vivo dos repórteres que estão na rua) e também para a exibição das reportagens. Para cada opção, é preciso apertar um botão, procedimento adotado há muitos anos nas emissoras” (CROCOMO;LAGE, 2001, p. 6).

com esse profissional e com o técnico responsável pelo áudio. Se o trabalho de todos não acontecer de forma sincronizada podem acontecer erros.

Se o sistema de exibição for digital as matérias são arquivos de computador. Um profissional fica responsável por coloca-las na ordem num equipamento chamado *playout*. Não precisa apertar o *play*. O diretor de TV dá o comando para a exibição da matéria por meio da mesa de comando digital. Dessa forma, fica mais fácil evitar os erros enquanto o telejornal está no ar.

Na tecnologia digital as imagens chegam na ilha de edição em formato digital, gravadas em um disco, cartão de memória ou outro dispositivo de armazenamento. É só descarregar no computador e editar diretamente nele. Não há perda de qualidade. A edição deixa de ser linear para ser não-linear, pois “o sistema permite a localização e troca de imagem e de áudio de qualquer ponto da gravação no computador, sem ter que voltar ou adiantar o material e muito menos fazer uma nova cópia da matéria” (CABRAL, 2009, 189). Cada imagem aparece no computador como um arquivo separado e não todas numa gravação só, como ocorre no analógico, garantindo assim acesso imediato a qualquer ponto (CROCOMO; LAGE, 2001).

Pelo novo sistema, imagens e áudio são transformados em sinais binários e “colocados para dentro do computador”, possibilitando a edição não mais rigorosamente numa sucessão de fragmentos que se unem, um após o outro, mas de forma aleatória, agilizando infinitamente o processo. [...] Outra vantagem da nova plataforma também está associada ao fato de ela produzir uma operação rizomática. Todo e qualquer material – do dia ou de arquivo – fica disponível a todos e ao mesmo tempo, o que também agiliza e torna infinitamente mais prático o trabalho de edição (PICCININ, 2009, p. 164).

Com o processamento digital, a imagem passou a ser manipulada como qualquer dado, oferecendo maiores possibilidades de explorar a criatividade (CABRAL; VIZEU; ROCHA, 2013). Entretanto, para quem passou anos ou até décadas editando imagens na tecnologia analógica, passar a editar na digital, inicialmente, não é fácil. Requer preparação, treinamento e novos conhecimentos. “Um processo mais complexo do que a simples troca de aparelhos” (CROCOMO; LAGE, 2001, p. 11).

Embora os editores de texto, de antemão, não editem tecnicamente as imagens, com o processo digital a tecnologia é mais didática e por consequência as barreiras entre a função técnica e a função do jornalista tendem a se misturar (CABRAL, 2008). É isso que acreditam vários pesquisadores da área.

Fica cada vez mais claro que o computador reduz a distância entre o que é essencialmente técnico e o que é produção para telejornalismo. Impossível trabalhar com um programa de edição não-linear de vídeo sem opinar sobre a melhor forma de construir a matéria para garantir o bom entendimento da

informação. Já não existe o trabalho apenas mecânico de montagem de matérias, que subsistia na edição através do videoteipe. Com a edição não-linear, o futuro aponta para o editor apenas, responsável tanto pelas informações do texto quanto pelas informações das imagens (CROCOMO; LAGE, 2001, p. 8)

Não apenas na parte de edição, mas a tendência é a formação de um profissional multifuncional também na reportagem. Existe a possibilidade do repórter precisar entender mais profundamente de outras áreas. É possível crer na concentração de tarefas para o repórter quanto à produção e distribuição de conteúdo por diversas plataformas (SILVA, F., 2008) e/ou quanto a edição ou pré-edição do material ainda na rua.

[...] grandes são as possibilidades de as equipes de externa ganharem função de pré-editoras, decupando sequências de imagens com mais esmero, selecionando trechos de *sonoras*³⁰, efeitos sonoros gravados no ambiente e, assim, oferecendo aos editores a premissa de atuarem como pós-editores deste material (SANTOS, 2009, p. 106, grifo do autor).

A tecnologia digital traz ainda a possibilidade do repórter também ser cinegrafista, utilizando aparelhos portáteis, contribuindo com o colega de equipe ou trabalhando sozinho, dando mobilidade ao jornalismo.

[...] em virtude da velocidade com que as informações devem chegar aos telespectadores, as emissoras adotam novos procedimentos, em que os repórteres se tornam polivalentes e devem produzir material com esses aparatos portáteis, para alimentar à redação (CIRNE, 2012, p. 43).

Equipamentos cada vez menores e portáteis são a base do jornalismo móvel que entendemos como sendo “a potencialização entre jornalismo e mobilidade propiciada pelas tecnologias móveis digitais (smartphones, celulares, notebooks, câmeras digitais) e conexões sem fio (wireless, Wimax, 3G, GPRS, bluetooth)” (SILVA, F., 2008, p. 143). Esses equipamentos portáteis facilitam, por exemplo, a operacionalização das entradas ao vivo, tornando o processo mais ágil: “A transmissão com o celular permite que o repórter possa narrar fatos ao vivo sem o uso de equipamentos tradicionais caracterizados pelo tamanho robusto” (SILVA, F., 2008, apud PICCININ, 2009, p. 162). O jornalismo móvel é uma tendência que também impulsiona a multifuncionalidade do profissional.

Essa questão do profissional multifuncional é encarada como uma tendência polêmica, pois há uma disputa ideológica e trabalhista desse acúmulo de função, podendo resultar em redução da empregabilidade, da remuneração e dos investimentos em produção jornalística (SILVA, 2010). “De modo mais amplo, a multifuncionalidade requerida dos profissionais pelas

³⁰ Sonoras são as entrevistas gravadas pela equipe de reportagem.

demandas da convergência digital é um tema ainda a ser debatido e regulamentado nas esferas jurídica e empresarial” (SILVA, 2010, p. 64).

Independente de a multifuncionalidade ser disseminada ou não nas emissoras, o que se observa é que há uma necessidade do jornalista alargar os seus conhecimentos. Mesmo que ele faça a função estritamente jornalística, compreender com mais profundidade das questões técnicas contribui com o entendimento de como explorar as diversas ferramentas da tecnologia digital para melhorar o conteúdo informativo e criativo do material exibido.

Existem questões técnicas que inevitavelmente influenciam na atuação do jornalista. Isso já acontecia com a tecnologia analógica. Com a digital essa influência tende a ser ainda maior, modificando a forma como se fazia anteriormente. Por exemplo, já que as câmeras que filmam em alta definição mudam o tamanho do campo visual da imagem, cinegrafistas e repórteres devem ficar atentos ao enquadramento 16:9. Porém, como grande parte da população ainda não tem aparelhos de TV para a imagem maior, é preciso que o essencial da cena esteja dentro dos 4:3 (SANTOS, 2009).

Se devido à alta definição a imagem da TV digital é carregada de detalhes que antes não eram vistos, mais uma vez é preciso maior atenção do repórter e do cinegrafista. Como aproveitar a alta resolução, as cores mais vivas e os detalhes mais evidentes para agregar mais conteúdo e criatividade à reportagem? Essa é uma pergunta que deve ser respondida diariamente pela equipe.

Para saírem à rua, no instante de construção da narrativa da notícia para o telejornal, as equipes deverão ter como norte as sensibilidades e as possibilidades instigadas pelo suporte digital. Repensar o reflexo em cores, sons ambiente, especialmente as noções espaciais e de formulação de perspectivas visuais e planos de filmagem (SANTOS, 2009, p. 106).

Na hora de escrever o *off* da reportagem, com imagens que trazem mais detalhes, o efeito de redundância de um texto cheio de descrições é mais evidente. Alguns detalhes que antes a imagem não conseguia mostrar, como as rugas em um rosto, paisagens mais vivas ou a textura de uma parede, e por isso o repórter precisava destacar no texto, agora não são mais necessários no *off*. Se as imagens dizem mais sozinhas, o texto deve dizer cada vez menos em termos de descrição.

França (2009) enfatiza ainda um outro ponto que influencia na rotina dos jornalistas. O repórter e o apresentador são obrigados a se preocupar mais com a própria aparência. A maquiagem precisa ser sutil, bem acabada e muito eficiente, para cobrir inclusive detalhes que antes não apareciam no vídeo, como espinhas e manchas. As roupas também devem estar mais bem cuidadas para não aparentar desleixo.

A digitalização da produção de notícias ainda inclui a forma de arquivar o material gravado. O arquivo passa a ser digital, permitindo o armazenamento sem ocupar espaço físico e com acesso facilitado por programas de computador. Assim, a utilização de imagens de arquivo é otimizada, aumentando a capacidade de presentificação e atualização dos fatos a partir de uma memória jornalística (CABRAL, 2009). “A opção de acessar imagens de arquivo, a partir da própria estação de trabalho, vai ser o fim das velhas prateleiras cheias de fitas e da tarefa nem sempre fácil de localizar uma cena específica” (CROCOMO; LAGE, p. 2001).

Além da digitalização das emissoras, a implementação das características próprias da TV digital também promete modificar as rotinas jornalísticas. Até agora apenas a alta definição de imagem e som é uma realidade. Porém, a que gera maiores expectativas é a interatividade por meio do aparelho de TV, que ainda não deslanchou.

Por enquanto, percebe-se apenas tentativas de aproximação com o público por parte dos jornalistas responsáveis pelos telejornais. Iniciativas que dão a sensação de maior proximidade e podem ser consideradas ensaios para a utilização do potencial interativo da TV digital.

[...] ainda limitadas pela tecnologia da transmissão unidirecional, as emissoras atuais parecem interessadas em criar essa sensação, investindo tanto na adoção de um modelo mais conversacional, como encaminhando o telespectador a experimentar uma interação a partir do uso da Internet, por exemplo (CIRNE, 2014, p. 114).

Para que a interatividade pelo aparelho de televisão funcione de fato, na prática, é preciso investir em aplicativos interativos específicos para a TV digital. Criar uma boa interface para a TVD é um desafio. Ela deve estar em sintonia com a linguagem televisiva, potencializando e modernizando as noções de interatividade do meio, o que é diferente de se apropriar da linguagem usada pela internet (CANNITO, 2010). O usuário tem diferentes expectativas em frente à televisão e em frente ao computador. “Temos que fazer uma aplicação que não quebre a experiência que ele tem com a TV, que tenha uma navegação fácil e dê resposta rápido” (KULESZA, 2010, p. 117). Então, se um telejornal é formado por várias notícias, para manter as características básicas dele, os aplicativos interativos devem fazer parte dessas notícias.

Com a interatividade da TV digital, o conteúdo colaborativo tende a ser mais frequente, só que de forma diferente da que acontece na internet.

A colaboração mais ampla deve ser, portanto, uma das grandes promotoras de mudança na televisão nos próximos anos. [...] O que deve ficar claro é que o colaborativo atual não dispensa um editor, um padrão e um propósito para o material enviado. O poder de decisão continua centrado em um profissional,

ou equipe, que estabelece o que deve ser feito e como (CANNITO, 2010, p. 185).

Diante de tantas ferramentas novas com a digitalização das emissoras e de tantos indícios de maiores mudanças com a TV digital, é imprescindível que o telejornalista passe a entender mais da técnica para aperfeiçoar o fazer jornalístico e se adequar às modificações, se colocando como agente criativo nesse processo de transição.

O desafio para o comunicador é atuar na etapa de implantação da televisão digital como o mediador da produção discursiva em uma cadeia estruturada sob os novos paradigmas das tecnologias da informação e comunicação e que não são mais os mesmos da lógica da televisão analógica. Por isso, na plataforma digital, as empresas produtoras de conteúdos audiovisuais passam a demandar profissionais com novas habilidades e competências de tal modo que a formação dos comunicadores deve assegurar o exercício profissional atento e crítico em relação à inovação em curso (MÉDOLA, 2009, p. 7).

É necessário, portanto, que o jornalista crie novas formas de fazer e melhorar a qualidade do que vai ao ar, “estimulando a reflexão sobre seu papel e sua forma de atuação no processo produtivo, com telespectadores que serão cada dia mais atuantes na programação” (SCORALICK, 2013, p. 10). Essa questão pode ser determinante não só para os profissionais, mas também para as empresas. “Rever conceitos e adotar novas práticas, a fim de antecipar as mudanças que estão por vir, devem ser as preocupações centrais de qualquer empresa jornalística que pretenda manter algum nível de importância no seio da sociedade” (SANTOS; FAUSTO NETO, 2013, p. 112).

3 O CASO DA TV PARAÍBA

3.1 A segunda emissora de TV a chegar à Campina Grande

A TV Paraíba é uma emissora afiliada da Rede Globo, instalada no bairro da Palmeira, na cidade de Campina Grande, no agreste paraibano, há 120 quilômetros da capital João Pessoa. Pertence à Rede Paraíba de Comunicação, do empresário José Carlos da Silva Júnior, dono do Grupo São Braz. A Rede também conta com a TV Cabo Branco (afiliada Globo localizada em João Pessoa, Paraíba), com os portais de notícia G1 Paraíba e GloboEsporte.com, o impresso e online Jornal da Paraíba e as rádios Cabo Branco FM e CBN João Pessoa. É considerado o maior grupo de comunicação do estado (TV CABO BRANCO, 2014).

A TV Paraíba foi a segunda emissora de televisão a chegar à Campina Grande. A primeira foi a TV Borborema, inaugurada em 1966. Implantada pelo empresário e político paraibano Assis Chateaubriand, foi pioneira no interior do Nordeste e a primeira emissora da Paraíba a transmitir programação local (MELO, 2010). Nessa época, na capital paraibana, os televisores apenas retransmitiam o sinal vindo do estado vizinho, Pernambuco, sem produzir conteúdo. No início a TV Borborema retransmitia o sinal da Rede Tupi. Quando a Tupi saiu do ar ela passou a retransmitir a Rede Globo.

Porém, “a TV Borborema ainda operava de forma relativamente improvisada, não atendendo às exigências do Padrão Globo de Qualidade” (MELO, 2010, p. 75). Esse teria sido um dos motivos pelo qual a emissora deixou de retransmitir a Rede de Roberto Marinho e passou a ser afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). O sinal da Globo ficou então para a TV Paraíba, que chegou à Campina Grande em primeiro de janeiro de 1987.

O primeiro programa exibido pela TV Paraíba para a região de Campina foi o documentário “História de Bolso da Comunicação na Paraíba”, produzido e editado pelo jornalista Rômulo Azevêdo. Na noite do dia seguinte, 02 de janeiro, o primeiro telejornal da emissora entrava no ar. Era o CGTV, também editado por Rômulo e com apresentação de Adenildo Pedrosa. Era o telejornal noturno, exibido na faixa das 19 horas (MELO, 2010, p. 75).

Hoje, a TV Paraíba, além de retransmitir a programação nacional da Globo, exhibe os seguintes programas locais³¹:

³¹ O sentido de programas “locais”, nesta frase, é programas feitos na Paraíba, com conteúdos produzidos pelas afiliadas Globo no estado.

- Bom Dia Paraíba: telejornal produzido em parceria com a TV Cabo Branco, que detém a edição chefe. Campina Grande entra com algumas janelas³² da cidade exibindo matérias feitas pela TV Paraíba. O telejornal é ao vivo e vai ao ar de segunda à sexta-feira;
- JPB Primeira Edição: telejornal produzido e apresentado pela TV Paraíba, ao vivo, de segunda à sábado, ao meio-dia, exibindo em seu conteúdo, além de material próprio, algumas matérias feitas pela TV Cabo Branco;
- JPB Segunda Edição: telejornal produzido e apresentado pela TV Paraíba, ao vivo, de segunda à sábado, às 19h10, exibindo em seu conteúdo, além de material próprio, algumas matérias feitas pela TV Cabo Branco;
- Globo Esporte edição local: telejornal especializado em esportes, produzido e apresentado pela TV Paraíba, ao vivo, de segunda à sábado, exibindo em seu conteúdo, além de material próprio, algumas matérias feitas pela TV Cabo Branco;
- Paraíba Notícia: noticiário com duração de um a dois minutos, que vai ao ar ao vivo, de segunda à sexta-feira, durante alguns intervalos comerciais da programação, produzidos e apresentados pela TV Paraíba;
- Paraíba Comunidade: programa informativo³³ produzido e apresentado pela TV Cabo Branco. O programa é gravado. A exibição é feita aos domingos.

Além da sede em Campina Grande, dois escritórios sendo um em Patos (sertão paraibano) outro em Sousa (alto sertão paraibano), contendo uma equipe de reportagens cada, fazem parte da TV Paraíba. Essas equipes trabalham produzindo conteúdo da região onde estão instaladas e enviando para a sede.

A emissora atualmente funciona com a produção e a transmissão da programação digitais. O processo de digitalização total, impulsionado pela implantação da TV digital no Brasil, começou em 2011 e foi concluído em agosto de 2013. A TV Paraíba foi a primeira emissora de Campina Grande (e a segunda do estado) a proporcionar a alta definição para o público. O sinal digital passou a ser sintonizado no canal 21. Já a transmissão analógica, no canal 3, permanece no ar até a determinação do governo federal. Na Paraíba a primeira emissora a digitalizar a transmissão foi a TV Cabo Branco, em fevereiro de 2009. Já a TV Correio foi pioneira no estado a digitalizar todo o processo de produção e transmissão, em janeiro de 2013.

³² Janelas são participações de mais um apresentador em uma outra cidade.

³³ Programa que, embora trabalhe com conteúdo informativo, não traz notícias de assuntos do dia.

As duas emissoras de televisão da Rede Paraíba de Comunicação dividem a abrangência da produção e do sinal no estado de acordo com a proximidade dos municípios. A TV Paraíba atinge com o sinal analógico 81 municípios e a TV Cabo Branco, 48. Porém, em população, a diferença é pequena, sendo 1.556.392 e 1.683.432 habitantes, respectivamente (TV PARAÍBA, 2013). A previsão é que a fase de expansão do sinal digital da TV Paraíba termine em 2015 (TV PARAÍBA DIGITAL, 2014).

3.2 TV Paraíba: do analógico ao digital

Esta parte do texto se destina a descrever as mudanças na forma de produzir notícias na TV Paraíba durante o processo de digitalização total, tanto da produção quanto da transmissão, impulsionado pela implantação da TV digital no Brasil. Todas as falas citadas aqui fazem parte das entrevistas gravadas por nós, de 2013 a 2015, para a série de reportagens.

Os textos da série serviram de base para escrever este tópico. Porém, aqui não colocamos informações já inseridas em outros tópicos deste relatório, como explicações sobre como se faz um telejornal e discussões teóricas sobre a TV digital. Entretanto, trazemos mais detalhes sobre a rotina dos profissionais responsáveis pela produção diária de notícias para televisão e as modificações causadas pelo processo de digitalização. Detalhes esses que, se colocássemos na série, não conseguiríamos fechar cada reportagem com até dez minutos. É como ler um livro e ver um filme baseado no livro. Sempre o livro traz mais detalhes.

Ao longo dos anos a TV Paraíba utilizou equipamentos diferentes, acompanhando o desenvolvimento da tecnologia. O que se tornava obsoleto, naturalmente, era substituído, modificando o fazer e trazendo novas características para a rotina dos jornalistas. O apresentador e chefe de redação da emissora, Carlos Siqueira, profissional que comanda toda a parte de produção jornalística, lembrou que o *Betacam*³⁴ chegou à TV Paraíba nos anos 90 e trouxe mais mobilidade à equipe de reportagem. Antes, no sistema *U-matic*³⁵, um cabo plugava a câmera ao equipamento onde a fita era inserida, necessitando de dois profissionais para operar (informação verbal)³⁶. Um ficava responsável pelas imagens captadas pela câmera e o outro

³⁴ Conjunto de equipamentos analógicos lançado pela Sony em 1982 que utiliza fita de meia polegada. Essa tecnologia integra o *record* (equipamento onde a fita é inserida) à câmera.

³⁵ Formato de equipamento de gravação de vídeo analógico, comercializado a partir de 1971, que utiliza fita com filme de ¾ de polegada. Na televisão, esse equipamento substituiu as câmeras de 16 mm que eram utilizadas com filmes que precisavam ser revelados após a gravação.

³⁶ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 20 de julho de 2013.

inseria a fita no equipamento a parte e modulava o áudio. Assim, com o *Betacam*, a equipe passou a ter uma pessoa a menos e ganhou agilidade.

Até julho de 2013 todo o processo de produção de notícias seguia regras compatíveis com a tecnologia analógica, sobretudo de captação, edição de imagens e transmissão. Porém, a tecnologia digital já vinha sendo inserida ao longo dos anos, em alguns setores, a exemplo da redação, que foi digitalizada na década de 90 quando chegaram os computadores.

Na redação todos os computadores são interligados em rede. Eles têm instalado um *software* chamado *EasyNews*, que é utilizado pela Rede Globo e afiliadas. Esse *software* vem com uma formatação padrão de todas as etapas da produção do telejornal, das pautas ao *script*³⁷. De qualquer computador da redação é possível acessar o que está sendo ou já foi feito no *EasyNews*. É nele que editores de texto e apresentadores escrevem os textos que devem ser lidos durante a exibição do telejornal, os produtores escrevem as pautas e os repórteres digitam os *offs*.

Para fazer um telejornal na TV Paraíba o trabalho começa com os produtores, seja o JPB Primeira Edição, o Segunda Edição ou as participações no Bom Dia Paraíba. A jornalista produtora da emissora Danielle Flôr explica que no setor de produção há profissionais específicos para fazer a pauta de cada matéria (informação verbal)³⁸. Segundo ela, os produtores fazem a passagem de informações de um turno para o outro, vão atrás de entrevistados, discutem as pautas com os editores, fazem a ronda (ligar para polícia, bombeiros e hospitais para saber se aconteceu algo de grave que possa gerar interesse público), checam informações, mantêm contato com as equipes de reportagem e fazem todo o planejamento das reportagens que serão feitas.

Com a pauta em mãos, a equipe de reportagem, seguindo as regras da tecnologia analógica, levava as fitas para fazer as gravações nas câmeras *Betacam*. A rotina dessas equipes é bem intensa. A repórter Isis Coelho descreveu a seu dia a dia contando que chega às cinco horas da manhã na emissora (informação verbal)³⁹. Ela, um cinegrafista e um auxiliar fazem primeiro as entradas ao vivo para o Bom Dia Paraíba ou, quando não há previsão dessas entradas no telejornal matinal, fazem uma matéria no horário. Em seguida há um intervalo para o café da manhã. Depois fazem mais duas ou três matérias e as entradas ao vivo para o JPB Primeira Edição, ao meio-dia.

³⁷ Espécie de roteiro com os textos a serem lidos pelo apresentador, além de orientações de texto, áudio e vídeo para todos os profissionais envolvidos na exibição do telejornal.

³⁸ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

³⁹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

Na maioria das vezes o repórter escreve os *offs* e grava dentro do carro para não perder tempo voltando para a TV. Ao encerrar as gravações de uma matéria, enquanto a equipe já passa para a próxima pauta, um motoqueiro leva a fita para a emissora. Seu Sebastião, como todos chamam o motoqueiro, afirmou que pega e leva para a TV Paraíba de seis a oito fitas por dia (informação verbal)⁴⁰. Ao chegar na emissora o material vai para as mãos do editor de texto.

O editor de texto e o editor de imagens montavam as matérias na ilha de edição analógica utilizando duas fitas. Pierre Tibério, diretor de TV e editor de imagens, afirmou que na edição analógica, não linear, é preciso ter bastante prática para, ao rebobinar a fita, já ir observando as imagens que foram gravadas para, em seguida, cobrir o material com mais agilidade (informação verbal)⁴¹.

Pierre Tibério explicou que quando precisava utilizar o computador na época em que a edição analógica predominava, havia uma perda de tempo e de qualidade de áudio e imagem nesse processo de passar os vídeos da fita para o computador e do computador para a fita novamente. Por isso, o computador só era usado para a edição de imagens quando a matéria precisava de algo que não dava para fazer de forma simples com os equipamentos analógicos disponíveis, como desfocar uma imagem ou distorcer o áudio da voz para preservar as pessoas que apareciam no vídeo, colocar efeitos e dar um acabamento mais elaborado às matérias.

A equipe de reportagem escalada para fazer as entradas ao vivo via micro-ondas chega ao local marcado com cerca de vinte minutos de antecedência para fazer os testes. Segundo o técnico Jocemir Pereira, é necessária cerca de meia hora para deixar a estrutura pronta para os *links*⁴² (informação verbal)⁴³. O técnico é responsável por subir o mastro com a antena da Unidade Móvel de Jornalismo⁴⁴ e fazer o alinhamento com a antena da emissora. Em contato com a equipe de engenharia da TV ele faz o fechamento⁴⁵ do sinal de micro-ondas e confirma para a equipe de jornalismo que a operação pode ser realizada com segurança durante o telejornal. Há casos em que o sinal não fecha devido a alguma barreira física no meio do caminho e os *links* não podem ser feitos daquele local, já que a TV Paraíba não rebate o sinal com algum satélite ou antena.

Depois de cumpridas todas as etapas previstas no *script* termina mais um telejornal, resultado de uma rotina que deixa evidente que jornalistas e profissionais técnicos se misturam

⁴⁰ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

⁴¹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 3 de agosto de 2013.

⁴² Entradas ao vivo.

⁴³ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 16 de fevereiro de 2015.

⁴⁴ Veículo montado com toda a estrutura que viabiliza as entradas ao vivo.

⁴⁵ Ação que confirma que as informações audiovisuais do local das entradas ao vivo estão sendo enviadas com boa qualidade para a emissora.

e uns influenciam no trabalho dos outros. Após o telejornal, na redação, a mesma equipe já começa a planejar a edição do dia seguinte. O editor de texto ainda tinha que liberar as fitas já utilizadas. Rebobinava todas e as disponibilizava para novas gravações. Apenas os editores de texto eram autorizados a fazer essa atividade para não correr o risco de liberação de alguma fita que ainda precisava passar pelo processo de edição. Quando isso acontecia uma equipe de reportagem acabava apagando, sem saber, imagens de matérias que ainda não tinham sido exibidas.

Nos últimos dias do mês de julho de 2013 a transição para a digitalização total do processo de produção e transmissão estava em fase de conclusão. Dar adeus à tecnologia analógica por completo não foi fácil, nem rápido. Para que isso acontecesse em 2011 a TV Paraíba iniciou uma reforma. De acordo com Carlos Siqueira, foi um ano e meio de preparação do prédio (informação verbal)⁴⁶. O piso foi trocado para passar novos cabos e toda a estrutura física foi preparada para a viabilizar a digitalização total. Além da reforma, outros processos, segundo Carlos Siqueira, seguiram de forma simultânea, como a importação dos equipamentos, a escolha de linhas de financiamento e o planejamento e execução dos processos administrativos e técnicos.

Para os profissionais, técnicos e jornalistas, que trabalham com a produção de notícias na TV Paraíba, já estava mais do que na hora de fazer a substituição dos equipamentos analógicos que ainda faziam parte do trabalho. Alguns, com cerca de duas décadas de uso, estavam apresentando muitos defeitos, o que atrapalhava consideravelmente o processo. A câmera analógica pesava cerca de nove quilos com a bateria menor, e doze com a maior, segundo o cinegrafista Damião Tomé (informação verbal)⁴⁷.

A rotina intensa da produção de notícias foi se tornando cada dia mais difícil por causa dos problemas constantes com os equipamentos analógicos. Waléria Assunção, repórter e apresentadora, destacou que na rua, durante o trabalho da equipe de reportagem, constantemente as fitas apresentavam problemas e estragavam as gravações (informação verbal)⁴⁸. As câmeras também estavam cheias de defeitos. Demoravam para fazer o foco e balancear as cores. O microfone falhava e por ser com fio acarretava em menos mobilidade para o repórter.

Waléria afirmou que já chegou a perder o material gravado várias vezes, tendo que refazer, em alguns casos, quando era possível. Só não havia uma perda maior de material porque

⁴⁶ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

⁴⁷ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

⁴⁸ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

os cinegrafistas ficavam em constante alerta quanto aos problemas que os equipamentos analógicos podiam apresentar. Resultado: limitação do trabalho e perda de qualidade e de tempo.

Damião Tomé enfatizou que os cinegrafistas faziam milagres com os equipamentos para conseguir um bom resultado. Mesmo assim alguns prejuízos eram inevitáveis. Por exemplo, às vezes as imagens eram exibidas um pouco azuladas ou esverdeadas por causa de algum defeito na fita ou na câmera. Ele afirmou que fazia o procedimento de balancear as cores pelo menos três vezes para tentar garantir que a câmera tinha configurado certo.

No período de transição da substituição dos equipamentos analógicos pelos digitais as dificuldades aumentaram. Por isso, foi preciso ter cautela. Carlos Siqueira afirmou que houve uma preocupação em fazer uma transição não traumática, já que parte dos profissionais da emissora trabalhava com o analógico há cerca de 25 anos (informação verbal)⁴⁹. Toda a equipe passou por treinamentos. Profissionais de outros estados vieram treinar os da TV Paraíba.

No dia 13 de junho de 2013 o sinal digital da TV Paraíba entrou no ar de forma experimental. Era o momento, segundo Carlos Siqueira, de fazer testes e consertar o que não estava bom. Por exemplo, no início das transmissões do sinal digital o áudio saía mais baixo porque a mesa de áudio da emissora ainda era analógica e os técnicos se desdobraram para resolver.

Todo mundo precisava ter experiências com os equipamentos digitais antes da substituição completa dos analógicos e para isso foram adotados alguns procedimentos. Por exemplo, de acordo com o cinegrafista André Luis, as equipes de reportagem saíam para a rua com duas câmeras: uma analógica e outra digital (informação verbal)⁵⁰. Faziam toda a gravação da matéria com a analógica e nos minutos que sobravam (que nem sempre sobravam) faziam gravações com a câmera digital. Essas gravações não eram exibidas, serviam apenas para que os profissionais fossem se acostumando com os novos equipamentos.

A primeira vez que uma equipe da TV Paraíba gravou “pra valer” com uma câmera digital foi na cobertura de um jogo de futebol. A gravação deu certo, mas, segundo Mário Aguiar, editor do Globo Esporte local, na hora da edição vieram as dificuldades (informação verbal)⁵¹. Como no analógico a gravação gerava um arquivo só, na hora de um gol o repórter anotava o tempo da gravação total até ali, o *timecode*, e ficava fácil de achar os gols no momento de fazer a montagem da matéria.

⁴⁹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 20 de julho de 2013.

⁵⁰ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

⁵¹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 15 de agosto de 2013.

Mas, com o equipamento digital, cada vez que o cinegrafista para de gravar gera um novo arquivo com um novo tempo de gravação. Por isso, nessa primeira vez, deu muito trabalho para achar os gols na ilha de edição. A solução encontrada para as próximas coberturas de jogos de futebol foi não parar de gravar e ativar um recurso que as câmeras digitais adquiridas têm que viabiliza a não interrupção da gravação durante trinta segundos para a troca do disco. Uma memória interna é utilizada enquanto o cinegrafista faz essa troca.

Waléria Assunção ressaltou que foi difícil a adaptação a dois enquadramentos simultâneos: o 3/4 e o 16/9 (informação verbal)⁵². As câmeras novas já vieram com marcações no visor indicando ambos. Por causa da falta de prática com essa questão os cinegrafistas demoravam mais nas gravações e, vez por outra, algum vídeo não saía bom.

O *delay*, que é o tempo que demora para que o áudio seja ouvido na exibição, piorou no período de transição para a digitalização completa, inviabilizando a conversa entre o apresentador e o repórter, já que um ouvia o outro cerca de cinco segundos depois. Para quem assiste, cinco segundos é muito tempo.

No mesmo período, no sertão do estado, os cinegrafistas ainda trabalhavam apenas com as câmeras analógicas. A repórter Herta Riama explicou que duas equipes da TV Paraíba dividem o trabalho no sertão: uma em Patos e outra em Sousa (informação verbal)⁵³. Em cada cidade são dois profissionais, um repórter e um cinegrafista, que acumulam todas as funções. Apesar das câmeras analógicas ainda em uso nesta época, a tecnologia digital já fazia parte do processo de produção de notícias no sertão desde 2009, quando as imagens passaram a ser enviadas para Campina Grande pelo computador, via internet.

Antes disso, de acordo com o cinegrafista do sertão Beto Silva, as fitas eram enviadas por ônibus (informação verbal)⁵⁴. As equipes tinham que se adaptar aos horários das viagens dos ônibus. Dessa forma, a distância entre o acontecimento e a exibição do material gravado no sertão era bem maior. Quando os vídeos passaram a ser enviados via internet, por um lado foi melhor, por outro a velocidade do trabalho e a pressão para a equipe aumentaram. O material produzido de manhã passou a ter que chegar à Campina Grande, via internet, a tempo de ser exibido no telejornal do meio-dia.

A expectativa com relação à digitalização total no sertão, para Beto Silva, era a de facilitar a captação e o envio do material. Além disso, a câmera digital depende menos de uma luz artificial para gravar bem, pois é mais fotossensível. Dessa forma, tem a capacidade de

⁵² Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

⁵³ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 10 de agosto de 2013.

⁵⁴ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 10 de agosto de 2013.

agilizar o trabalho da equipe, principalmente pelo fato de não haver auxiliar no sertão, que é quem, normalmente, segura a luz artificial, quando necessário. O cinegrafista sozinho montava um tripé que segurava a luz antes de gravar.

Em Campina Grande, para viabilizar a troca dos equipamentos, algumas coisas tiveram que funcionar no improviso. Por exemplo, enquanto o novo carro com a estrutura para as entradas externas ao vivo não chegava, uma caminhonete ficou sendo utilizada de forma temporária. O mastro, a antena e os fios eram carregados na carroceria. O restante dos equipamentos, como monitores, mesa de áudio e comunicadores, foram colocados em cima do banco do passageiro.

Em meio às mudanças, era grande a expectativa de como seria quando todos os equipamentos fossem digitais. Waléria Assunção lembrou, inclusive, que seria preciso ter mais cuidado com a maquiagem, já que detalhes como algumas espinhas e manchas seriam evidenciados com a imagem em alta definição (informação verbal)⁵⁵. Apresentadores e repórteres se preparavam para cuidar mais da aparência.

Os treinamentos e orientações tiveram que se expandir para além dos funcionários da emissora. Técnicos em instalação de antenas da cidade foram convidados, no dia 18 de junho de 2013, para uma oficina. Eles passaram para os técnicos da TV Paraíba informações a respeito das dificuldades para conseguir sintonizar o sinal digital da emissora nas residências e aprenderam formas de facilitar esse trabalho.

No maior shopping de Campina Grande, o Partage, a emissora realizou um plantão para tirar dúvidas de telespectadores no dia 20 de junho de 2013. Uma sala de estar foi montada no shopping para mostrar a diferença de qualidade da imagem analógica para a digital e passar orientações sobre os receptores do novo sinal.

Em pouco mais de um mês e meio o sinal saiu da fase experimental, mas a substituição dos equipamentos analógicos ainda não tinha acontecido por completo. No *switcher*⁵⁶ a mesa de áudio ainda era analógica, mas a nova mesa de controle já era digital e os diretores de TV aprendiam a utilizar os recursos que ela oferecia.

O diretor de TV e editor de imagens Pierre Tibério afirmou que a mesa analógica tinha cerca de treze anos de uso e já tinha apresentado problemas na hora em que o telejornal estava sendo exibido, tirando a programação do ar (informação verbal)⁵⁷. A mesa nova, segundo ele, mudou radicalmente a forma de operação e a linguagem técnica. Ela também é uma ilha de

⁵⁵ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

⁵⁶ Sala repleta de equipamentos de onde é feito todo o comando da exibição do telejornal.

⁵⁷ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 3 de agosto de 2013.

edição e traz uma infinidade de outros recursos, tornando a ação de exibir o telejornal uma operação bem mais segura e criativa. Pierre explicou que, com isso, o trabalho de toda a equipe é beneficiado, pois o *switcher* é o destino final de tudo o que foi produzido antes de chegar na casa das pessoas. Se algo der errado no *switcher* o trabalho de muitos vão por “água abaixo”.

5 de agosto de 2013 foi o dia em que, pela primeira vez, os telejornais foram exibidos com todos os processos de gravação, edição e transmissão digitais. O estranhamento com a mudança de rotina já era esperado para esse primeiro dia. Rafael Melo, editor de texto, sentiu falta das fitas (informação verbal)⁵⁸. Segundo ele, as fitas empilhadas com as matérias finalizadas eram o sinal de que já tinha bastante material para exibir, dando, psicologicamente, mais segurança quando faltavam poucos minutos para começar o telejornal. As fitas deixavam o telejornal mais palpável e a falta delas deixou a equipe mais insegura.

Em Campina Grande, com as câmeras novas, as equipes passaram a gravar as imagens em discos, mais compactos e com capacidade de armazenamento bem maior do que as fitas. Já no sertão, as câmeras digitais são utilizadas com cartão de memória. Nas ilhas de edição os vídeos contidos nos discos são descarregados nos computadores. Todas as edições de imagens passaram a ser feitas nos computadores. As matérias prontas são enviadas pela rede interna para o *switcher* e armazenadas no *playout*.

De acordo com o editor de imagens Guilherme Diniz, passou a haver a necessidade de um editor de imagens ir para o *switcher* meia hora antes do telejornal ser exibido para colocar as matérias na ordem de exibição no *playout*, seguindo as indicações do *script* encaminhado pelo editor de texto (informação verbal)⁵⁹. Antes, com os equipamentos analógicos, o editor de imagens ia para o *switcher* com apenas cinco minutos de antecedência, já que as fitas já eram entregues enumeradas e na ordem pelo editor de texto.

No fim desse primeiro dia com todo o processo digital a equipe avaliou que tudo saiu melhor do que o esperado. Guilherme Diniz afirmou que estava satisfeito com o resultado dessa primeira experiência. Porém, ressaltou que alguns problemas só foram percebidos nesse dia. Alguns ajustes no áudio, nas lentes das câmeras e nos procedimentos adotados de envio de material tiveram que ser feitos.

O editor de texto Rafael Melo afirmou que percebeu o quanto os treinamentos foram importantes para que não desse nenhum problema nesse primeiro dia e, conseqüentemente, nos próximos. Segundo ele, a equipe fez o trabalho com mais agilidade para que tudo ficasse pronto mais cedo e garantisse uma maior tranquilidade.

⁵⁸ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

⁵⁹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

O chefe de redação Carlos Siqueira afirmou que tudo saiu dentro do esperado, inclusive alguns problemas (informação verbal)⁶⁰. Ninguém tinha a expectativa de que ia sair tudo perfeito. Porém, os problemas apresentados foram contornados com tranquilidade. Houve uma correria no fim da manhã quando a equipe percebeu que precisava criar uma pasta para cada telejornal no *playout*. As matérias foram enviadas para lá todas de uma vez.

De acordo com Carlos Siqueira, não deu certo porque acabou correndo o risco de não dar tempo de chegar todas as matérias no *playout* e organizá-las. Ficou acertado de, nas próximas vezes, enviar cada VT logo após finalizar a edição. Algumas matérias chegariam no *playout* no meio do jornal, como acontecia com as fitas. Mas, com a ordem já pré-determinada precisaria só encaixá-las na lista, sem maiores problemas.

Porém, as dificuldades não terminaram nesse dia. Veio mais um desafio: novos cenários para os telejornais. Carlos Siqueira justificou destacando que o mercado exige não apenas uma definição melhor de imagem e som, mas também cenários mais bem acabados, acompanhando um pouco as tecnologias recentes. O *vídeo wall*, tela grande que vai do chão ao teto formada por várias telas menores, é um exemplo. Além disso, eram necessários espaços em que os apresentadores pudessem se movimentar sem ter problemas com os dois enquadramentos (4/3 e 16/9).

O estúdio da TV Paraíba é composto por três cenários: um para o JPB Primeira Edição e o Segunda Edição, outro para o Globo Esporte local e mais um para o Bom Dia Paraíba. Para que o estúdio fosse reformado os telejornais passaram 15 dias sendo apresentados da redação.

Segundo a apresentadora Denise Delmiro, levar as câmeras e todos os equipamentos do estúdio para a redação dá muito trabalho (informação verbal)⁶¹. Fica apertado e o apresentador tem pouco espaço para se movimentar. O entrevistado fica em pé, é desconfortável. Parte do pessoal da redação continua trabalhando durante o telejornal, mas precisa ter cuidado para não fazer barulho, nem passar na frente das câmeras. Todos os telefones são desligados no horário do telejornal e isso atrapalha o andamento do trabalho da equipe.

Antes de inaugurar o novo estúdio foi preciso gravar vários pilotos, que são simulações dos telejornais para o treinamento da equipe. Denise Delmiro afirmou que os pilotos ajudaram a definir, por exemplo, como usar o *vídeo wall* e quais os melhores ângulos. No dia 2 de setembro de 2013 o novo estúdio foi inaugurado. Nesse dia todos sentiram que a transição em si tinha terminado e se iniciava um novo processo: a consolidação do digital. A equipe

⁶⁰ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

⁶¹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 15 de agosto de 2013.

responsável pela produção de notícias tinha em mente que as dificuldades de adaptação com os novos equipamentos desapareceriam ao longo dos meses.

No primeiro ano depois da substituição dos equipamentos com tecnologia analógica pelos digitais uma preocupação dos empresários da TV Paraíba foi a expansão do sinal. O chefe de redação Carlos Siqueira explicou que existe uma rota para repetir o sinal que precisou ser montada com novas antenas e novos transmissores (informação verbal)⁶². A meta da Rede Globo para as afiliadas é que 100 por cento do território seja coberto com o sinal digital. O planejamento da emissora é concluir a expansão em 2015.

Para os profissionais envolvidos na produção de notícias, foi um ano sobretudo de adaptação. Carlos Siqueira afirmou que se surpreendeu com a tranquilidade do processo. Ele ressaltou que, embora os profissionais mais antigos tivessem se saído muito bem, a nova geração tem mais facilidade para lidar com a tecnologia digital, conseguindo explorar mais os novos recursos, além de aprender a manusear sem necessitar maiores treinamentos.

Foram muitos detalhes que tiveram que ser absorvidos ao longo dos meses pelos profissionais. A cada dia eles foram sentindo mais as modificações na rotina de trabalho. O cinegrafista Hoberdan Dias explicou que, com as câmeras digitais, a equipe de reportagem passou a poder conferir os vídeos ainda na rua, sem correr o risco de sujar o cabeçote e precisar ficar rebobinando a fita para deixar no ponto de gravar novamente (informação verbal)⁶³. Passaram também a poder apagar as gravações que não deram certo, contribuindo com o processo de edição imagens, já que ficam no disco apenas as imagens certas.

A luz deixou de ser um problema pois as câmeras digitais facilmente se adaptam à qualquer incidência luminosa. Além disso, a elas foi acoplada uma pequena luz com lâmpadas de *led*, com uma potência que pode ser modificada manualmente de acordo com a necessidade. Assim, o cinegrafista não depende mais da luz que o auxiliar carregava e precisava de uma tomada para ligar. A equipe, dessa forma, passou a ter mais mobilidade e agilidade.

A repórter Isis Coelho confirmou essa maior agilidade e lembrou que, inclusive, antes havia um tempo gasto para encontrar uma vaga para estacionar o carro (informação verbal)⁶⁴. Mas, já que não há mais a necessidade de uma luz externa, o motorista pode deixar o cinegrafista e o repórter no lugar desejado e ir estacionar sozinho, enquanto os outros dois já vão dando andamento às gravações.

⁶² Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

⁶³ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 27 de julho de 2014.

⁶⁴ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 27 de julho de 2014.

Entretanto, ela ressaltou que o início foi complicado por causa das dificuldades de adaptação. Os cinegrafistas ainda estavam se acostumando com o equipamento, havendo um gasto de tempo muito grande. Mas, depois dessa fase, a equipe ganhou agilidade e com o tempo “economizado” dá para fazer as matérias com mais calma, apurando melhor e elaborando o texto com mais cuidado, melhorando a qualidade do conteúdo.

Com a tecnologia digital a câmera passou a ter mais recursos que facilitaram a vida das equipes de reportagem. Mas o equipamento também passou a ser mais complexo. Segundo o cinegrafista Hoberdan Dias, são 82 páginas de menu, com cerca de 16 funções diferentes cada uma. Nas câmeras analógicas eram apenas três ou quatro páginas. A saída para não correr o risco de desconfigurar o equipamento no meio de uma gravação (como aconteceu na fase de adaptação), foi deixar todas as câmeras no mesmo padrão de formatação para que ninguém precise mexer no menu.

Antes, as reportagens prontas e já exibidas eram copiadas em fitas grandes, que formavam o arquivo da emissora. Isso também mudou. O arquivo passou a ser digital. Foi criado o Centro de Documentação da TV Paraíba (Cedoc) para a digitalização do arquivo analógico e organização tanto do material antigo, quanto do novo que já é produzido digital. Vanessa Alves, responsável por esse processo, explicou que ela faz todo o trabalho de indexação do material, que é o armazenamento organizado, com identificações que facilitam a localização (informação verbal)⁶⁵. Quando é necessário o acesso a qualquer arquivo já indexado a pesquisa é feita em qualquer computador da rede.

As equipes de reportagem passaram também a utilizar o *mochilink*, um equipamento portátil de transmissão ao vivo via internet. A própria equipe opera o material que utiliza sete *chips* de várias operadoras e ainda pode ser conectado à rede *wi-fi*. Em 10 minutos a estrutura está pronta. A comunicação do repórter com a TV é feita por um celular, para saber o momento de começar a participação. Ele não escuta a programação pois o *delay* é de cerca de sete segundos, um problema que se espera resolver em pouco tempo com o aperfeiçoamento do sistema. A grande vantagem é que as entradas ao vivo podem ser feitas de qualquer lugar que tenha sinal de internet. É possível também enviar imagens para a emissora a qualquer momento do dia.

As grandes vantagens do *mochilink* são mobilidade, portabilidade e agilidade. Como a estrutura fica pronta para o uso em poucos minutos, é possível fazer a cobertura ao vivo, do local da notícia, de um fato que aconteça em horário bem próximo ao do início do telejornal.

⁶⁵ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

Além disso, há a possibilidade de fazer entradas ao vivo de locais onde antes, com a estrutura via micro-ondas, não era possível. Porém, dependendo do lugar, o sinal pode ficar variando muito devido à conexão de internet que nem sempre é boa.

É por isso que o sistema via micro-ondas não foi aposentado. Nos lugares viáveis a transmissão é mais segura. Um carro com equipamentos digitais foi todo montado para o envio do audiovisual em alta definição. Assim, utilizando os dois sistemas, os editores de texto passaram a contar com a possibilidade de incluir entradas ao vivo de dois lugares diferentes em um mesmo telejornal. Além das participações que podem ser feitas da entrada da TV, viabilizadas apenas por fios, já que a equipe está dentro da própria emissora. Com tantas opções ampliou a inclusão de assuntos que necessitam de uma atualização maior, com imagens ao vivo do local do acontecimento.

O processo de edição de imagens todo no computador reduziu o tempo gasto com a operação e aumentou as possibilidades. O material gravado chega dividido em vários vídeos pequenos, ficando mais fácil achar as imagens desejadas. No analógico vinha tudo num vídeo só, na sequência da fita. O editor de imagens Guilherme Diniz ressalta que com a imagem digital é possível aproximar e mudar o ângulo, por exemplo, sem haver perda considerável de qualidade (informação verbal)⁶⁶. São muitas as opções de fazer uma edição boa, bem feita, ágil e criativa.

Segundo o editor de texto Rafael Melo, o editor de imagens agora pode fazer primeiro toda a parte de montagem, casando as imagens com o *off* (o que ele chama de cobrir a matéria), e o editor de texto pode ir à ilha de edição escolher os trechos das entrevistas depois (informação verbal)⁶⁷. Um ganho de tempo para os dois profissionais. No analógico isso não era possível por causa da linearidade do processo. E quando o editor de texto estava ocupado o de imagens tinha que ficar esperando para dar continuidade ao trabalho.

Com o digital os profissionais da TV Paraíba sentiram que ficou mais fácil fazer reedições ou qualquer modificação pós-edição sem haver perda de qualidade no material. E já que incluir desenhos, gráficos, simulações ou algo mais elaborado no computador ficou mais simples, esses recursos passaram a ser utilizados com mais frequência nas matérias.

Outra operação facilitada foi a de receber e enviar VTs para a TV Cabo Branco. Para enviar, no processo analógico, um editor de imagens ou técnico apertava o *play* na máquina na TV Paraíba e, na mesma hora, alguém apertava o *rec* na TV Cabo Branco. Era necessário esperar o mesmo tempo da matéria para terminar a operação. O envio era via micro-ondas. Para

⁶⁶ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 5 de agosto de 2013.

⁶⁷ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

receber uma matéria era só fazer o mesmo processo, só que iniciando com o *play* na TV de João Pessoa. Com os equipamentos digitais as matérias das duas emissoras passaram a ser apenas arquivos compartilhados em uma pasta em rede.

No *switcher* o último equipamento a chegar foi a mesa de áudio digital, com uma série de canais que a analógica não tinha. Passou a ser possível distribuir canais de áudio diferentes, um para o fone do apresentador e outro para o fone do repórter do ao vivo, por exemplo, sem atrapalhar o áudio da exibição.

Após a digitalização total da emissora a quantidade de funcionários aumentou. De acordo com o chefe de redação Carlos Siqueira, a equipe responsável pelo conteúdo dos telejornais trabalhava no limite (informação verbal)⁶⁸. Foram contratados dois editores de imagens, um produtor, um editor de texto, um repórter, um cinegrafista e um auxiliar. Além das contratações, para tentar melhorar a qualidade do conteúdo como um todo, foram implantadas quatro reuniões na sexta-feira (uma para cada telejornal) para que as equipes planejem a semana posterior.

Com todas essas mudanças e os novos equipamentos a produção de vídeos aumentou e os telejornais passaram a formar gavetas, que são matérias prontas, de assuntos que podem ser abordados em outros dias. Segundo o editor de texto Rafael Melo, essas gavetas são utilizadas quando não há conteúdo suficiente produzido no dia para o telejornal ou quando algo dá errado minutos antes do telejornal começar ou durante a exibição do noticiário (informação verbal)⁶⁹.

Depois de um ano, alguns poucos problemas com a tecnologia digital ainda não tinham sido resolvidos. Um deles foi o sistema de compartilhamento de arquivos nas ilhas de edição. A ideia inicial era de que um arquivo colocado na rede interna pudesse ser acessado de qualquer ilha. Mas, segundo o chefe de redação Carlos Siqueira, esse sistema falhou e a fábrica está buscando uma solução para o problema.

Dentre as características da TV digital a interatividade ainda é a que mais causa expectativa entre os jornalistas da TV Paraíba. A apresentadora Waléria Assunção afirmou que não sabe bem como isso um dia vai funcionar, mas tem muita curiosidade para saber como será esse respaldo imediato, o *feedback* de quem assiste, as reações do público na hora do telejornal (informação verbal)⁷⁰. Ela imagina que o apresentador vai se surpreender a cada telejornal. Porém, a melhoria do conteúdo só vai vir junto se os profissionais souberem utilizar bem essa nova ferramenta.

⁶⁸ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

⁶⁹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

⁷⁰ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 23 de julho de 2013.

Carlos Siqueira disse que seria a concretização de um sonho poder ter uma comunicação mais instantânea com o público (informação verbal)⁷¹. Ele afirmou que é algo em discussão com a área técnica e com a Rede Globo. Todos concordam que a interatividade da TV digital é um grande avanço, porém a discussão gira em torno de como iniciar. Por isso, segundo Carlos Siqueira, esse processo segue mais lento que outras questões e deve ficar para um segundo momento. Uma afiliada Globo não pode começar a realizar algo sem seguir as orientações da Rede, que determina procedimentos e padrões.

Enquanto a interatividade mais efetiva pela TV digital não chega na TV Paraíba, os jornalistas, principalmente os apresentadores, interagem com o público através dos perfis pessoais em redes sociais. Por exemplo, pedem para que as pessoas façam perguntas sobre determinados assuntos que serão respondidas por um especialista no estúdio durante o telejornal ao vivo, recebem sugestões de pauta e até publicam vídeos mais informais com informações sobre o telejornal a seguir.

O perfil do Twitter oficial da emissora também é utilizado pelos jornalistas para interagir com o público. Já o portal de notícias G1 Paraíba, que pertence ao mesmo grupo empresarial e tem um espaço específico para a emissora, é gerenciado por uma equipe de informática. Os editores de texto da TV apenas fazem o trabalho de disponibilização dos vídeos do telejornal no portal, escrevendo as legendas desses vídeos com regras específicas para internet. Os perfis oficiais do Facebook e do Instagram são utilizados principalmente para postar fotos dos bastidores do trabalho. Já o WhatsApp é usado para o contato com as fontes e com a equipe de trabalho.

Vídeos feitos pelo público são enviados diretamente para os jornalistas ou para o e-mail da redação. Carlos Siqueira afirmou que a disponibilização desses vídeos para a emissora passaram a viabilizar a divulgação de fatos que não seriam notícia se não existissem essas imagens (informação verbal)⁷². Esse é um tipo de participação do público que vem crescendo muito na TV Paraíba. Em boa parte dos casos é necessário que a pessoa que fez a gravação assine uma autorização de divulgação do material para evitar problemas jurídicos. Após a digitalização total dos equipamentos a qualidade de exibição desses vídeos aumentou, pois além da transmissão ser em alta definição, não é mais necessário passá-los para as fitas, um processo que acarretava na perda de qualidade.

A respeito da tendência da multifuncionalidade dos jornalistas devido às facilidades de manuseio e portabilidade dos equipamentos digitais, observamos que na TV Paraíba isso ainda

⁷¹ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 20 de julho de 2013.

⁷² Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 16 de fevereiro de 2015.

não é feito. A repórter Isis Coelho avaliou como inviável (informação verbal)⁷³. A forma como o trabalho é organizado hoje não permite isso.

De acordo com ela, realmente seria interessante um repórter, por exemplo, fazer a edição de imagens da própria matéria. Ela disse que, inclusive, após a instalação dos equipamentos digitais já aprendeu muita coisa sobre edição de imagens. Porém, as equipes de reportagem, ao terminarem de cumprir uma pauta, seguem imediatamente para outra, sem voltarem para a emissora. Também não há equipamentos como computadores portáteis com internet para, pelo menos, pré-editar o material na rua e enviar para a emissora.

O editor de texto Rafael Melo tem a mesma opinião sobre a inviabilidade (informação verbal)⁷⁴. Ele diz que, caso os editores de texto passem a também editar imagens, será necessária a contratação de mais editores de texto para dar conta do trabalho todo. Para um editor de texto editar uma matéria ele teria que parar de ver o macro (o jornal como um todo) e se dedicar a uma ou duas partes apenas. Como exemplo Rafael Melo citou a editora de texto da TV Cabo Branco Roberta Matias, que também faz edição imagens. Porém, ela fica responsável apenas por um quadro do telejornal, o Calendário JPB.

Na opinião do chefe de redação Carlos Siqueira, é importante que os jornalistas saibam manusear bem os equipamentos além de exercerem as funções meramente jornalísticas (informação verbal)⁷⁵. Segundo ele, isso ajuda a expandir a capacidade criativa usando a nova tecnologia. Mas não devem exercer funções técnicas rotineiramente, apenas quando houver necessidade ou em projetos especiais. De acordo com ele, a multifuncionalidade no momento atual é inviável e pode trazer problemas trabalhistas sérios de acúmulo de função.

Após a consolidação da digitalização do processo de produção de notícias na TV Paraíba, os jornalistas, uns mais, outros menos, passaram a procurar conhecer melhor os equipamentos digitais novos. E como resultado, alguns buscam formas diferentes de passar a notícia.

O editor de texto Rafael Melo disse que passou a exibir algumas notícias de forma desmembrada. Ao invés de exibir apenas um VT contando a história de forma mais engessada, passou a colocar, por exemplo, inicialmente uma sonora, depois imagens que ilustrem algo lido pelo apresentador, em seguida uma matéria menor, depois uma arte explicativa mostrada no *vídeo wall*, etc. Isso faz com que, segundo ele, o público preste mais atenção no que está sendo dito e o conteúdo fique mais didático. Esse desmembramento da história foi favorecido pela

⁷³ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 27 de julho de 2014.

⁷⁴ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

⁷⁵ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 30 de julho de 2014.

tecnologia digital por meio das facilidades na edição de imagens e na produção e exibição de artes.

Porém, nem todos se esforçam para fazer diferente com as novas ferramentas que têm em mãos. A capacidade de cada profissional influencia muito para que isso aconteça. Para a repórter Isis Coelho, a digitalização deve ir além de imagem e som de qualidade, porque isso por si só não produz um conteúdo melhor (informação verbal)⁷⁶. É preciso que os profissionais saibam fazer essa imagem sobressair e se transformarem num conteúdo diferente. Ir em busca de novas formas de fazer.

Na avaliação de do chefe de redação Carlos Siqueira, às vezes as pessoas continuam na mesma rotina, não aguçam tanto a criatividade, mesmo tendo a tecnologia à disposição (informação verbal)⁷⁷. Mas, os profissionais que vivem no cotidiano vibrando com a informação, empolgados com o trabalho, conseguem trazer avanços para o conteúdo. Segundo ele, as abordagens da televisão hoje mudaram. A tendência é que sejam cada vez mais espontâneas e criativas.

Ainda de acordo com Carlos Siqueira, para haver modificações mais significativas no conteúdo vai ser necessária uma maturidade maior para que os profissionais, observando as ferramentas que têm à disposição, possam desenvolver conteúdos mais bem elaborados. Ele enxerga ainda o surgimento de um novo perfil de profissional para jornalismo de TV, porque vamos chegar, em pouco tempo, no momento em que as tecnologias serão iguais nas emissoras. E quando todos estiverem no mesmo nível tecnológico o que vai diferenciar é o conteúdo.

⁷⁶ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 27 de julho de 2014.

⁷⁷ Informação coletada em entrevista ao pesquisador no dia 16 de fevereiro de 2015.

4 DA IDEIA AO PRODUTO FINAL

4.1 A série de reportagens

A ideia de transformar o resultado deste estudo em uma série de reportagens para televisão partiu das próprias características do meio, que desde o princípio fascina o público com a junção de som e imagem em movimento, como já vimos no início das discussões aqui apresentadas. A nossa afinidade pessoal com o telejornalismo, por tê-lo como profissão, também influenciou na escolha.

Além disso, a linguagem simples, direta e coloquial da televisão, sem perder de vista as regras da língua portuguesa, torna o material bem mais acessível. Ao transformar esta pesquisa em um produto, uma série de reportagens em linguagem televisiva, contamos com a possibilidade de o conteúdo produzido em vídeo chegar onde nunca as letras chegariam. Crianças, jovens, adultos e idosos, letrados ou não, poderão assistir e entender um pouco mais sobre a realidade da comunicação presente na vida de todos.

A diferença desta série de reportagens para outras produzidas sobre TV digital está em esta representar o resultado de uma pesquisa com bases teóricas e práticas. Além disso, encara a TV Paraíba como objeto de observação do estudo, não tendo interesse, portanto, de “vender” a imagem da emissora ou promover o telejornalismo realizado por ela, se diferenciando, por isso, de qualquer reportagem feita pela própria TV Paraíba sobre o tema.

Se várias reportagens formam o nosso produto, fomos, primeiramente, em busca do conceito. Reportagem é um gênero jornalístico baseado na narrativa. Sodré e Ferrari (1986, p. 11) definem narrativa como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”.

Mas a reportagem não é qualquer narrativa. Ela vai além da notícia, que é o simples desdobramento das clássicas perguntas do *lead* jornalístico (quem, o quê, como, quando, onde, por quê). A reportagem aborda de forma mais ampla um assunto, em visão jornalística, a partir de fatos geradores de interesse. “Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento (ou fazer uma *suíte*⁷⁸) de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar” (LAGE, 2008, p. 39, grifo do autor).

Autores como Sodré e Ferrari (1986) estabelecem distinção entre notícia e reportagem:

⁷⁸ Suíte é uma palavra usada no meio jornalístico quando é necessário relembrar um fato acontecido no passado com desdobramentos no presente.

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

Os autores enfatizam algumas características da reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato (no sentido de o repórter não ser apenas testemunha da ação, mas também interage com os fatos), texto de natureza impressionista (que traz as impressões do repórter) e objetividade dos fatos narrados (relatos precisos dos fatos e das referências ligadas a eles).

Há vários tipos de reportagem. Neste projeto a predominância é da reportagem documental. Cabe ressaltar que a reportagem documental aqui é compreendida como:

relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. Comum no jornalismo escrito, esse modelo é mais habitual nos documentários da televisão ou do cinema. A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 64).

Para realizar este projeto utilizamos técnicas de reportagem, como veremos mais detalhadamente adiante, porém, como pensa Kotscho (2007), nós também não nos preocupamos em seguir todas as regras à risca. Até porque o jornalismo não é composto apenas de “belas-letras” e “fórmulas científicas”.

Pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que essa pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios. Não, não estou falando da tal “objetividade jornalística”, da “neutralidade” do repórter, essas bobagens que inventaram para domesticar os profissionais (KOTSCHO, 2007, p. 8).

Entretanto, apesar de não estarmos tão arraigados à rigidez técnica, não nos aventuramos em formas de fazer e apresentar o conteúdo tão diversas das convencionais, pois, não tínhamos o completo domínio do manuseio do equipamento (sobretudo nas primeiras gravações) e, por se tratar de uma pesquisa que se estenderia em gravações ao longo de dois anos, avaliamos ser arriscado buscar muitas inovações. A falta de certeza do que íamos encontrar nas próximas gravações nos deu insegurança de inserir um pouco de ousadia ao produzir o material.

Uma série de reportagens em formato para televisão permite o desdobramento de um mesmo tema sob vários ângulos diferentes. Ou ainda consegue dar uma sequência a fatos que se sucederam, de forma mais completa e menos superficial. Neste projeto a ideia foi conseguir

aprofundar o assunto de forma didática, fazendo com que públicos de características diferentes compreendam os conceitos e a linguagem utilizados em cada reportagem.

O título da série de reportagens é “TV Paraíba: do analógico ao digital”. A ideia foi criar um título bem mais simples que o desse relatório final, para poder ser absorvido e entendido por qualquer pessoa. Além disso, atende à linguagem direta e objetiva presente no jornalismo de televisão.

Ao dar andamento às etapas rumo à realização do produto nos deparamos com algumas dificuldades e facilidades. Descreverei as dificuldades nos tópicos a seguir específicos de cada etapa. Já dentre as questões que facilitaram o nosso trabalho destacamos a nossa atuação profissional como jornalista de televisão. Isso proporcionou não só a habilidade prática para a execução da série de reportagens, mas também menos dificuldade no desenvolvimento da pesquisa. Conhecer intimamente todas as fases que transformam acontecimentos em notícias para TV foi fundamental para saber o que seria importante abordar, como montar os roteiros e o quê perguntar a quem. A familiaridade com o assunto facilitou a observação e a escrita.

Outra questão que facilitou sobremaneira a execução deste trabalho foi a nossa ligação com a própria TV Paraíba, pelo fato de termos feito parte do quadro de jornalistas da emissora por quase cinco anos. A nossa relação cordial com o chefe de redação Carlos Siqueira e com outros jornalistas que ainda trabalham no local nos abriu portas, nos dando trânsito livre e carta branca para fazer quantas gravações fossem necessárias. A colaboração dos antigos colegas de trabalho foi fundamental.

4.2 A construção do produto

Como se trata de um produto jornalístico, utilizamos a metodologia jornalística para a produção do material. Entretanto, fazemos uso também de metodologias científicas, tanto para auxiliar na produção do produto quanto para a elaboração deste material teórico. É importante salientar que as metodologias jornalísticas em alguns aspectos se assemelham com metodologias científicas, como veremos.

A nossa intenção, desde o início, foi atuar como produtora, cinegrafista, repórter e editora de texto e de imagem do material. Intenção essa facilitada inclusive pelos equipamentos digitais, por serem portáteis e de fácil manejo.

Neste projeto, resolvemos acumular as funções como forma de assumir um desafio próprio, servindo de experiência como jornalista multifuncional. Além disso, a ideia foi reduzir

os custos de execução da série de reportagens, viabilizando assim a realização do projeto. A única função que acabamos por não exercer foi a de editor de imagens. Isso aconteceu por dois motivos: para concluir o projeto por completo dentro do prazo regular estabelecido pelo mestrado e para que a edição tivesse um acabamento mais apurado. Mais adiante detalharemos a fase de edição de imagens.

É importante frisar que a proposta da série de reportagens se encaixa dentro das definições do Jornalismo Científico.

O Jornalismo Científico compreende a veiculação, segundo os padrões jornalísticos, de informações sobre ciência, tecnologia e inovação e se caracteriza por desempenhar inúmeras funções. Entre elas contribuir para o processo de alfabetização científica, permitindo aos cidadãos tomar contato com o que acontece no universo da ciência e da tecnologia; e promover a democratização do conhecimento científico, ampliando o debate sobre temas relevantes (SILVA, C., 2008, p. 279).

O Jornalismo Científico deve mostrar aspectos técnicos e científicos de forma decodificada. Em outras palavras, é preciso “traduzir” termos específicos da linguagem científica, deixando-a mais humana (SILVA, C., 2008). A linguagem utilizada pelo jornalista não deve comprometer a ciência genuína, mas criar uma outra dimensão: a ciência popularizada (SOUSA, 2006).

Comunicar ciências, nessa perspectiva, não é apenas dar publicidade, traduzir, reconstruir discursos, projetar o conhecimento, mas, principalmente, sinalizar com possibilidades de redução do fosso que existe entre os que conhecem, produzem conhecimento, e os que não produzem e nem têm acesso (SOUSA, 2006, p. 282).

4.2.1 Definição dos roteiros

A série é composta de quatro reportagens. O número de reportagens foi definido de acordo com a divisão de temas que pensamos em abordar, baseada numa lógica cronológica: o antes, o durante, o depois e um aprofundamento do presente. Dessa forma, a narrativa fica mais didática e de fácil compreensão, que é sempre a intensão do jornalismo de TV: fazer as pessoas compreenderem bem o que está sendo dito. Porém, embora façamos essa divisão, não há como separar os temas completamente. Então, seguimos essa lógica cronológica, mas não de forma rígida.

Definimos, inicialmente, que o tempo de duração de cada reportagem seria de até oito minutos. Porém, na fase de edição, resolvemos fechar todas as reportagens em dez minutos (detalhamos os motivos no tópico específico sobre edição). As reportagens de série dos

telejornais, de acordo com a nossa experiência como público e profissional de televisão, duram em torno de três a quatro minutos, dependendo do jornal onde vão ser inseridas. Mas existem exceções. Dependendo da emissora, do assunto abordado e do destaque que se queira dar a ele, o tempo de uma reportagem de série pode ser bem maior. No nosso caso, como estamos fazendo um trabalho prático, mas de cunho acadêmico, resolvemos ficar dentro das exceções, para fugir da superficialidade excessiva da televisão, mas também não deixar de fazer aquilo que propomos, uma série de reportagens em formato televisivo.

Após as gravações de 2013 definimos o roteiro de cada reportagem. Já tínhamos parte dos vídeos, nos dando uma noção preliminar do quanto renderia cada assunto abordado dentro do tema geral. Assim, procuramos observar o que era necessário colocar em cada reportagem, em termos de conteúdo, nos preocupando em balancear a quantidade de informações em cada uma delas. Assim, não correríamos o risco de uma reportagem ficar bem maior que a outra. A importância principal do roteiro foi a contribuição para que não fosse esquecido algum ponto essencial que deveria ser abordado e, conseqüentemente, deveria ser incluído nas gravações. Por meio do roteiro acompanhamos o que já estava gravado e o que faltava gravar, organizando melhor o trabalho.

Depois do mês de setembro de 2014, quando qualificamos o nosso projeto no mestrado, fizemos algumas modificações nos roteiros para seguir as orientações recebidas. Quando fomos escrever os *offs* (etapa que vamos detalhar posteriormente), fizemos mais algumas alterações de forma a equilibrar o tempo de duração de cada reportagem. Após fazer as últimas gravações e finalizar os textos dos *offs* e do relatório final, a última modificação que fizemos nos roteiros foi com relação ao título de cada reportagem.

Nos apêndices colocamos os primeiros roteiros que elaboramos (APÊNDICE A) e os últimos (APÊNDICE B), para mostrar o quanto os roteiros foram modificados ao longo do processo.

4.2.2 Produção e reportagem

Já fizemos um relato das principais técnicas jornalísticas que compõem a rotina da produção de notícias no tópico 3.2 deste trabalho. Abaixo nos detemos a explicar como as utilizamos na elaboração do nosso produto, acrescentando outros aspectos das técnicas não citadas ainda.

Utilizamos como pauta o próprio projeto de pesquisa elaborado por nós e os roteiros. É comum, quando o repórter também é o produtor, a não elaboração de uma pauta mais detalhada,

já que todas as ideias já estão na mente dele, não necessitando de uma descrição escrita. Na ausência de um produtor o trabalho de coleta de dados e apuração de informações que estariam na pauta pode ser feito pelo próprio repórter já em campo, como fizemos.

Inicialmente fomos à TV Paraíba, em janeiro de 2013, para conversar com o chefe de redação Carlos Siqueira. Apresentamos o projeto da nossa pesquisa e planejamos a forma e os dias das primeiras gravação. Além disso, manifestamos a necessidade de termos acesso a algumas matérias produzidas pela emissora e alguns documentos. A resposta foi positiva. Recebemos autorização para as gravações e entrevistas, nos comprometendo a nos adequar à rotina de trabalho, não podendo atrapalhar o andamento da produção dos telejornais. Nesta época ainda fazíamos parte do quadro de jornalistas da TV Paraíba. Entretanto, era sabido que as gravações seriam iniciadas após a nossa saída da emissora, que já estava acertada para o fim do mês de março do mesmo ano.

A partir dessa conversa, providenciamos o material necessário para as gravações com recursos financeiros próprios. Adquirimos uma câmera fotográfica e de vídeo profissional, Canon T4i, e um tripé básico amador da marca Sunpak, além de um cartão de memória.

O primeiro dia de gravação na TV Paraíba foi 20 de julho de 2013. Neste dia, iniciamos as imagens dos equipamentos analógicos e fizemos a primeira entrevista gravada com o chefe de redação Carlos Siqueira. Voltamos a fazer gravações na TV Paraíba nos dias 23 de julho, 03, 05 e 15 de agosto e 02 de setembro de 2013. No dia 10 de agosto de 2013, fomos à cidade de Patos acompanhar o trabalho da equipe da TV Paraíba no sertão. Fomos também ao Pico do Jabre, localizado no município de Matureia, também no sertão, onde ficam instaladas as antenas que transmitem os sinais de TV para a região.

Em 2014, as gravações na emissora em Campina Grande aconteceram nos dias 27 e 30 de julho. Em outubro, no dia 17, fizemos entrevistas com três pesquisadores na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Recife: Carlos Ferraz (doutor em Ciências da Computação, pesquisador e professor da UFPE), Jorge Ferraz (professor doutor da Universidade de Aveiro/Portugal) e Yvana Fachine (jornalista, doutora em Comunicação e Semiótica, pesquisadora e professora da UFPE). Entretanto, o áudio do professor doutor Carlos Ferraz não ficou com uma qualidade boa, pois o lugar era um pouco barulhento. Por isso, optamos por não utilizar a entrevista dele na série de reportagem.

Em 2015 voltamos a gravar na TV Paraíba nos dias 15 e 16 de fevereiro. Nesses dias também fizemos imagens da cidade, Campina Grande, gravamos as passagens do repórter e fomos a três casas fazer imagens de aparelhos de TV e de pessoas diferentes assistindo à televisão. No dia 11 de março gravamos com mais dois pesquisadores, dessa vez na

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa: Valdecir Becker (jornalista, doutor em Engenharia Elétrica, pesquisador e professor da UFPB) e Guido Lemos (doutor em informática, pesquisador e professor da UFPB).

A escolha dos pesquisadores foi feita, primeiramente, por serem pessoas que desenvolvem trabalhos tidos como referência na área de TV digital. A proximidade das universidades nas quais atuam com Campina Grande, onde moramos, foi mais um motivo da escolha, para que não precisássemos nos deslocar para lugares mais distantes, acarretando em gasto maior de tempo e recursos financeiros. Ao todo foram 13 dias de gravação.

Organizamos as imagens no computador pessoal de trabalho em pastas, de acordo com as datas. A decupagem de todo o material gravado foi sendo feita logo após cada gravação. Esse processo é elaborado pelo repórter, quando necessário. Consiste em fazer uma espécie de relatório das imagens gravadas e a transcrição parcial ou completa das entrevistas. A organização é feita de forma que, pelo menos, o próprio repórter entenda, pois a decupagem se destina sobretudo a ajudá-lo no momento de escrever os textos. Esse processo completo resultou numa soma de 37 páginas. Nos apêndices colocamos a decupagem do primeiro dia de gravação para ilustrar essa etapa do processo (APÊNDICE C).

Para fazer as entrevistas utilizamos duas formas de elaboração e atuação, aplicadas de acordo com a situação encontrada. Na primeira, as perguntas foram feitas durante o desenrolar dos fatos observados. Na segunda, os entrevistados foram colocados num lugar silencioso e as perguntas foram feitas seguindo um roteiro. Esse roteiro serviu apenas para lembrar alguns pontos necessários para a obtenção das informações. As perguntas foram sendo elaboradas no decorrer da conversa de forma espontânea. Não utilizamos maiores “cerimônias” para as entrevistas, na tentativa de aproximá-las de um diálogo (MEDINA, 1986).

São as entrevistas as principais fontes de informação da série de reportagens deste projeto. “A entrevista é um procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações a reconstituição de fatos” (LAGE, 2008, p. 73).

Com relação às metodologias científicas utilizadas, as próprias entrevistas, além de serem um instrumento importante para o jornalismo, também representam uma das ferramentas do conhecimento científico. Dentro dos conceitos de Richardson (2011, p. 208), a nossa forma de entrevistar entra no âmbito da entrevista não estruturada. Segundo o autor, “em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo”.

No ponto de vista de Oliveira (2007, p. 86), por permitir a interação entre pesquisador e entrevistado e a obtenção de descrições detalhadas, a entrevista é um ótimo instrumento de pesquisa. “No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado (a), limitando-se a ouvir e gravar a fala dele (a)”. Foi isso que fizemos na maioria dos casos.

Outra metodologia científica é a pesquisa bibliográfica que está presente desde o início deste trabalho, dando suporte teórico para o planejamento da série de reportagens como um todo, contribuindo com a definição do foco de observação, com a seleção de perguntas para os entrevistados e substanciando este relatório. Para Oliveira (2007, p. 69), a pesquisa bibliográfica tem como principal finalidade “levar o pesquisador(a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo”.

No decorrer do trabalho em campo, ao gravarmos as imagens e fazermos o acompanhamento da rotina dos jornalistas da TV Paraíba, podemos encaixar a nossa ação no que Oliveira chama de observação participante.

Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações formais ou informais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo. Essa participação pode ser mais intensa quando o pesquisador (a) é parte integrante do grupo pesquisado, ou seja, quando se identifica com esse grupo pelo cotidiano da vida, das ações e aspirações (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Ao final das gravações totalizamos 1.310 vídeos, organizados em 39 pastas no computador que ocuparam uma memória de 2.380 *gigabytes* de memória.

4.2.3 Os textos

Começamos a escrever os textos antes mesmo de fazer as últimas gravações. Isso foi importante para que pudéssemos perceber o que estava faltando para completar a história que estava sendo contada. Na medida em que escrevíamos, anotávamos o que precisava ser gravado a mais do que estava no planejamento.

Escrever foi um dos momentos mais complexos. Eram muitas gravações para organizar em uma sequência lógica. Além disso, tínhamos que incluir um pouco de todo o conteúdo deste relatório final, das discussões teóricas às práticas. Não poderíamos ir direto para as modificações no processo de produção de notícias causadas pela digitalização das emissoras sem explicar a rotina produtiva, a digitalização e a TV digital.

Todas as informações que precisávamos colocar nos textos tinham que estar presentes nas entrevistas, nas passagens ou ter imagens para cobrir o *off*. Em telejornalismo não tem como

fugir disso, é preciso ter alguma imagem atrelada a tudo o que é dito na reportagem. Um dos maiores problemas encontrados foi conseguir encaixar as entrevistas. É que inicialmente a ideia foi colocar o mínimo de texto possível e dar prioridade às falas. Porém, foi difícil encontrar trechos de entrevistas que resumam o que deve ser dito em poucas palavras. Assim, fizemos o contrário. Resumimos em texto muito do que diziam as falas para que pudéssemos ter controle do tamanho de cada reportagem. Do contrário teríamos uma série com reportagens enormes.

Já que nos referimos à experiência vivida na TV Paraíba, não tivemos como aprofundar todas as características da TV digital, pois, por enquanto, nem todas fazem parte da realidade da emissora estudada.

Não conseguimos separar o que é rotina apenas dos jornalistas e o que é trabalho exclusivo dos técnicos, embora no início chegamos a pensar em fazer essa separação. Ambos trabalham em conjunto e a influência mútua não nos permite distinguir onde começa e onde termina a exclusividade de atuação de cada um. O processo de produção de notícias, indiscutivelmente, é resultado de jornalistas e técnicos.

A mistura de passado, presente e futuro foi outro fator que dificultou o trabalho de escrever os *offs*. As diferentes realidades registradas pela nossa câmera no decorrer das datas nos deram trabalho para adequar os verbos às frases. Os entrevistados sempre falavam no tempo presente pois foram indagados na época da entrevista, que era presente. Mas, o texto deve tratar passado como passado, presente como presente e futuro como futuro, para não confundir o espectador. Às vezes, numa mesma frase tivemos que passear entre os tempos.

Os *offs* foram escritos com base nos roteiros e nas decupagens, um trabalho milimétrico e cheio de detalhes técnicos para facilitar a etapa de edição. A todo momento, dentro dos textos, indicamos as pastas onde encontrar as entrevistas e as imagens mais específicas. Colocamos também outros detalhes, a exemplo de informações sobre onde encaixar algum trecho de música (que chamamos de BG), onde colocar artes e a necessidade de escrever algumas palavras na tela, que chamamos de caracteres, para deixar as reportagens mais didáticas.

Por ser um processo bastante detalhado gastamos em torno de duas semanas, em janeiro de 2015, para a elaboração dos quatro *offs*, trabalhando nisso, em média, quatro horas por dia. Porém, as primeiras versões dos textos foram apenas as primeiras de muitas outras versões. Ao avançarmos na composição teórica deste relatório íamos sempre mudando algo nos *offs*. A nossa preocupação foi não deixar os conteúdos deste relatório final e da série divergirem. Além disso, não pudemos colocar todas as informações da pesquisa na série. Por ser em formato televisivo, tivemos que selecionar as informações principais e usar uma linguagem simples e direta.

Na etapa de edição tivemos que fazer cortes nos textos para fechar todas as reportagens em dez minutos. As primeiras versões dos *offs* juntas totalizaram 30 páginas. As últimas, após a edição, somaram 15. Para ilustrar essa etapa do trabalho colocamos nos apêndices (APÊNDICE E) a última versão dos *offs* das quatro reportagens.

4.2.4 Edição e finalização

Com os *offs* e as gravações em mãos seguimos para a fase de edição após gravarmos a narração dos textos. Essa gravação foi feita utilizando a mesma câmera usada em todas as gravações e da mesma forma, sem microfone. O trabalho técnico de editar as imagens foi entregue a um profissional da área que trabalha na TV Itararé, afiliada da TV Cultura em Campina Grande.

Pedimos para que ele elaborasse algumas artes para os VTs seguindo as orientações que descrevemos em uma folha de papel. Nos preocupamos em não pedir nada muito complexo para facilitar o trabalho do editor de imagens. Todo esse processo foi planejado para durar uma semana, entre os dias 14 e 21 de março.

No primeiro dia entregamos os *offs* impressos ao editor de imagens e todas as gravações armazenadas em um HD externo. Combinamos que voltaríamos em três dias para revisar as imagens utilizadas por ele em cada trecho dos textos e separar as partes das entrevistas que deveriam ser encaixadas nas reportagens de acordo com o que previa os *offs*.

Porém, no dia 17 o editor pediu que chamássemos mais um editor para ajudar no processo, pois, ao ver a quantidade de imagens e perceber o volume de trabalho, teve receio de não conseguir terminar no prazo determinado.

Convocamos mais um editor de imagens e dividimos o trabalho. Ao longo dos dias tivemos que participar várias vezes do processo na função de editor de texto. A primeira versão de todas as reportagens tinham mais de 20 minutos. Tivemos que cortar trechos de entrevistas e de *off* para fechar em dez minutos. O prazo para a entrega das reportagens prontas teve que ficar para o dia 22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo acompanhou a substituição dos equipamentos analógicos que ainda faziam parte da produção de notícias na TV Paraíba até a digitalização total. As observações estiveram focadas nesse processo de transição e nas modificações causadas na rotina jornalística. Ao longo de dois anos, de 2013 a 2015, registramos em vídeo essa travessia do analógico para o digital na emissora e entrevistamos jornalistas, técnicos e pesquisadores a respeito do tema. Todo esse material culminou numa série de quatro reportagens em linguagem televisiva com o título “TV Paraíba: do analógico Ao digital”.

De fato, assim como vislumbramos na nossa hipótese e mostramos na série de reportagens, dentro do período estudado, a digitalização do processo de produção de notícias e da transmissão do sinal da TV Paraíba trouxe inúmeras modificações para a rotina dos jornalistas, principalmente nas questões operacionais e técnicas. Essas questões fazem parte de um certo determinismo tecnológico em que o fazer com a tecnologia anterior precisa se adequar às novas ferramentas. Esse processo, que consideramos sobretudo ser de adaptação, na emissora estudada, foi feita de forma cuidadosa e relativamente lenta. Treinamentos, pilotos e experimentações foram essenciais para a tranquilidade da transição.

Uma característica inerente ao telejornalismo, evidenciada na série de reportagens, é a dependência das máquinas. Não se faz televisão sem uma infinidade de equipamentos. A função do jornalista é completamente influenciada pela técnica e a utilização da técnica depende da atuação dos jornalistas. Por esse motivo, em nosso produto, não tivemos como separar o que é jornalismo puro do que é apenas técnica. Na prática não há essa divisão clara. É preciso mostrar os dois lados para explicar como o processo de produção de notícias funciona. E a tendência é uma ligação ainda maior entre jornalismo e técnica, como mostramos.

Ao nosso ver, as mudanças técnicas mais significativas se deram na edição de imagens, visto que substituir a montagem linear pela não-linear modifica a lógica operacional do trabalho. O processo ficou mais rápido e mais ágil. Dessa forma, a tarefa de editar imagens se tornou mais tranquila, proporcionando tempo para raciocinar acerca da construção da matéria. Editor de texto e de imagens agora podem observar com mais calma o material e escolher melhor as imagens, os efeitos, os trechos de entrevista e as artes. Podem modificar muito mais facilmente a ordem dos elementos da matéria ou concertar algo após uma primeira edição do material.

As decisões da edição deixaram de ser tão influenciadas pelo potencial dos equipamentos. Na era das fitas uma matéria só era reeditada, por exemplo, se houvesse necessidade extrema, pois acarretava em gasto de tempo considerável e redução da qualidade de imagem e som. Com a tecnologia digital não há perda de qualidade e o tempo gasto é bem menor. Dessa forma, as decisões passaram a ser mais baseadas nas necessidades do conteúdo e menos nas limitações dos equipamentos.

A edição de imagens no sistema digital facilita também a inclusão nos VTs de artes, efeitos e outros recursos feitos em computadores. Com isso as matérias podem ficar mais didáticas, mais bem acabadas, mais agradáveis de assistir. A possibilidade de incluir no texto da matéria algo que não tenha uma imagem feita pela câmera para utilizar passou a ser mais recorrente, pois a computação gráfica consegue construir simulações do real que reduzem os problemas pela falta da imagem.

Não que os recursos dos computadores não fossem utilizados mesmo com a predominância da montagem analógica. Mas, nesse período, tudo feito em um computador teria que ser passado para uma fita, processo que desgasta a imagem e o áudio e desperdiça muito tempo. Sendo assim, a utilização de computadores na edição de imagens na TV Paraíba entrava na exceção e não na regra.

Para as equipes de reportagem as modificações se deram na quantidade de recursos que a câmera proporciona. Redução brusca dos problemas por causa de maior ou menor incidência de luz e maior liberdade do cinegrafista, que antes dependia muito do auxiliar que precisava sempre andar com uma luz a parte. Agora há também a possibilidade de assistir aos vídeos feitos na própria câmera e até apagar os que não saíram bons. O repórter pode, ainda na rua, conferir uma sonora ou uma imagem antes de escrever o texto, sem haver a possibilidade de sujar o cabeçote, como acontecia com as fitas.

Observar dois enquadramentos ao mesmo tempo passou a ser uma preocupação a mais para os cinegrafistas, porém, após alguns meses de adaptação, isso não acarretava mais em perda de tempo. Na soma total, a equipe de reportagem ganhou em agilidade, podendo elaborar o material como um todo de forma mais tranquila. O repórter passou a ter um pouco mais de tempo para escrever o texto, reduzindo erros e facilitando o processo criativo.

Para a exibição dos telejornais da TV Paraíba a tecnologia digital acarretou em menores possibilidades de erros no ar. As operações se tornaram mais seguras e a equipe ganhou algumas possibilidades a mais, como mais canais de áudio e uma infinidade de efeitos ao vivo feitos pela mesa de direção de TV digital. Claro, nem todos os efeitos são adequados para telejornalismo, necessitando cautela na utilização por parte dos diretores de TV.

Para a apresentação dos telejornais a chegada dos equipamentos digitais impulsionou a troca de cenários. Os novos espaços se adequaram ao 16/9 e foram elaborados com um visual mais moderno. O *vídeo wall* foi um ganho sobretudo no sentido de viabilizar a exibição de artes com explicações feitas pelo próprio apresentador em tamanho confortavelmente visível pelo público. Entretanto, não representou exatamente uma substituição do analógico pelo digital. Mas apenas uma atualização na versão anterior das telas usadas pelos apresentadores da TV Paraíba. Eram monitores de TV em alta definição espalhados pelo cenário, bem menores que o *vídeo wall*.

No setor de produção da TV Paraíba as modificações técnicas atuais foram poucas, já que os computadores já estão presentes nas redações desde a década de 90. Porém, todas as novas possibilidades dos outros setores (reportagem, edição e apresentação) trazem modificações na rotina como um todo, respingando também na produção, que faz o planejamento inicial de tudo o que será produzido e o acompanhamento. Há etapas diferentes no processo de produção de notícias, porém, não funcionam com divisões rígidas, de forma que um profissional de uma etapa se envolve em todas as outras, em maior ou menor grau, dependendo da ocasião e das necessidades.

Observamos e deixamos evidente no nosso produto que, mais que uma questão impulsionada pela implantação da TV digital no Brasil, a substituição dos equipamentos analógicos na TV Paraíba carecia urgência. Pelo tempo de uso das máquinas os defeitos eram constantes, deixando a rotina de produção de notícias ainda mais exaustiva. A equipe de manutenção já não sabia mais o que fazer para manter a tecnologia analógica viva, pois as peças estavam deixando de ser fabricadas e o conserto dos problemas apresentados se tornava cada dia mais difícil.

Para todos os profissionais envolvidos com a produção de notícias na emissora a substituição dos equipamentos analógicos existentes representou inicialmente uma forma de conseguir respirar com mais tranquilidade. Sair do sufoco de ter que atuar numa atividade de alta responsabilidade lidando com equipamentos defasados. Todos tinham sede por essa mudança por terem a esperança da redução do estresse diário. Essa questão foi unânime.

Porém, ainda dentro do que esperávamos, segundo a hipótese apresentada, as mudanças na questão criativa foram poucas. Querer que cheguem equipamentos mais modernos para facilitar a rotina de todos (adaptação) é diferente de querê-los para explorar novas possibilidades e elaborar um conteúdo diferenciado (transformação). Poucas pessoas da equipe, dentro do período estudado, buscaram se aprofundar nas inúmeras funções dos novos equipamentos e menos ainda colocaram em prática formas diferentes de fazer. Existe uma

parcela da equipe que mantém uma espécie de inércia perante o processo. Só muda o que obrigatoriamente precisa mudar para dar continuidade a produção de notícias.

Com a digitalização total da TV Paraíba há novas possibilidades às mãos que podem ser utilizadas desde já. Os repórteres podem, por exemplo, junto com os cinegrafistas, explorar mais detalhes como texturas, cores, traços, aparências físicas. A imagem em alta definição é capaz de evidenciar minúcias e dar à matéria um direcionamento mais interessante, menos convencional, menos repetitiva. Mas, para isso, é preciso que o olhar desses profissionais mude. O raciocínio deve sair do óbvio e ser mais crítico, criativo e inovador.

Toda a equipe deve adquirir novos olhares. As diferenciações precisam vir desde o planejamento do que vai ser feito até a execução. Porém, para isso, é necessário que todos saibam o potencial de cada equipamento digital para explorá-lo ao máximo. Se a pauta já vier com ideias simplórias, fica mais difícil para o repórter buscar fazer diferente, dificultando também um olhar diferenciado do editor perante o material que já vem da rua “podado”. Cada um deve buscar explorar as novas possibilidades e dar sugestões aos colegas de equipe, dando força ao processo criativo da produção de notícias, resultado de uma coletividade.

O momento atual exige mais dos jornalistas. As transformações dentro das redações causadas pela digitalização total do processo de produção, impulsionada pela TV digital, estão exigindo um novo perfil. Saber lidar com as novas tecnologias se tornou indispensável. Além de todo o processo técnico, o criativo agora também passa pelos bits. É necessário entender as potencialidades das máquinas digitais para criar formas diferentes de contar uma história. E isso depende sobretudo dos profissionais.

As máquinas foram criadas para serem exploradas. Sozinhas apenas obrigam a uma adaptação do fazer. Mas adaptar não significa transformar. É por isso que ao comprar uma televisão digital com todas as ferramentas mais recentes não quer dizer que o telespectador estará vivendo a TV digital. A aquisição dos equipamentos, pelas emissoras e pelo público, é apenas uma parte do processo, o primeiro passo da caminhada. Os outros passos dependem significativamente dos produtores que conteúdo que precisam decidir se vão agir crítica e ativamente nesse processo, como construtores, ou se vão apenas aceitar um determinismo tecnológico sem o mínimo interesse de arregaçar as mangas e sair da zona de conforto.

Entretanto sabemos que a “zona”, em se tratando de telejornalismo, nunca é de tanto conforto assim. Os motivos dessa inércia de parte dos jornalistas podem ser vários, desde desmotivação pela rotina cansativa e/ou salários nada satisfatório, desvalorização da categoria, falta de perspectiva, falta de um número maior de funcionários para deixar a rotina mais folgada e assim ter espaço para pensar em novos formatos, falta de criatividade, falta de interesse, falta

de amor pela profissão, falta de talento, entre outros. Da nossa parte essas são apenas suposições, já que não realizamos um estudo específico sobre essa questão.

O que percebemos é que a digitalização total de uma emissora é apenas o início da entrada efetiva na era da TV digital. As máquinas não fazem sozinhas o conteúdo, mas abrem um leque de novas possibilidades que podem ser utilizadas ou não. Na série de reportagens mostramos um pouco dessas novas ferramentas, representando parte do que potencialmente pode ser explorado. Mostramos também que a real utilização de todas as características da TV digital tem um potencial enorme de transformações das práticas jornalísticas. Porém, a nova TV ainda está engatinhando no Brasil e o futuro dela ainda é muito incerto.

Na TV Paraíba as novas contratações feitas, na nossa visão, estão sendo essenciais para que os profissionais consigam abrir um espaço na mente para criar e explorar as novas ferramentas. Entretanto, não podemos afirmar que a quantidade de funcionários agora, incluindo as novas contratações, é realmente suficiente para que isso efetivamente aconteça. Até porque, além do número, a qualidade desses profissionais conta muito.

As tendências apontadas são muitas, até mesmo uma possível morte da televisão, como mostramos neste trabalho. Mas não sabemos quais delas se confirmarão. O certo é que o perfil do público está mudando. A exigência por mais escolhas e participação cresce a cada dia. Dessa forma, é preciso que os jornalistas estejam atentos às transformações em andamento e procurem refletir acerca das novas possibilidades. A tecnologia sozinha não definirá o futuro. Este está sobretudo nas mãos dos produtores de conteúdo. É necessário, além da mera adaptação das rotinas de produção à tecnologia digital, uma readequação do pensar e criar.

A construção da série de reportagens em vídeo representou uma experiência singular que misturou teoria e prática; passado, presente e futuro. O conteúdo apresentado, mostrando como é feita a produção de notícias para TV, também esteve presente, a todo momento, no fazer do próprio produto. Este projeto representou um diálogo constante da teoria com a prática.

Ao disponibilizar a série para que outras pessoas assistam teremos a oportunidade de trazer pessoas comuns aos mundos da academia e da prática jornalística; mostrar a jornalistas conceitos acadêmicos e reflexões sobre o momento atual em que eles vivem; e mostrar aos acadêmicos como os produtores de notícia para TV estão vivenciando esse período de transição.

As mudanças na TV estão longe de acabar. Existe um potencial grande de transformações que vão muito além da simples adaptação aos equipamentos. A própria tecnologia digital traz uma inovação atrás da outra e novas ferramentas surgem nas mãos dos produtores de notícia. Entretanto, os protagonistas das revoluções não são as máquinas, mas sim o ser humano e sua capacidade de pensar e criar. É isso que vale para o telejornalismo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativas e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Ministério das Comunicação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 481, de 9 de julho de 2014. Estabelece cronograma de transição da transmissão analógica dos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital – SBTVD. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 130, 10 jul. 2014a. Seção 1, p. 64. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/72816139/dou-secao-1-10-07-2014-pg-64>>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

BRASIL. Secretaria de Comunicação da Presidência da República. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília, DF, 2014b. 153 p. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2015.

BRASIL, Antônio Cláudio. **A revolução das imagens: uma nova proposta para o telejornalismo na era digital**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

CABRAL, Águeda Miranda; VIZEU, Alfredo; ROCHA, Heitor Costa Lima da. As novas rotinas de produção de sentidos no telejornalismo: a Realidade Expandida na perspectiva construtivista. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). **#telejornalismo: nas ruas e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 149-168.

CABRAL, Águeda Miranda. Manipulação, simulação e infoimagem. A Realidade Expandida no telejornalismo. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 141-167.

CABRAL, Águeda Miranda. et. al. Convergência e diálogo de sentidos no telejornalismo da TV Digital. **Revista Vozes e Diálogo**, Itajaí, SC, v. 11, n.1, jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/3362>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

CABRAL, Águeda Miranda. A travessia do analógico para o digital na TV Cabo Branco-Paraíba. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino da. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 174-193.

CABRAL, Águeda Miranda. A edição linear digital e a construção da notícia no telejornalismo contemporâneo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal, RN. **Anais eletrônicos...** Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1148-1.pdf>> Acesso em 28 fev. 2015.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital**: interatividade, convergência e novos modelos de negócio. São Paulo: Summus, 2010.

CARDOSO, Viviane Lindsay. Multiprogramação: possibilidades, desafios e viabilidades no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, RS: Intercom, 2010. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1790-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CIRNE, Livia. **Repensando o telejornalismo a partir da digitalização da TV**: em busca de formatos interativos. 2014. 223 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2014.

CIRNE, Livia. **Interatividade e perspectivas no telejornalismo da TV digital**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

CROCOMO, Fernando; LAGE, Nilson. O uso da edição não-linear digital no telejornalismo diário de uma emissora de tv e as novas rotinas de produção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande, MS. **Anais eletrônicos...** Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2CROCOMO.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

FACHEL, Flávio. **Dicas de #telejornalismo**. São Paulo: F. Fachel, 2011.

FECHINE, Yvana. Elogio à programação: repensando a televisão que não desapareceu. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Org.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 114-131.

FINGER, Cristiane. O telejornal na palma da mão: um estudo sobre a recepção do Jornal Nacional nos dispositivos móveis e portáteis. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Org.). **#telejornalismo: nas ruas e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 111-128.

FRANÇA, Renné Oliveira. Janela em alta definição: a imagem e a transformação de sentido na era da TV digital. In: **Culturas Midiáticas**/ Revista de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba – Vol. II, n. 1 (jan._jun. 2009) João Pessoa: Editora Marca de Fantasia, 2009. Disponível em : <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/11689/6715>>. Acesso em : 10 fev. 2015.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**: do Sílex ao Silício. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandrina. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

KULEZSA, Raoni. I Fórum Paraibano de TVs Públicas na era digital. Contribuições da sociedade para a construção de uma televisão interativa de qualidade. **Anais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LEMOS, Guido. I Fórum Paraibano de TVs Públicas na era digital. Contribuições da sociedade para a construção de uma televisão interativa de qualidade. **Anais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2010.

MACHADO, Arlindo; VÉLEZ, Marta Lucía. Fim da televisão. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Org.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 54-76.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão**: normas práticas. Porto Alegre: Sagra: DC: Luzzatto, 1995.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MÉDOLA, Ana Silva Lopes Davi. Televisão digital brasileira e os novos processos de produção de conteúdos: os desafios para o comunicador. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, DF, v. 12, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/379/376>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Regulamentada consignação para serviços**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radio-e-tv/noticias-radio-e-tv/29532-regulamentada-consignacao-para-servicos-de-radiodifusao-publica>>. Acesso em: 4 mar. 2015.

MONTEZ, Carlos; BECKER, Valdeci. **TV digital interativa**: conceitos, desafios e perspectivas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PICCININ, Fabiana. Do analógico para o digital: notas sobre o telejornal em transição. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino da. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 154-173.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SANTOS, Clayton. Boa noite, e boa sorte: a TV digital e o fazer notícia no telejornalismo. In: NUNES, Pedro. (Org.). **Mídias Digitais & Interatividade**. João Pessoa: EDUEPB, 2009. p. 97-113.

SANTOS, Luciano Correia dos. **Entre promessas e realidade da televisão digital: estratégias da Rede Globo na convergência**. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, 2012.

SANTOS, Suzy dos; CAPPARELLI, Sérgio. Caminhos cruzados: a televisão entre a *web* e as telas. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.). **As janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 255-279.

SANTOS; Wendel Ribeiros dos; FAUSTO NETO, Tiago Quiroga. O papel do contra agendamento midiático nas mudanças das rotinas produtivas no telejornalismo brasileiro. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 4, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/249>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SCORALICK, Kelly. O telejornalismo na TV digital e os novos modos de participação do público. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto: UFOP, 2013. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/o-telejornalismo-na-tv-digital-e-os-novos-modos-de-participacao-do-publico>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SILVA, Claudeci Ribeiro da. Porque é difícil fazer jornalismo científico? In: SOUSA, Cidoval Moraes de (Org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos**. Campina Grande, PB: EDUEP, 2008. p. 279-285.

SILVA, Fernando Firmino da. Edição de imagem no jornalismo móvel. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008. p. 140-161.

SILVA, Karina de Araújo. **Viodeorreportagem em três estilos: Análise de um subgênero em formação**. 2010. 262 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2010.

SILVA, Ulisses Valadares Moreira da. **TV DIGITAL: novas tecnologias e padrões na produção de conteúdo**. Trabalho da disciplina TV Digital - Pós Graduação em Comunicação Digital, Educação e Mídias Interativas, do Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Cidoval Moraes de. Televisão regional e comunicação da ciência. In: MELO, José Marques de; SOUSA, Cidoval Moraes de; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Regionalização**

mediática: estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2006. p. 267-288.

TAVARES, Olga. TV Digital Universitária: A midiatização pública do conhecimento. In: NICOLAU, Marcus (Org). **Midiatização e Cotidiano**. João Pessoa: Ideia Editora, 2012.

TV CABO BRANCO. **Rede Paraíba de Comunicação**. Saiba mais sobre o grupo que abrange a TV Cabo Branco e a TV Paraíba. João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/noticia/2013/04/rede-paraiba-decomunicacao.html>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

TV PARAÍBA. **Cobertura**. João Pessoa, 2013. Disponível em: <<http://estatico.redeglobo.globo.com/2013/04/29/cobeturaredeparaiba.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

TV PARAÍBA DIGITAL. **TV Digital estará disponível para 80% da população da PB até junho de 2015**. Em entrevista, superintendente da Rede Paraíba fala sobre nova etapa do HD. João Pessoa, 2014. Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/tvparaiba/tvparaibadigital/noticia/2014/05/tv-digital-estara-disponivel-para-80-da-populacao-da-pb-ate-junho.html>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

VILLELA, Regina. **Telejornalismo de TV**: telejornalismo aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Primeiros roteiros

Reportagem 1:

A história da TV Paraíba e a produção de notícias com a tecnologia analógica.

- Resumo de como e quando a TV Paraíba foi instalada em Campina Grande - história;
- A evolução da tecnologia utilizada para a produção de notícias;
- Como é a produção de notícias na televisão, passando pela produção, reportagem, edição e apresentação;
- O trabalho das equipes do sertão;
- Como os equipamentos influenciam na rotina dos jornalistas de TV;
- O fim da era analógica na TV Paraíba;
- Explicação técnica/acadêmica de alguns conceitos sobre TV analógica e sistema analógico;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 2:

A transição do sistema analógico para o digital na TV Paraíba

- As etapas para a instalação dos equipamentos digitais;
- A preparação dos profissionais para o sistema digital;
- O processo gradativo de substituição dos equipamentos analógicos pelos digitais e a adaptação dos profissionais;
- As modificações da rotina dos jornalistas na produção das notícias;
- Datas que marcaram o início da transmissão digital e o sinal definitivo;
- A inauguração dos novos estúdios;
- Explicação técnica/acadêmica de conceitos sobre TV digital e sistema digital;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 3:

Um ano após a instalação do sistema digital na TV Paraíba

- As novas rotinas estabelecidas;

- Os equipamentos digitais e os vários equipamentos e estruturas melhores para a era digital;
- A contratação de mais profissionais para um melhor desempenho na era digital;
- Problemas resolvidos e novas dificuldades encontradas;
- As novas possibilidades colocadas em prática no telejornal;
- A expansão do sinal digital para outras cidades da Paraíba;
- Explicação técnica/acadêmica de conceitos e teorias necessários para fundamentar a reportagem;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 4:

Novas perspectivas para os profissionais da TV Paraíba e o lado crítico da TV digital

- O que os profissionais da TV Paraíba ainda sonham com relação ao sistema digital;
- A questão da interatividade na TV Paraíba;
- Novos equipamentos e melhoramentos que estão sendo esperados a curto/médio prazo;
- Explicação técnica/acadêmica de conceitos sobre interatividade;
- Opinião de especialistas e estudiosos sobre a TV digital no Brasil, a interatividade e a produção de notícias de TV com o sistema digital;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

APÊNDICE B - Roteiros definitivos

Reportagem 1:

Os últimos dias do analógico

- Resumo de como e quando a TV Paraíba foi instalada em Campina Grande - história;
- A evolução da tecnologia utilizada para a produção de notícias;
- Como é a produção de notícias na televisão, passando pela produção, reportagem, edição e apresentação;
- O trabalho das equipes do sertão;
- Como os equipamentos influenciam na rotina dos jornalistas de TV;
- O fim da era analógica na TV Paraíba;
- Explicação técnica/acadêmica de alguns conceitos sobre TV analógica, sistema analógico e tecnologia digital;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 2:

A digitalização completa

- O trabalho das equipes do sertão;
- Como os equipamentos influenciam na rotina dos jornalistas de TV;
- O fim da era analógica na TV Paraíba;
- As etapas para a instalação dos equipamentos digitais;
- A preparação dos profissionais para o sistema digital;
- O processo gradativo de substituição dos equipamentos analógicos pelos digitais e a adaptação dos profissionais;
- As modificações da rotina dos jornalistas na produção das notícias;
- Datas que marcaram o início da transmissão digital e o sinal definitivo;
- A inauguração dos novos estúdios;
- Explicação técnica/acadêmica de conceitos;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 3:

A consolidação do digital

- As novas rotinas estabelecidas;

- Os equipamentos digitais e os vários equipamentos e estruturas melhores para a era digital;
- A contratação de mais profissionais para um melhor desempenho na era digital;
- Problemas resolvidos e novas dificuldades encontradas;
- A expansão do sinal digital para outras cidades da Paraíba;
- Explicação técnica/acadêmica de conceitos sobre TV digital;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

Reportagem 4:

Perspectivas

- O que os profissionais da TV Paraíba ainda sonham com relação ao sistema digital;
- As novas possibilidades nos telejornais;
- A questão da interatividade na TV Paraíba;
- Novos equipamentos e melhoramentos que estão sendo esperados a curto/médio prazo;
- Outras características da TV digital;
- Profissional multifacetário, multifuncional, perfil e opiniões;
- Opinião de especialistas e estudiosos sobre a TV digital no Brasil, a interatividade e a produção de notícias de TV com o sistema digital;
- Passagens do repórter para fazer a amarração da história.

APÊNDICE C - Decupagem do primeiro dia de gravação

=Pasta: 20.07.13

-IMAGENS

- Jornal da Paraíba com a manchete: “TV Paraíba apresenta sinal digital em estande;
- Ligações de fios na sala de controle;
- Sala do closet caption em montagem;
- Nova mesa de corte no switcher;
- Passo a passo da edição analógica;
- Denise como editora de texto e Pierre editor de imagens editando vt analógico;
- Papel identificando a fita editada;
- Indo e voltando as imagens da fita;
- Mesa de edição analógica;
- Display que mostra os dois canais de áudio;
- Tirando e colocando as fitas;
- Imagens de Siqueira, apresentador e chefe de redação;

-ENTREVISTA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

1- Principais prejuízos/ problemas que o analógico traz hoje para a TV Paraíba?
Falta de agilidade/ fita cada vez mais escassa no mercado/ edição na fita dá problemas de variação de vídeo e áudio, ruídos/ equipamentos que precisam de peças que são difíceis de achar pois não são mais fabricadas/ Era final da tecnologia analógica/ Fita Cassete, U-matic e o Betacam/ O digital vem para trazer agilidade com qualidade.

2- Como foi na época que esses equipamentos que estão hoje em declínio chegaram?
Início dos anos 90 chegou o Betacam e acoplou o VT na câmera, o U-matic antes tinha a câmera, um cabo que saia da câmera e plugava no vt, que tinha que ser operado por outra pessoa/ Fala da qualidade do U-matic e Betacam/ A equipe reduziu, o operador de VT não precisava mais.

3- O que trouxe de vantagem com menos um na equipe? (07’55’’)
Ganhou agilidade/ O câmera ganhou liberdade/ Deu uma nova mobilidade à equipe.

4- História da TV Paraíba. Ela sempre teve essa questão de ser pioneira na cidade? (09’40’’) O pioneirismo é uma marca da TV Paraíba, a partir do dono que veio do café (...)/

Hoje os engenheiros afirmam que nós estamos com o que há de mais moderno em tecnologia digital (...)/ E aí depois o que vai fazer a diferença não é mais a imagem em alta definição e sim o conteúdo, que vai ser colocado na prática através do equipamento.

(vídeo 2) 5- O que a tecnologia agrega ao trabalho do jornalista?

A tecnologia agrega agilidade, pois os meios de comunicação enfrentam uma forte concorrência e a TV tem o papel de detalhar aquilo que a internet já publicou/ Se você tiver agilidade nesse processo, você vai ter avanços/ Pelo o que eu vi vamos ter uma maior rapidez, e um maior aprofundamento, pois tem mais recursos/ O que faz a diferença é o conteúdo e ideia é ir em busca desse conteúdo desde já.

6- Como está se dando o processo de transição? (05'16")

“Nos preocupamos em fazer uma transição não traumática. Imaginem o que é para alguns profissionais desta casa, que editam há 25 anos com fitas e passar a editar dentro do sistema e das exigências em HDTV. Não só editar. Captar imagens, trazer pra cá, descarregar numa sala chamada Ingest, fazer a edição e exibir. Então a gente teve treinamento para cada segmento: os câmeras foram os primeiros (...)/”

“Temos câmeras com cartões e disco. A câmera, ela também é um computador. Precisa da mudança de postura do repórter, do cinegrafista e do editor de imagem. O sistema vem para facilitar e melhorar os resultados, mas precisa de cuidados. Pode apagar o material todo. Cuidado na hora de descarregar. Estarão disponíveis em todas as ilhas de edição ao mesmo tempo. O apresentador pode escolher o take que ele quiser via computador. A expectativa é para a excussão desse material. Vou levar duas câmeras para o jogo, uma digital e uma analógica. A gente não vai colocar de vez no ar. Vamos fazer pilotos. São experiências que precisam ser feitas antes.”/

“A exibição muda muito. As imagens do estúdio já são todas em alta definição. As da reportagem são feitas em SD e convertidas para digital.”

7- Porque levar duas câmeras para o jogo? (10'50")

Por falta de segurança. Hoje não sabemos se vai dar certo.

8- Dentro das experimentações já teve coisa que deu errado? (11'44")

Conta o problema do Forró Fest (não gravou o áudio).

(vídeo 3) 9- Qual foi o problema da captação? (1')

Essa fase é um experimento, tentativa e temos situações que temos que equacionar. Hoje tem o problema do áudio. A TV Paraíba está no ar, o analógico e o digital, e o áudio digital é mais baixo. Ainda temos uma mesa de áudio analógica.

10- Então sempre há percalços? (4')

Entre conhecer na teoria e fazer na prática, a diferença é grande/ Sempre alguns problemas vão aparecer.

(vídeo 4) 11- É aí que entra a qualidade do jornalista, né? (5'40'')

Pessoas que não conhecem o b-a-bá, que não tenha noções de informática, vão ficar pra trás e inevitavelmente serão substituídos.

12- Porque os jornalistas fizeram curso de edição de imagem? (55'')

Para compreender o processo. É preciso entender a mudança de rotina do outro (explica).

13- Onde entra e como entra a interatividade? (2'10'')

É algo em discussão com a área técnica e com a Rede Globo Brasil. Hoje todo mundo quer interagir. Vamos avançar muito, inclusive no meio comercial. O complemento da informação do telejornal. Há uma discussão grande da Globo de como iniciar. Segue mais lento que outras questões. Vai ficar para outro momento.

14- Como você vê a possibilidade da interatividade? (6'10'')

É um sonho. Tô há 25 anos no ramo, mas sou apaixonado por coisas novas. É algo que precisa avançar. Vai ser muito prazeroso (explica).

APÊNDICE D - Textos das reportagens (*offs*)

Reportagem 1:

Os últimos dias do analógico

OFF

-SOBE SOM RÁPIDO DE BG COM IMAGENS DE PESSOAS DE VÁRIAS IDADES ASSISTINDO A TV. BG: THE SHOCK OF THE LIGHTNING (INTRODUÇÃO) – PASTA MÚSICAS PARA BG.

-OFF- ELA ESTÁ EM QUASE TODO O TERRITÓRIO BRASILEIRO./

-CARACTERES/ RODA PÉ: 95,1% DOS LARES (IBGE – 2010)

-OFF- É O MEIO DE COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DO QUAL A MAIORIA DOS BRASILEIROS SE INFORMA./

-OFF- ELA NÃO ESTÁ PRESENTE APENAS NA SALA... MAS TAMBÉM EM VÁRIOS OUTROS CÔMODOS DA CASA./ DIFERENTES GERAÇÕES APERTAM OS BOTÕES DO CONTROLE REMOTO EM BUSCA DA PROGRAMAÇÃO PREFERIDA./ DESDE 1950 A TELEVISÃO FAZ PARTE DA VIDA DOS BRASILEIROS./

-CARACTERES/ RODA PÉ: 18 DE SETEMBRO DE 1950 – ESTREIA DA TELEVISÃO NO BRASIL

-TRANSIÇÃO E SOBE SOM COM IMAGENS DE CAMPINA GRANDE

-OFF- ESTAMOS EM CAMPINA GRANDE, NO INTERIOR PARAÍBA, HÁ 120 QUILOMETROS DA CAPITAL JOÃO PESSOA./ A PRIMEIRA EMISSORA DE TELEVISÃO DO ESTADO NASCEU AQUI./ A TV BORBOREMA, QUE RETRANSMITIA A TV TUPI, FOI INAUGURADA EM 1966, TRAZIDA PELO PARAIBANO, POLÍTICO E EMPRESÁRIO ASSIS CHATEAUBRIAND./ QUANDO A TUPI SAIU DO AR ELA PASSOU A RETRANSMITIR A REDE GLOBO./

-PASSAGEM – LUCIELLEN LIMA - (COBRE O INÍCIO DA VIRADA):

“MAS A TV BORBOREMA NÃO POSSUÍA CONDIÇÕES TÉCNICAS COMPATÍVEIS COM AS EXIGÊNCIAS DA REDE./ POR ISSO EM 1987 PASSOU A SER AFILIADA DO SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO, O SBT, E O SINAL DA GLOBO FICOU PARA UMA OUTRA EMISSORA QUE ACABAVA DE SURGIR: A TV PARAÍBA”./

(COBRIR FIM DA PASSAGEM COM IMAGENS DA FRENTE DA TV PARAÍBA)

-OFF- A SEDE FOI CONSTRUÍDA NO BAIRRO DA PALMEIRA./ AO LONGO DOS ANOS A TV PARAÍBA UTILIZOU EQUIPAMENTOS DIFERENTES, ACOMPANHANDO O DESENVOLVIMENTO DA TECNOLOGIA./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ CHEFE DE JORNALISMO DA TV PARAÍBA
(PASTA 20.07.2013/ 0012) de 4'10" a 5'27"
(COBRIR SONORA COM FOTOS)

-OFF- ATÉ JULHO DE 2013 TODO O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS SEGUIA REGRAS COMPATÍVEIS COM A TECNOLOGIA ANALÓGICA DE CAPTAÇÃO, EDIÇÃO DE IMAGENS E TRANSMISSÃO./

-SONORA: VALDECIR BECKER/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB
(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0002) de 1'26" a 2'12"

-ARTE 1 NA SONORA ACIMA, NA PARTE ENTRE PARÊNTESES.

-SONORA: GUIDO LEMOS/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB
(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0004) de 1'09" a 1'46" cola com de 2'07 a 2'17"

-OFF- MESMO COM UM GRANDE NÚMERO DE EQUIPAMENTOS ANALÓGICOS SENDO UTILIZADOS, A TECNOLOGIA DIGITAL JÁ VINHA MARCANDO PRESENÇA AOS LONGO DOS ANOS, EM ALGUNS SETORES, A EXEMPLO DA REDAÇÃO, QUE FOI DIGITALIZADA NA DÉCADA DE 90 QUANDO CHEGARAM OS COMPUTADORES./

-SONORA: VALDECIR BECKER/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB
(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0002) de 3'04" a 3'22" cola com de 4'08" a 4'49"

-ARTE 2 NA SONORA ACIMA, NA PARTE ENTRE PARÊNTESES.

-Em roda pé quando ele fala set top box: Set top box = conversor do sinal digital para TVs analógicas.

-SONORA: GUIDO LEMOS/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB
(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0004) de 3'48" a 4'08"

-CARACTERES/ RODA PÉ NO INÍCIO DA PRÓXIMA FRASE: Julho de 2013

-OFF- PARA FAZER UM TELEJORNAL NA TV PARAÍBA O TRABALHO COMEÇA COM OS PRODUTORES, SEJA O JPB PRIMEIRA EDIÇÃO, O SEGUNDA EDIÇÃO OU AS PARTICIPAÇÕES NO BOM DIA PARAÍBA, TELEJORNAL FEITO EM PARCERIA COM A TV CABO BRANCO, DE JOÃO PESSOA, EMISSORA QUE FAZ PARTE DO MESMO GRUPO EMPRESARIAL/ NO SETOR DE PRODUÇÃO HÁ PROFISSIONAIS ESPECÍFICOS PARA FAZER A PAUTA DE CADA MATÉRIA, QUE TRAZ A IDEIA A SER DESENVOLVIDA E AS INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O ASSUNTO, ALÉM DE UM ROTEIRO COM OS LUGARES ONDE A EQUIPE PRECISA IR E AS PESSOAS QUE DEVE ENTREVISTAR./

-SONORA: DANIELLE FLÔR/ PRODUTORA DA TV PARAÍBA
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0144) de 1'56" a 2'20"

Ronda= entrar em contato com delegacias, hospitais, serviços de urgência, entre outros.

-OFF- A PAUTA É PASSADA PARA A EQUIPE DE REPORTAGEM QUE, SEGUINDO AS REGRAS DA TECNOLOGIA ANALÓGICA, LEVAVA AS FITAS PARA FAZER AS GRAVAÇÕES./

(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL) Imagens Waléria entrando no carro com as fitas e passando pra Damião etiquetar. Waléria ler a pauta no carro.

-OFF- A ROTINA DAS EQUIPES DE REPORTAGEM É BEM CORRIDA./

-SONORA: ISIS COELHO/ REPÓRTER TV PARAÍBA

(PASTA 05.08.13/ PASTA NORMAL/ 0007) de 1'09" a 1'28" cola com de 11" a 28"

-OFF- NA MAIORIA DAS VEZES O REPÓRTER ESCRIVE DENTRO DO CARRO O OFF, QUE É O TEXTO DA MATÉRIA, E GRAVA, PARA NÃO PERDER TEMPO VOLTANDO PARA A TV./

-SOBE SOM ISIS GRAVANDO O OFF NO CARRO
(PASTA 05.08.13/ PASTA NORMAL/ 0043) de 27" até 39"

-OFF- AO ENCERRAR AS GRAVAÇÕES DE UMA MATÉRIA, ENQUANTO A EQUIPE JÁ PASSA PARA A PRÓXIMA PAUTA, SEU SEBASTIÃO ENTRA EM CENA./

-SONORA: EDUARDO/ MOTORISTA E AUXILIAR
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL/ 0059) de 24" até o final

-SONORA: SEU SEBASTIÃO/ MOTOTAXISTA
(PASTA 23.07.13/ PASTA: NORMAL/ 0082) de 6" a 15"

-SOBE SOM RÁPIDO COM IMAGENS DE SEU SEBASTIÃO NA MOTO, CHEGA NA TV E ENTREGA A FITA (COLOCAR IMAGENS ACELERADAS ANTES MESMO DE TERMINAR A SONORA).

-OFF- AO CHEGAR NA TV, O MATERIAL VAI PARA AS MÃOS DO EDITOR DE TEXTO, JORNALISTA QUE TRABALHA NOS BASTIDORES DO TELEJORNAL./ NA ILHA DE EDIÇÃO, JUNTO COM O EDITOR DE IMAGENS, AS MATÉRIAS ERAM MONTADAS NESSA MÁQUINA, UTILIZANDO DUAS FITAS./ A MONTAGEM OU EDIÇÃO É O MOMENTO EM QUE O ÁUDIO, COM A GRAVAÇÃO DO TEXTO DO REPÓRTER, SE UNE ÀS IMAGENS E AOS TRECHOS DAS ENTREVISTAS./ DAQUI O MATERIAL SAIA PRONTO PARA SER EXIBIDO./
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL) Imagens Rafael e Pierre editando.

-SONORA: PEIRRE TIBÉRIO/ DIRETOR DE TV E EDITOR DE IMAGENS TV PARAÍBA
(PASTA 03.08.13/ PASTA DCIM/ 0001) de 2' a 2'30"

-OFF- MESMO COM O PREDOMÍNIO DA MONTAGEM ANALÓGICA, UM COMPUTADOR ERA USADO PARA FAZER ALGUMAS EDIÇÕES DE IMAGENS, UM PROCESSO NEM SEMPRE VANTAJOSO./

-SONORA: PEIRRE TIBÉRIO/ DIRETOR DE TV E EDITOR DE IMAGENS
(PASTA 03.08.13/ PASTA DCIM/ 0001) de 7'41" a 7'55" cola com de 9'50" a 10' cola com de 10'14" a 10'52"

-OFF- NA REDAÇÃO O EDITOR DE TEXTO E A APRESENTADORA ESCRIVEM AQUILO QUE VAI SER LIDO DURANTE O TELEJORNAL E CRIAM TODO O SCRIPT, UMA ESPÉCIE DE ROTEIRO COM ORIENTAÇÕES DE TEXTO, IMAGEM E SOM PARA A EQUIPE./

-OFF- NO SWITCHER, SALA QUE COMANDA TUDO O QUE ACONTECE NO TELEJORNAL, O EDITOR DE TEXTO ENUMERAVA AS FITAS DAS MATÉRIAS,

PARA QUE FICASSEM NA ORDEM QUE IAM PARA O AR./ E COMEÇA O TELEJORNAL./

-SOBE SOM INÍCIO DO JORNAL
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL) 0006

-OFF- UM EDITOR DE IMAGENS FICAVA COM A FUNÇÃO DE COLOCAR CADA FITA NA MÁQUINA E DAR O PLAY NO MOMENTO CERTO./ TUDO FEITO EM SINCRONIA COM A EQUIPE INTEIRA, INCLUSIVE COM O OPERADOR DA MESA DE ÁUDIO./ E DURANTE O TELEJORNAL HAVIA MAIS FITA CHEGANDO./

-SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL/ 0018(2)) de 2” a 28”

-OFF- A REPÓRTER ESCALADA PARA AS ENTRADAS AO VIVO COLOCA O FONE DE OUVIDO E A CAIXINHA PARA ESCUTAR O JORNAL E AS ORIENTAÇÕES./
(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM)

-SOBE SOM ORIENTAÇÃO
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL) vídeo 023 (2)

-OFF- APÓS OS TESTES A EQUIPE AGUARDA CONCENTRADA E ENTRA NO AR./

-SOBE SOM COM ISIS NA ENTRADA AO VIVO
(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM)

-OFF- DEPOIS DE CUMPRIDAS TODAS AS ETAPAS PREVISTAS NO SCRIPT, TERMINA MAIS UM TELEJORNAL, RESULTADO DE UMA ROTINA QUE DEIXA EVIDENTE QUE JORNALISTAS E PROFISSIONAIS TÉCNICOS SE MISTURAM E UNS INFLUENCIAM NO TRABALHO DOS OUTROS./

-SOBE SOM FIM DO JORNAL – IMAGEM DA GRUA
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL) vídeo 0048 (2)

-OFF- SÓ QUE O TRABALHO DO DIA NÃO ACABA POR AÍ./ NA REDAÇÃO A EQUIPE JÁ COMEÇA A PLANEJAR A EDIÇÃO DO DIA SEGUINTE DO MESMO TELEJORNAL./ O EDITOR DE TEXTO AINDA TINHA QUE LIBERAR AS FITAS JÁ UTILIZADAS./ REBUBINAVA TODAS E AS DISPONIBILIZAVA PARA NOVAS GRAVAÇÕES./ .

-OFF- O MÊS DE JULHO DE 2013 ESTAVA TERMINANDO E A TRANSIÇÃO PARA A DIGITALIZAÇÃO TOTAL DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO JÁ TINHA COMEÇADO NA TV PARAÍBA./ O ANALÓGICO ESTAVA COM OS DIAS CONTADOS./

-SOBE SOM FINAL COM BG.

-FIM DE OFF

Reportagem 2:
A digitalização completa

OFF

-SOBE SOM COM IMAGENS

-BG: SPEED OF SOUND (INTRODUÇÃO E/OU PARTES DO MEIO INSTRUMENTAL, SEM LETRA) – PASTA MÚSICAS PARA BG.

-PASSAGEM (EM FRENTE À TV PARAÍBA ONDE FICAM AS ANTENAS)
(pasta 15.02.15 / 0014)

“DAR ADEUS À TECNOLOGIA ANALÓGICA NÃO FOI FÁCIL, NEM RÁPIDO./ PARA QUE ISSO ACONTECESSE EM 2011 A TV PARAÍBA INICIOU UMA REFORMA”.

-ENTREVISTA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0143) de 6’25” a 6’45”

-PASSAGEM/ CONTINUAÇÃO: (pasta 15.02.15 / 0018 – 2º tentativa)
“DEPOIS DA REFORMA, FOI INICIADA UMA TROCA GRADATIVA DE EQUIPAMENTOS./ O PROCESSO FOI INTENSIFICADO EM 2013”./

-OFF- JÁ ESTAVA MAIS DO QUE NA HORA DE FAZER A SUBSTITUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS ANALÓGICOS QUE AINDA FAZIAM PARTE DA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS E DA TRANSMISSÃO./ ALGUNS, COM CERCA DE DUAS DÉCADAS DE USO, ESTAVAM DANDO MUITO TRABALHO./

-OFF- O PESO DA TECNOLOGIA OBSOLETA NÃO ERA FÁCIL DE CARREGAR./

-SONORA: DAMIÃO TOMÉ/ CINEGRAFISTA/ TV PARAÍBA
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL/ 0031) de 20” a 42”

-OFF- A ROTINA INTENSA DA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS FOI SE TORNANDO CADA DIA MAIS DIFÍCIL POR CAUSA DOS PROBLEMAS CONSTANTES COM OS EQUIPAMENTOS./

-SONORA: WALÉRIA ASSUNÇÃO/ REPÓRTER E APRESENTADORA
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL/ 0070 (2)) – de 37” a 52” cola com de 1’17” a 1’29”

-SONORA: DAMIÃO TOMÉ/ CINEGRAFISTA
(PASTA 23.07.13/ PASTA NORMAL/ 0062(2)) – de 16” a 43”

-OFF- O PIOR É QUE NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO DA SUBSTITUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS ANALÓGICOS PELOS DIGITAIS AS DIFICULDADES AUMENTARAM./ POR ISSO, ERA PRECISO TER CAUTELA./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 20.07.13/ 0013) – de 5’16” a 5’26” cola com de 6’03” a 6’21”

-OFF- NO DIA 13 DE JUNHO DE 2013 O SINAL DIGITAL DA TV PARAÍBA ENTROU NO AR DE FORMA EXPERIMENTAL./

-OFF- TODO MUNDO PRECISAVA PEGAR EXPERIÊNCIA COM OS EQUIPAMENTOS DIGITAIS ANTES DA SUBSTITUIÇÃO COMPLETA DOS ANALÓGICOS./

-SONORA: ANDRÉ LUIS/ CINEGRAFISTA

(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0128) – de 44” a 48” cola com de 1’41” a 1’55”

-SONORA: WALÉRIA ASSUNÇÃO/ REPÓRTER E APRESENTADORA

(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM/ 0049) – de 41” a 54”

-OFF- ALGUMAS COISAS TIVERAM QUE FUNCIONAR NO IMPROVISO./ POR EXEMPLO, ENQUANTO O NOVO CARRO COM A ESTRUTURA PARA AS ENTRADAS EXTERNAS AO VIVO NÃO CHEGAVA, O JEITO FOI UTILIZAR TEMPORARIAMENTE UMA CAMINHONETE./ FICOU TUDO MEIO APERTADO, MAS DEU PRA QUEBRAR O GALHO./ METROS E MAIS METROS DE FIO POSSIBILITAVAM A OPERAÇÃO./

-OFF- ESSA ESTRUTURA FAZIA A TRANSMISSÃO DO SINAL ANALÓGICO POR UM SISTEMA CHAMADO MICRO-ONDAS, QUE ENVIA ONDAS ELETROMAGNÉTICAS EM LINHA RETA PARA A ANTENA DA EMISSORA./ PARA SER POSSÍVEL ESSA TRANSMISSÃO, SEM USAR UM SATÉLITE PARA REBATER O SINAL, NÃO PODE HAVER BARREIRAS FÍSICAS NO MEIO./ POR ISSO, COM ESSE SISTEMA, NÃO É DE QUALQUER LUGAR QUE DÁ PRA FAZER AS ENTRADAS EXTERNAS AO VIVO./

-ARTE 1 ENTRA NO TEXTO ACIMA

-SONORA: JOCEMIR PEREIRA DA SILVA/ OPERADOR TÉCNICO

(PASTA 03.08.13/ PASTA NORMAL/0009) – de 8” a 23”

-OFF- COM TANTAS MUDANÇAS ACONTECENDO TODO MUNDO FICAVA IMAGINANDO COMO SERIA CADA DETALHE APÓS A DIGITALIZAÇÃO COMPLETA./

-SONORA: WALÉRIA ASSUNÇÃO/ REPÓRTER E APRESENTADORA

(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM/ 0049) – de 5’12” a 5’48”

-OFF- OS TREINAMENTOS E ORIENTAÇÕES TIVERAM QUE SE EXPANDIR PARA ALÉM DOS FUNCIONÁRIOS DA TV./

(MACHETE “TV Paraíba apresenta sinal digital em estande”) (PASTA 20.07.13) vídeo 0001

-SOBE SOM DE REPORTAGENS DA TV PARAÍBA

(PASTA MATÉRIAS TVPB/ PASTA OUTROS VÍDEOS)

-VÍDEO 3 : na cabeça, de “A TV Paraíba está funcionando” até “dos telespectadores”; na matéria, de “aqui nós temos um televisor analógico” até “também recebem o sinal”

-RODA PÉ: TV PARAÍBA – 20 DE JULHO DE 2013

(transição entre os vídeos)

VÍDEO 1- na cabeça, de “como fazer” até “sobre o sinal digital”; na matéria, de “nós precisamos saber” (na sonora) até “muitas perguntas”

-RODA PÉ: TV PARAÍBA – 20 DE JULHO DE 2013

-OFF- EM POUCO MAIS DE UM MÊS E MEIO O SINAL SAIU DA FASE EXPERIMENTAL./

-SOBE SOM COM JORNAIS ANUNCIANDO

(PASTA MATÉRIAS TVPB/ PASTA JP2 31.07)

-Vídeo 3 MPG: 4'55" – Na cabeça de “e nós vamos mostrar” até “o melhor pra você”

-RODA PÉ: TV PARAÍBA – 31 DE JULHO DE 2013

(TRANSIÇÃO ENTRE OS VÍDEOS)

-OFF- A TRANSMISSÃO JÁ ERA DIGITAL, MAS A SUBSTITUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS ANALÓGICOS AINDA NÃO TINHA ACONTECIDO POR COMPLETO./

-TRANSIÇÃO

-SOBE SOM COM PLACAS DO SERTÃO E BG (PASTA 10.08.13/ PASTA MAIS)

-OFF- NO SERTÃO DO ESTADO AS ANALÓGICAS AINDA REINAVAM SOZINHAS./ O TRABALHO NA REGIÃO É FEITO POR DUAS EQUIPES, UMA NA CIDADE DE PATOS, OUTRA EM SOUSA./

-SONORA: HERTA RIAMA/ REPÓRTER DO SERTÃO

(PASTA 10.08.13/ PASTA NORMAL/ 0253) – de 26" a 46" cola com de 1'18" a 1'37"

-OFF- APESAR DAS CÂMERAS ANALÓGICAS, A TECNOLOGIA DIGITAL JÁ FAZIA PARTE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS NO SERTÃO DESDE 2009, QUANDO AS IMAGENS PASSARAM A SER ENVIADAS PARA CAMPINA GRANDE PELO COMPUTADOR, VIA INTERNET./ ANTES DISSO, AS FITAS TINHAM QUE VIAJAR./

-SONORA: BETO SILVA/ CINEGRAFISTA DO SERTÃO

(PASTA 10.08.13/ PASTA MAIS/ 0171) – de 22" a 36" cola com de 2'10" a 2'41"

Colocar em Roda pé quando ele disser “FTP”: FTP = Protocolo de Transferência de Arquivos

(TRANSIÇÃO)

(IMAGENS PLACA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE E A FRENTE DA TV – CARACTERES – “AGOSTO DE 2013)

-OFF- MAS, ENFIM CHEGOU O GRANDE DIA./ UM MARCO PARA A TV PARAÍBA./ CINCO DE AGOSTO DE DOIS MIL E TREZE./ (DATA EM RODA PÉ) OS JORNAIS FORAM COLOCADOS NO AR COM TODOS OS PROCESSOS DE GRAVAÇÃO, EDIÇÃO E TRANSMISSÃO DIGITAIS./

-OFF- AS FITAS JÁ NÃO ERAM MAIS NECESSÁRIAS./ EM CAMPINA GRANDE, COM AS CÂMERAS NOVAS, AS EQUIPES PASSARAM A GRAVAR AS IMAGENS EM DISCOS, MAIS COMPACTOS E COM CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO BEM MAIOR DO QUE AS FITAS./

-OFF- NA ILHA DE EDIÇÃO OS DISCOS SÃO DESCARREGADOS NOS COMPUTADORES, ONDE AGORA É FEITA A MONTAGEM DE TODOS OS VÍDEOS./ AS REPORTAGENS PRONTAS SÃO ENVIADAS PELA REDE PARA O SWITCHER E ARMAZENADAS NUM EQUIPAMENTO CHAMADO PLAYOUT./ NELE OS VÍDEOS FICAM NA ORDEM PREVISTA PARA SEREM EXIBIDOS./

-OFF- NO SERTÃO AS CÂMERAS DIGITAIS SÃO UTILIZADAS COM CARTÃO DE MEMÓRIA./

-OFF- E NO FIM DESSE PRIMEIRO DIA COM TODO O PROCESSO DIGITAL, A EQUIPE AVALIOU QUE TUDO SAIU MELHOR DO QUE O ESPERADO./

-SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0126) – 10” (quais foram as dificuldades?) a 58”

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0143) – de 50” a 1’18”

-OFF- SÓ QUE AS DIFICULDADES NÃO TERMINARAM AÍ./ MAIS UM DESAFIO VINHA PELA FRENTE: NOVOS CENÁRIOS PARA OS JORNAIS./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM/ 0143) – de 4’58” a 5’14”

-OFF- E PARA REFORMAR O ESTÚDIO, OS JORNAIS PASSARAM 15 DIAS SENDO APRESENTADOS DA REDAÇÃO./

-SONORA: DENISE DELMIRO/ REPÓRTER E APRESENTADORA
(PASTA 15.08.13/ PASTA NORMAL/ 0001) – de 3’48” a 4’20”

-TRANSIÇÃO ENTRE SONORAS

-SONORA: DENISE DELMIRO/ APRESENTADORA
(PASTA 02.09.13/ 0047) – de 25” a 45”

-RODA PÉ: TV PARAÍBA – 02 DE SETEMBRO DE 2013

-SOBE SOM INÍCIO DO JPB E GE COM CENÁRIOS NOVOS
(PASTA 02.09.13) vídeos 0049

-OFF- ENFIM, O ANALÓGICO FOI APOSENTADO./ A EQUIPE RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS TINHA EM MENTE QUE AS DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO COM OS NOVOS EQUIPAMENTOS DESAPARECERIAM AO LONGO DOS MESES./

-SOBE SOM FINAL

-FIM DE OFF

Reportagem 3:

A consolidação do digital

OFF

-SOBE SOM COM IMAGENS E BG

-BG: STRAWBERRY SWING (INTRODUÇÃO) – PASTA MÚSICAS PARA BG.

-OFF- CORES MAIS VIVAS./ DETALHES MAIS EVIDENTES./ NADA DE RUÍDOS, CHUVISCOS OU FANTASMAS, TÃO COMUNS NA TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO DA TV ANALÓGICA./

-OFF- (O ENQUADRAMENTO FICOU MAIOR, POIS A PROPORÇÃO DE TELA, QUE É OBTIDA PELAS MEDIDAS DA LARGURA E DA ALTURA, PASSOU DE QUATRO POR TRÊS, PARA DEZESSEIS POR NOVE)./

-ARTE 1

-OFF- O SOM TAMBÉM FICOU MAIS LIMPO E MAIS NÍTIDO./

-SONORA: VALDECIR BECKER/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB

(pasta 11.03.15/ 0002) – 4’54” Então o áudio fica melhor, não tem a degradação que o áudio analógico tem, e a imagem também fica melhor. Isso se a gente pensar do ponto de vista só de imagem mantendo a mesma proporção de tela. Por que uma das grandes inovações da TV digital é a alta definição e a alta definição são seis vezes mais informação na mesma tela. Então ela sai de quatro por três pra virar dezesseis por nove, fica mais larga, e ela tem seis vezes mais informações.

-OFF- A TV PARAÍBA FOI A PRIMEIRA EMISSORA EM CAMPINA GRANDE A PROPORCIONAR ESSA ALTA DEFINIÇÃO PARA O PÚBLICO, AO DIGITALIZAR TOTALMENTE A PRODUÇÃO E A TRANSMISSÃO./

-PASSAGEM: (pasta 15.02.15) - 0054

“EM AGOSTO DE 2014 COMPLETOU UM ANO QUE A TV PARAÍBA PASSOU A PRODUZIR E TRANSMITIR A PROGRAMAÇÃO DE FORMA DIGITAL, NO CANAL 21./ A TRANSMISSÃO ANALÓGICA, NO CANAL 3, PERMANECE NO AR ATÉ A DETERMINAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL”./ (VIRADA)

0056 - “SE NÃO HOVER MAIS ADIAMENTOS, O DESLIGAMENTO DO SINAL ANALÓGICO NO PAÍS DEVE COMEÇAR PELAS GRANDES CIDADES, EM 2016, E TERMINAR EM 2018./ ESSAS DATAS ESTÃO NO CRONOGRAMA DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES PUBLICADO EM JULHO DE 2014”./

-SOBE SOM COM IMAGENS DE ANTENAS

-OFF- NO PRIMEIRO ANO DEPOIS DA SUBSTITUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS COM TECNOLOGIA ANALÓGICA PELOS DIGITAIS, UMA PREOCUPAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DA TV PARAÍBA FOI A EXPANSÃO DO SINAL./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(Pasta 30.07.14/ Pasta 2/ 0007) – de 3” a 35”

-OFF- PARA OS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS, FOI UM ANO SOBRETUDO DE ADAPTAÇÃO./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0008) – de 6’10” a 6’33”

-OFF- A ALTA DEFINIÇÃO NÃO INFLUENCIOU SÓ NA TV, MAS A QUALIDADE DOS VÍDEOS DISPONIBILIZADOS NA INTERNET TAMBÉM MELHOROU./

-OFF- E SE A IMAGEM É MELHOR, QUEM APARECE NO VÍDEO PRECISA REDOBRAR OS CUIDADOS COM A APARÊNCIA./ - CORTAR ESSE TRECHO

-ENTREVISTA: WALÉRIA ASSUNÇÃO: REPÓRTER E APRESENTADORA
(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM) – essa sonora deve ser CORTADA

-OFF- FORAM MUITOS DETALHES QUE TIVERAM QUE SER ABSORVIDOS AO LONGO DOS MESES PELOS PROFISSIONAIS./ E A CADA DIA ELAS FORAM SENTINDO MAIS AS MODIFICAÇÕES NA ROTINA DE TRABALHO./

-SONORA: ISIS COELHO/ REPÓRTER
(PASTA 27.07.14/ PASTA NORMAL/ 0075) – de 28” a 1’23”

-SONORA: ANDRÉ LUIS/ CINEGRAFISTA
(PASTA 05.08.13/ PASTA DCIM) – de 3’51” a 4’09” cola com de 3’31” a 3’42”

-SONORA: ISIS COELHO/ REPÓRTER
(PASTA 27.07.14/ PASTA NORMAL/ 0075) – de 2’07” a 2’27”

-OFF- COM A TECNOLOGIA DIGITAL A CÂMERA PASSOU A TER MAIS RECURSOS QUE FACILITARAM A VIDA DAS EQUIPES DE REPORTAGEM./ MAS O EQUIPAMENTO TAMBÉM PASSOU A SER MAIS COMPLEXO./

-SONORA: HOBERDAN DIAS/ CINEGRAFISTA
(PASTA 27.07.14/ PASTA NORMAL/ 0060) – de 11’03” a 11’14” cola com (0061) de 1’09” a 1’13”

-OFF- OS CINEGRAFISTAS TIVERAM QUE APRENDER A PRESTAR ATENÇÃO EM DOIS ENQUADRAMENTOS AO MESMO TEMPO./ É POR ISSO QUE AS CÂMERAS VÊM COM UMA MARCAÇÃO NO VISOR QUE MOSTRA OS LIMITES DOS DOIS FORMATOS./

(IMAGEM NA PASTA 16.02.15 – MARCAÇÃO NOS VISORES)
(DESTACAR MARCAÇÕES - ARTE 2)

-SONORA: HOBERDAN DIAS/ CINEGRAFISTA
(PASTA 27.07.14/ PASTA NORMAL/ 0060) – de 4’53” a 5’07” cola com de 5’56” a 6’09”

-OFF- ANTES, AS REPORTAGENS PRONTAS E JÁ EXIBIDAS ERAM COPIADAS EM FITAS GRANDES, QUE FORMAVAM O ARQUIVO DA TV./ AGORA, ISSO TAMBÉM MUDOU./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0007) – de 6’48” a 7’16”

-SONORA: VANESSA ALVES/ CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO-CEDOC
(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0011) – de 1’11” a 1’32” cola com de 2’50” a 2’55”

-OFF- AS EQUIPES DE REPORTAGEM PASSARAM TAMBÉM A UTILIZAR O MOCHILINK, UMA ESTRUTURA PORTÁTIL DE TRANSMISSÃO AO VIVO VIA INTERNET./ A PRÓPRIA EQUIPE OPERA O MATERIAL QUE UTILIZA SETE CHIPS DE VÁRIAS OPERADORAS E AINDA PODE SER CONECTADO À REDE WI-FI./ EM 10 MINUTOS A ESTRUTURA ESTÁ PRONTA./

-OFF- A COMUNICAÇÃO DO REPÓRTER COM A TV É FEITA POR UM CELULAR, PARA SABER O MOMENTO DE COMEÇAR A PARTICIPAÇÃO./ ELE NÃO ESCUTA A PROGRAMAÇÃO QUE ESTÁ NO AR POIS O DELAY, QUE É O TEMPO DE RETORNO DE ESCUTA DO QUE ACABOU DE SER FALADO É DE CERCA DE 7 SEGUNDOS./ ISSO INVIABILIZA UMA INTERAÇÃO ENTRE O APRESENTADOR E O REPÓRTER./ UM PROBLEMA QUE SE ESPERA RESOLVER EM POUCO TEMPO COM O APERFEIÇOAMENTO DO SISTEMA./ A GRANDE VANTAGEM É QUE AS ENTRADAS AO VIVO PODEM SER FEITAS DE QUALQUER LUGAR QUE TENHA SINAL DE INTERNET./ É POSSÍVEL TAMBÉM ENVIAR IMAGENS PARA A EMISSORA A QUALQUER MOMENTO./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 16.02.15/ 0001) – de 3’37” a 3’48”

-OFF- MAS.../

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(Pasta 30.07.14/ Pasta 1/ 0007) – de 4’01” a 4’25”_

-OFF- É POR ISSO QUE O SISTEMA VIA MICROONDAS NÃO FOI APOSENTADO./ A TRANSMISSÃO É MAIS SEGURA, EMBORA SEJA RESTRITA A QUANTIDADE DE LUGARES ONDE É VIÁVEL UTILIZAR./ UM CARRO COM EQUIPAMENTOS DIGITAIS FOI TODO MONTADO PARA O ENVIO DO AUDIOVISUAL EM ALTA DEFINIÇÃO./

-OFF- UTILIZANDO OS DOIS SISTEMAS, OS EDITORES DE TEXTO PASSARAM A CONTAR COM A POSSIBILIDADE DE INCLUIR ENTRADAS AO VIVO DE DOIS LUGARES DIFERENTES, EM UM MESMO TELEJORNAL./ COM TANTAS OPÇÕES DE ENTRADAS AO VIVO, AMPLIOU A INCLUSÃO DE ASSUNTOS QUE NECESSITAM DE UMA ATUALIZAÇÃO MAIOR, COM IMAGENS AO VIVO DO LOCAL DO ACONTECIMENTO./

-OFF- O PROCESSO DE EDIÇÃO DE IMAGENS TODO NO COMPUTADOR REDUZIU O TEMPO GASTO COM A OPERAÇÃO E AUMENTOU AS POSSIBILIDADES./ LOGO DE CARA O MATERIAL GRAVADO CHEGA DIVIDIDO EM VÁRIOS VÍDEOS

PEQUENOS, FICANDO MAIS FÁCIL ACHAR AS IMAGENS DESEJADAS./ NO ANALÓGICO VINHA TUDO NUM VÍDEO SÓ, NA SEQUÊNCIA DA FITA./

-SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO
(PASTA 30.07.14/ PASTA NORMAL/ 0017) de 7'03" a 7'33"

-OFF- SE A MATÉRIA PRECISA DE UM DESENHO, UM GRÁFICO, UMA SIMULAÇÃO OU ALGO ELABORADO NO COMPUTADOR, O PROCESSO FICOU MAIS SIMPLES./ ANTES, O QUE ERA FEITO NO COMPUTADOR TINHA QUE SER PASSADO PARA UMA FITA, PARA DEPOIS SER INSERIDO NO VÍDEO DA MATÉRIA, EDITADA NUMA FITA./ AGORA, TANTO O VÍDEO QUANTO O QUE É CRIADO NO COMPUTADOR SÃO ARQUIVOS DIGITAIS, FACILMENTE MANIPULADOS NO MESMO PROGRAMA./

-OFF- OUTRA OPERAÇÃO FACILITADA FOI A DE RECEBER E ENVIAR MATÉRIAS PARA A TV CABO BRANCO, DE JOÃO PESSOA, EMISSORA PARCEIRA./

-SONORA: PIERRE TIBÉRIO/ EDITOR DE IMAGEM E DIRETOR DE TV
(PASTA 30.07.14/ PASTA 1/ 0004) – de 28" a 1'10"

-OFF- A PRODUÇÃO DE JORNALISMO FOI O SETOR QUE TEVE A ROTINA MENOS MODIFICADA PELA RECENTE TROCA DE EQUIPAMENTOS ANALÓGICOS./ É QUE O PESSOAL JÁ USA COMPUTADORES COM TECNOLOGIA DIGITAL DESDE A DÉCADA DE 90, QUANDO AS MÁQUINAS DE ESCREVER FORAM APOSENTADAS./ NO SWITCHER O ÚLTIMO EQUIPAMENTO A CHEGAR FOI A MESA DE ÁUDIO./

-OFF- APÓS A DIGITALIZAÇÃO TOTAL DA EMISSORA A EQUIPE AUMENTOU./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0006) – de 4'47" a 5'10"

-OFF- E PARA TENTAR MELHORAR A QUALIDADE DO TRABALHO COMO UM TODO, NOVOS PROCEDIMENTOS FORAM ADOTADOS./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0006) – de 5'26" a 5'42" cola com de 6'22" a 6'27"

-OFF- COM TODAS ESSAS MUDANÇAS A PRODUÇÃO DE VÍDEOS AUMENTOU E OS TELEJORNAIS PASSARAM A FORMAR GAVETAS, QUE SÃO REPORTAGENS PRONTAS, DE ASSUNTOS QUE PODEM SER ABORDADOS EM OUTROS DIAS./

-SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO
(PASTA 30.07.14/ PASTA NORMAL/ 0019) – de 25" a 47"

-OFF- DEPOIS DE UM ANO, ALGUNS POUCOS PROBLEMAS COM A TECNOLOGIA DIGITAL AINDA NÃO TINHAM SIDO RESOLVIDOS./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0006) – de 10’15” a 10’46”

-OFF- A PROGRAMAÇÃO DA TV PARAÍBA CHEGANDO EM ALTA DEFINIÇÃO NA CASA DOS TELESPECTADORES./ MAS SERÁ QUE, PRA QUEM ASSISTE, A TV DIGITAL NÃO DEVE IR ALÉM DE IMAGEM E SOM DE QUALIDADE?/

-SONORA: YVANA FECHINE/ JORNALISTA E PROFA. DRA. DA UFPE
(Pasta Recife 17.10.14/ 0011)

-SOBE SOM FINAL

-FIM DE OFF

Reportagem 4: Perspectivas

OFF

-SOBE SOM DE BG COM IMAGENS DE EQUIPAMENTOS DIGITAIS
BG – D’you Know What I Mean (parte da introdução a partir de 27”) (PASTA MÚSICAS PARA BG)

-PASSAGEM (pasta 15.02.15/ 0058) – 51”
“ALÉM DE MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM E SOM, A TV DIGITAL TRAZ OUTRAS CARACTERÍSTICAS”./

-SONORA: YVANA FECHINE/ JORNALISTA E PROF. DRA. DA UFPE
(Pasta Recife 17.10.14/ 0011) – de 33” a 50”

(pasta 15.02.15/ 0062)
“A CONVERGÊNCIA COM OUTRAS MÍDIAS COM A MESMA LINGUAGEM DIGITAL, COMO A INTERNET, TRAZ UMA SÉRIE DE OUTRAS FUNÇÕES PARA O APARELHO DE TELEVISÃO./ A MULTIPROGRAMAÇÃO, QUE É A POSSIBILIDADE DE UMA MESMA EMISSORA FAZER A TRANSMISSÃO SIMULTÂNEA DE DIFERENTES CONTEÚDOS EM UM MESMO CANAL, (QUE PODE SER DIVIDIDO EM ATÉ QUATRO) cortar essa parte e disfarçar o corte./ ISSO É POSSÍVEL POR CAUSA DA COMPACTAÇÃO DE DADOS DA TECNOLOGIA DIGITAL./

ATENÇÃO: A PARTIR DAQUI DEVE SER USADO VÁRIOS TAKES NA PASSAGEM. O MESMO VÍDEO DA PASSAGEM INICIAL FOI COLOCADO EM DISPOSITIVOS MÓVEIS. A PASSAGEM MOSTRA A MUDANÇA DE UM DISPOSITIVO PRO OUTRO, SEGUINDO O TEXTO.

(pasta 15.02.15/ 0065)

“UMA OUTRA CARACTERÍSTICA É A MOBILIDADE QUE POSSIBILITA QUE O SINAL PEGUE...”

(pasta 16.02.15/ pasta outros/ 0070)

“...TANTO NA TV DA SUA SALA...”

(pasta 16.02.15/ pasta outros/ 0064)

“DO SEU QUARTO...”

(pasta 16.02.15/ pasta outros/ 0065)

“...QUANTO NO SEU COMPUTADOR...”

(pasta 16.02.15/ pasta outros/0056)

“...E EQUIPAMENTOS MÓVEIS COMO UM TABLET...”

(pasta 16.02.15/ pasta outros/0058)

“...E UM CELULAR, INCLUSIVE EM MOVIMENTO,”

(volta ao normal o vídeo da passagem) (pasta 15.02.15/ 0065)

“E TEM TAMBÉM A INTERATIVIDADE”./

-SONORA: CARLOS FERRAZ/ PROF. DR. EM COMPUTAÇÃO DA UFPE

(Pasta Recife 17.10.14/ 0008) – de 2’44” a 3’27”

-OFF- PARA A IMPLANTAÇÃO DA TV DIGITAL NO PAÍS FOI CRIADO O SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO DIGITAL, COM BASE NO PADRÃO JAPONÊS./ FORAM DESENVOLVIDAS ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS, COMO O GINGA, QUE VIABILIZA OPERAÇÕES INTERATIVAS./

-RODA PÉ: Ginga

-SONORA: GUIDO LEMOS/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB

(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0004) de 10’ a 10’20” cola com de 12’12” a (continua no 0005) 17”

-RODA PÉ (quando ele diz middleware): O Ginga é o middleware da TV digital no Brasil

-OFF- E É COM ESSA TAL INTERATIVIDADE QUE OS PROFISSIONIAS DA TV PARAÍBA MAIS SONHAM./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(PASTA 20.07.2013/ 0015) de 7’26” a 7’50”

-SONORA: WALÉRIA ASSUNÇÃO: REPÓRTER E APRESENTADORA

(PASTA 23.07.13/ PASTA DCIM/ 0049) de 8’18” a 8’38”

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(PASTA 20.07.2013/ 0015) de 4’45” a 5’20”

-OFF- O SISTEMA IMPLANTADO JÁ PERMITE, MAS, DE ACORDO OS PESQUISADORES DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO, ESSA QUESTÃO NÃO ESTÁ AVANÇANDO COMO ESPERADO, POR ISSO, O FUTURO É INCERTO./

-SONORA: GUIDO LEMOS/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB

(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0005) de 10’23” a 10’51”

-SONORA: CARLOS FERRAZ/ PROF. DR. EM COMPUTAÇÃO DA UFPE

(Pasta Recife 17.10.14/ 0008) de 4'05" a 4'10" cola com de 4'28" a 4'52 cola com de 5'11" a 5'24"

-OFF- ENQUANTO A INTERATIVIDADE MAIS EFETIVA NÃO CHEGA NA TV PARAÍBA, OS JORNALISTAS, PRINCIPALMENTE OS APRESENTADORES, INTERAGEM COM O PÚBLICO ATRAVÉS DOS PERFIS PESSOAIS EM REDES SOCIAIS./

-SOBE SOM COM VÍDEO

(pasta 16.02.15/ pasta mais/ 0014) de “olá” até “uma história emocionante”

-OFF- VÍDEOS FEITOS PELO PÚBLICO SÃO ENVIADOS DIRETAMENTE PARA OS JORNALISTAS OU PARA O E-MAIL DA REDAÇÃO./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO

(PASTA 16.02.15/ pasta normal/ 0001) de 3'16" a 3'31"

-OFF- OS JORNALISTAS, UNS MAIS, OUTROS MENOS, PROCURAM CONHECER MELHOR OS EQUIPAMENTOS DIGITAIS NOVOS./ E COMO RESULTADO, ALGUNS BUSCAM FORMAS DIFERENTES DE PASSAR A NOTÍCIA./ POR ENQUANTO, TENTATIVAS AINDA INCIPIENTES./ ***Atenção: cortar essa última frase.

-SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO

(PASTA 30.07.14/ PASTA NORMAL/ 0016) de 39" a 1'18" cola com de 1'41" a 2'09" cola com de 2'58" a 3'11"

-OFF- BUSCAR ENTENDER COMO FUNCIONAM AS MÁQUINAS E ENXERGAR NOVAS POSSIBILIDADES É UMA NECESSIDADE CADA VEZ MAIOR PARA QUEM TRABALHA COM JORNALISMO./

-SONORA: YVANA FECHINE/ JORNALISTA E PROF. DRA. DA UFPE

(Pasta Recife 17.10.14/ 0011) – de 8'39" a 9'11"

-OFF- ALGUNS ESTUDIOSOS DA ÁREA DE COMUNICAÇÃO VÃO ALÉM NO QUE DIZ RESPEITO À UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS./ AFIRMAM QUE, PELA FACILIDADE DO MANUSEIO E CUSTO MENOR, A TENDÊNCIA É QUE OS JORNALISTAS SEJAM MULTIFUNCIONAIS, ACUMULANDO FUNÇÕES TÉCNICAS./

-SONORA: VALDECIR BECKER/ PROF. DR. E PESQUISADOR UFPB

(pasta 11.03.15 João Pessoa/ 0002) de 9'18" a 9'23" cola com de 10'43" a 11'15" cola com de 12'20" a (0003) 10"

-OFF- MAS, POR ENQUANTO, NA TV PARAÍBA, DA FORMA COMO O TRABALHO É ORGANIZADO, JORNALISTA MULTIFUNCIONAL NÃO É VISTO COMO ALGO VIÁVEL./

-SONORA: ISIS COELHO/ REPÓRTER

(PASTA 27.07.14/ PASTA NORMAL/ 0078) de 50" a 1' cola com de 1'06" a 1'14"

SONORA: RAFAEL MELO/ EDITOR DE TEXTO

(PASTA 30.07.14/ PASTA NORMAL/ 0016) de 10'59" a 11'39" cola com (0017) de 6" a 17"

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 30.07.14/ PASTA 2/ 0008) de 3'52" a 4'16" cola com de 4'51" a 5'25"

-OFF- PESQUISADORES ACREDITAM QUE A TV DIGITAL TROUXE MUDANÇAS TÉCNICAS, MAS, POR ENQUANTO, POUCO MODIFICOU OS FORMATOS DAS NOTÍCIAS./ PORÉM, HÁ PERSPECTIVAS DE UTILIZAÇÃO DE NOVOS FORMATOS./

-SONORA: YVANA FECHINE/ JORNALISTA E PROF. DRA. DA UFPE
(Pasta Recife 17.10.14/ 0011) de 2'33" a 3'19" cola com de 5'08" a 5'53"
(RODA PÉ no momento em que ela fala as expressão: Conteúdos Transmídias)
(RODA PÉ no momento em que ela fala a primeira vez "plataformas: Plataformas = Mídias)

-OFF- SE NÃO HOUVER MAIORES ESFORÇOS DO GOVERNO PARA IMPULSIONAR A UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS DA NOVA TECNOLOGIA, DOS EMPRESÁRIOS E DOS PROFISSIONAIS, O TELESPECTADOR NÃO VERÁ TANTAS MUDANÇAS E A TV DIGITAL NO BRASIL PODE ACABAR NÃO INDO MUITO ALÉM DE UMA MELHOR QUALIDADE DE SOM E IMAGEM, COMO ACONTECEU EM ALGUNS PAÍSES, A EXEMPLO DE PORTUGAL./

-SONORA: JORGE FERRAZ/ PROF. DR. DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO/ PORTUGAL
(Pasta Recife 17.10.14/ 0010) de 15" a 52"

-OFF-NA TV PARAÍBA NEM TODOS SE ESFORÇAM PARA FAZER DIFERENTE COM AS NOVAS FERRAMENTAS QUE TÊM EM MÃOS./

-SONORA: CARLOS SIQUEIRA/ APRESENTADOR E CHEFE DE REDAÇÃO
(PASTA 16.02.15/ 0001) de 1'39" a 2'34" cola com de 6'32" a 6'50" cola com de 7'04" a 7'32"

-OFF- AGORA A TV DIGITAL AINDA É NOVIDADE, AMANHÃ NÃO SERÁ MAIS, COMO SEMPRE ACONTECE COM TODOS OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS./

-OFF- O QUE VAI FAZER A DIFERENÇA É AQUILO QUE AS MÁQUINAS NÃO CONSEGUEM ELABORAR POR COMPLETO: O CONTEÚDO./ ESSE SIM, SAI DE MENTES DE PESSOAS ÚNICAS, CADA UMA COM SEU MODO DE PENSAR INCOPIÁVEL./ A TECNOLOGIA DISPONÍVEL PODE GANHAR UTILIZAÇÕES MIL, DEPENDENDO DE QUEM A UTILIZA./ A CAPACIDADE CRIATIVA E INOVADORA É A RESPONSÁVEL POR IMPULSIONAR AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES.//

-SOBE SOM FINAL.

-FIM DE OFF